



Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Português II

Volume 1

Ivo da Costa do Rosário

Mariangela Rios de Oliveira



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

Ministério da
Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Apoio:



FAPERJ

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua da Ajuda, 5 – Centro – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20040-000

Tel.: (21) 2333-1112 Fax: (21) 2333-1116

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-presidente

Masako Oya Masuda

Coordenação do Curso de Letras

UFF - Livia Reis

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Ivo da Costa do Rosário

Mariangela Rios de Oliveira

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

SUPERVISÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Fabio Peres

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Mariana Pereira de Souza

Milena Aguiar

AValiação DO MATERIAL DIDÁTICO

Thais de Siervi

Departamento de Produção

EDITOR

Fábio Rapello Alencar

COORDENAÇÃO DE REVISÃO

Cristina Freixinho

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Carolina Godoi

Cristina Freixinho

Patrícia Sotello

Thelenayce Ribeiro

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Ronaldo d'Aguiar Silva

DIRETOR DE ARTE

Alexandre d'Oliveira

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Ricardo Polato

ILUSTRAÇÃO

Sami Souza

CAPA

Sami Souza

PRODUÇÃO GRÁFICA

Verônica Paranhos

Copyright © 2013, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

P853m

Rosário, Ivo da Costa do

Português II. v. 1. / Ivo da Costa do Rosário, Mariangela Rios de Oliveira - Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2013.

186 p. ; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-7648-863-7

1. Português. 2. Gramática 3. Sujeito. 4. Predicado I. Viegas, Ilana Rebello II. Título.

CDD: 469.5

2013.2/2014.1

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT e AACR2.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral Filho

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia
Gustavo Reis Ferreira

Universidades Consorciadas

CEFET/RJ - CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO
TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA
Diretor-geral: Carlos Henrique Figueiredo Alves

UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO
Reitor: Silvério de Paiva Freitas

UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO
Reitor: Ricardo Vieira Alves de Castro

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Roberto de Souza Salles

UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO
Reitor: Carlos Levi

UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO
Reitora: Ana Maria Dantas Soares

UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO
Reitor: Luiz Pedro San Gil Jutuca

SUMÁRIO

Aula 1 – Introdução ao estudo do sintagma: sintaxe – definição e objeto _____	7
<i>Ivo da Costa do Rosário / Mariangela Rios de Oliveira</i>	
Aula 2 – Frase, oração e período _____	33
<i>Ivo da Costa do Rosário / Mariangela Rios de Oliveira</i>	
Aula 3 – Termos essenciais: o sujeito – introdução geral _____	57
<i>Ivo da Costa do Rosário / Mariangela Rios de Oliveira</i>	
Aula 4 – Tipos de sujeito _____	81
<i>Ivo da Costa do Rosário / Mariangela Rios de Oliveira</i>	
Aula 5 – Termos essenciais II: predicado _____	101
<i>Ivo da Costa do Rosário / Mariangela Rios de Oliveira</i>	
Aula 6 – Predicativo do sujeito e predicativo do objeto _____	121
<i>Ivo da Costa do Rosário / Mariangela Rios de Oliveira</i>	
Aula 7 – Termos integrantes I: complementos verbais _____	133
<i>Ivo da Costa do Rosário / Mariangela Rios de Oliveira</i>	
Aula 8 – Termos integrantes II _____	151
<i>Ivo da Costa do Rosário / Mariangela Rios de Oliveira</i>	
Aula 9 – Termos integrantes III: complemento nominal _____	163
<i>Ivo da Costa do Rosário / Mariangela Rios de Oliveira</i>	
Referências _____	181

Introdução ao estudo do sintagma: sintaxe – definição e objeto

Ivo da Costa do Rosário

Mariangela Rios de Oliveira

AULA

1

Meta da aula

Apresentar o conceito de sintaxe e seu objeto de estudo, no âmbito da oração em língua portuguesa.

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. conceituar sintaxe;
2. caracterizar os sintagmas como elementos constituintes da oração;
3. identificar as propriedades dos sintagmas;
4. distinguir os diferentes tipos de sintagmas.

INTRODUÇÃO

Em nosso dia a dia, vivemos *mergulhados* em frases, faladas e ouvidas, escritas e lidas, por nós e por nossos interlocutores. É um tal de *Bom-dia!*, *Poderia me dar licença?*, *Como vai?* *Tudo bem?*



Tudo nos parece muito simples, natural e espontâneo, não é? Porém, se observarmos com mais atenção esse verdadeiro mundo de frases, vamos perceber critérios e regras que permitem nossa comunicação através desses usos. Por exemplo, poderíamos falar, escrever ou mesmo entender algo como *Licença dar me poderia?* ou *Bem tudo?* Pois é, esta aula se dedica exatamente à área da gramática que se volta para o estudo da ordenação, dos mecanismos que nos permitem a comunicação por intermédio de frases e demais expressões, ou seja, a *sintaxe*.

O que é *sintaxe*? Como se caracteriza? Qual seu objeto? Essas são perguntas que vamos responder aqui.

Assim, nesta primeira aula, a proposta é definir o que é *sintaxe*, delimitar seu objeto e tratar do *sintagma*, a unidade sintática básica. De modo mais específico, examinaremos o conceito, os tipos, os usos e as características do sintagma. Esse é um momento muito importante, em que estaremos trabalhando com um dos níveis de análise linguística mais fundamental para a descrição e a interpretação da língua portuguesa – o nível sintático. Convidamos você a nos acompanhar nessa viagem!

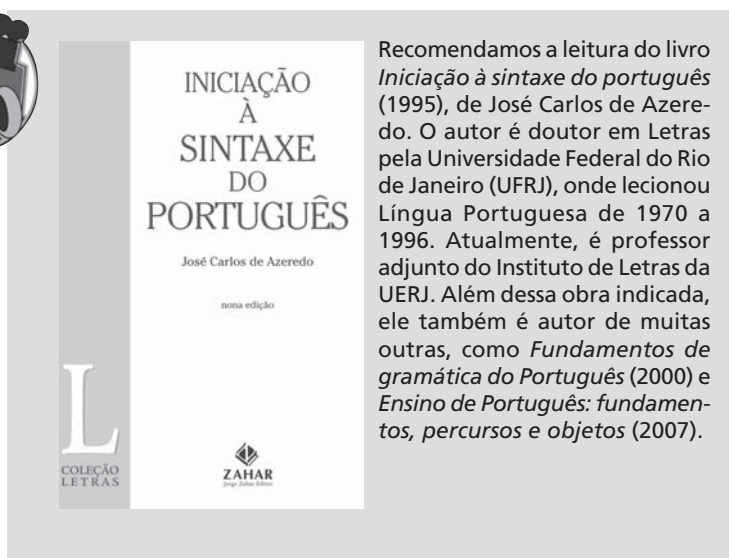
O QUE É *SINTAXE*?

Para as pessoas, de um modo geral, que já foram ou são estudantes, lidar com a sintaxe resume-se em classificar termos da oração e períodos, na tentativa de fixação de uma série de rótulos e regras sem maior reflexão e aplicabilidade no trato diário. Aliás, muitos pensam que só há aulas de português quando se faz a tradicional “análise sintática”, por anos repetida e poucas vezes compreendida.

Na verdade, a sintaxe é algo bem mais simples e fundamental em nosso cotidiano com a língua portuguesa. Trata-se de um dos níveis da gramática da língua.

Cada nível da gramática da língua constitui uma área de abordagem dos estudos linguísticos. Basicamente, reconhecemos a existência de três níveis: fonológico (fonemas e sílabas), morfológico (morfemas e palavras) e sintático (sintagmas, frases e períodos).

Partimos do conceito de gramática como o conjunto das regras e convenções que nos permitem fazer entender uns aos outros. Além da fonética e da fonologia, que lidam com a realização sonora e sua representação gráfica, e da morfologia, que trata das classes de palavra e sua estrutura, as convenções linguísticas do português incluem a *sintaxe*, ou seja, a parte da gramática que nos permite produzir e interpretar as frases da língua, inclusive aquelas que jamais havíamos ouvido, lido ou pronunciado, conforme se encontra em Azeredo (1995).



Recomendamos a leitura do livro *Iniciação à sintaxe do português* (1995), de José Carlos de Azeredo. O autor é doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde lecionou Língua Portuguesa de 1970 a 1996. Atualmente, é professor adjunto do Instituto de Letras da UERJ. Além dessa obra indicada, ele também é autor de muitas outras, como *Fundamentos de gramática do Português* (2000) e *Ensino de Português: fundamentos, percursos e objetos* (2007).

Para melhor entendermos do que estamos falando, vamos tomar dois provérbios de nossa língua, duas “frases feitas” que circulam tradicionalmente em nosso país:

(1) *De grão em grão a galinha enche o papo.*



(2) *Águas passadas não movem moinhos.*



Para compreendermos os provérbios citados, precisamos entender a ordem e a hierarquia em que seus elementos estão organizados. Estamos considerando *hierarquia* como o processo de vinculação e de subordinação dos elementos nesses provérbios; pela ordem hierárquica, esses elementos se vinculam e estabelecem dependência entre si. Assim, no primeiro provérbio, temos o modo da ação verbal (*de grão em grão*), depois o termo sobre o qual se faz a declaração (*a galinha*), seguido do comentário sobre esse ser (*enche o papo*). No segundo provérbio, surge em primeiro lugar o termo sobre o qual se declara algo (*águas passadas*), acompanhado imediatamente do comentário negativo (*não movem moinhos*). Via de regra, colocamos nas primeiras posições os constituintes mais importantes ou relevantes para nossos fins comunicativos, reservando as últimas posições para informações mais periféricas ou subsidiárias.

Essa capacidade de compreensão se dá no nível sintático, ou seja, no plano da ordenação dos constituintes. Para chegarmos a tal habilidade de construir e interpretar as frases do português, precisamos apenas estar “mergulhados” em nossa comunidade linguística, interagirmos uns com os outros e, assim, de modo quase automático, desenvolvermos essa capacidade fundamental para falar, escrever e compreender nosso idioma.

Para enfatizarmos como a ordem das palavras é fundamental no português, observemos estas duas frases:

(3) João seguiu Pedro na rua.



(4) Pedro seguiu João na rua.



Enquanto (3) nos informa que João praticou a ação de seguir Pedro, a frase (4) nos diz justamente o contrário – que foi Pedro quem seguiu João. Ora, a alteração de sentido na comparação de (3) e (4) ocorre justamente por causa da alteração na ordenação dos constituintes na estrutura da frase, ou seja, por causa da mudança sintática. Em (3), *João* aparece em posição inicial e é o agente da ação de *seguir*, que, por sua vez, incide sobre o alvo *Pedro*. Já em (4), a troca posicional dos nomes *João* e *Pedro* leva à troca de função desses constituintes, fazendo com que *Pedro* seja o agente, aquele que pratica a ação de seguir *João*, este que passa agora a ser o alvo da ação. Ambas as frases são finalizadas com a informação adicional sobre o local da perseguição (*na rua*), que, assim como *de grão em grão*, em (1), atua como um adendo, um informe adicional sobre a circunstância da ação.

As frases de que até agora tratamos – (1), (2), (3) e (4) – ilustram também a ordenação padrão em língua portuguesa, a sintaxe preferencial usada para interpretar e produzir frases: sujeito (S) + verbo (V) + complemento (C), ou simplesmente SVC. Isso significa que tendemos a considerar, em princípio, os nomes iniciais como agentes da ação verbal e os finais como os alvos, ou seja, os pacientes atingidos pela ação dos primeiros. As informações sobre circunstâncias da ação (modo, meio, tempo, lugar, entre outras) costumam se ordenar após o verbo, como papéis secundários ou *adjuntos*. Assim, do ponto de vista sintático, temos a seguinte organização estrutural das frases até aqui vistas:

(1) *De grão em grão (a galinha) (enche) (o papo).*

↓	↓	↓	↓
ADJUNTO	S	V	C

(2) *(Águas passadas) (não movem) (moinhos).*

↓	↓	↓
S	V	C

(3) *(João) (seguiu) (Pedro) na rua.*

↓	↓	↓	↓
S	V	C	ADJUNTO

(4) *(Pedro) (seguiu) (João) na rua.*

↓	↓	↓	↓
S	V	C	ADJUNTO

Evidentemente, essa ordenação SVC pode sofrer alterações, acréscimos, intercalações, enfim, uma série de modificações para atender a necessidades comunicativas. Assim, por exemplo, observamos que em (1) a frase não se inicia pelo sujeito, mas pelo modo da ação do sujeito (*de grão em grão*). No uso padrão ou mais “neutro”, essa informação estaria ao final da frase, após o verbo e seu complemento, fechando a declaração, como um tipo de adendo, como ocorre em (3) e (4), em que o adjunto *na rua* aparece ao final, mas se usarmos essa estratégia em (1) teríamos a seguinte ordenação:

(5) *A galinha enche o papo de grão em grão.*

Será que alguém usaria assim o provérbio? Já ouvimos ou lemos um registro como esse? Parece muito pouco provável. Embora (5) esteja gramaticalmente “correta”, porque dispõe os constituintes na ordem padrão (SVC + circunstância de modo) e articula sentido capaz de ser interpretado por qualquer usuário do português, podemos dizer, sem dúvida, que é inadequada do ponto de vista discursivo ou textual. Se pensarmos que os provérbios são sínteses ou máximas da conduta humana, poderemos justificar a antecipação do adjunto *de grão em grão* como uma estratégia gramatical, operada no nível sintático, motivada por fatores discursivos. Essa estratégia visa pôr em relevo justamente o ponto mais importante que se deve destacar no provérbio – o modo como devemos agir na vida: de forma contínua e perseverante (*de grão em grão*). Tal antecipação, portanto, destaca a maneira pela qual devem agir as pessoas, o que faz com que a informação sobre o modo apareça em primeiro lugar.

Assim, podemos dizer que, embora a sintaxe da língua portuguesa não seja totalmente rígida, permitindo algumas alterações posicionais ou intercalações, entre outros procedimentos, as mudanças operadas na ordenação padrão (SVC + adjunto) provocam efeitos discursivos distintos, constituindo, portanto, outros modos de dizer e de comunicar. Observemos como ficariam (3) e (4) com algumas mudanças sintáticas:

(6) *Na rua, João seguiu Pedro.*

(7) *Pedro, na rua, seguiu João.*

Em (6), o adjunto *na rua* encontra-se em posição inicial, destacando o local percorrido por *João* (S) para seguir *Pedro* (C). A frase (6), ainda que tenha correspondência com (3), distingue-se desta pela ênfase dada ao espaço onde ocorre a ação.

Já em (7) temos um outro tipo de efeito de sentido, criado pela intercalação do adjunto *na rua*, que se situa entre *Pedro* (S) e *seguiu* (V). Nessa frase, tanto o sujeito como o local são salientados, ilustrando um terceiro tipo de arranjo sintático a partir de uma mesma ordenação padrão.

Ainda poderíamos organizar uma outra sintaxe, de frequência provavelmente menor na língua, mas ainda possível do ponto de vista estritamente gramatical:

(8) *Pedro seguiu, na rua, João.*

A pouca probabilidade de ocorrência da frase (8) deve-se ao fato de o adjunto *na rua* promover a ruptura do V *seguir* e de seu C *João*, ocasionando um tipo de organização sintática mais raro na língua, haja vista a grande proximidade estrutural e integração conceitual que costumam caracterizar o verbo e seu complemento. Aliás, não é por outro motivo que a tradição gramatical rotula essa composição de V e C de *predicado*, no entendimento de que se trata de um todo, em termos de forma e de sentido.

Na modalidade escrita, quando ocorrem alterações na organização sintática padrão, pode-se usar a pontuação para marcar antecipações ou intercalações de constituintes. Por isso, nas frases (6), (7) e (8), utilizamos a vírgula para acentuar a ruptura de sentido e de forma. Esse recurso constitui mais um procedimento de destaque do adjunto *na rua*. Pelo mesmo motivo, o provérbio expresso em (1) também poderia ter o adjunto *de grão em grão* separado por vírgula, constituindo uma outra estratégia de ênfase. Dizemos apenas que “poderia” porque não estamos tratando de uma regra, de um procedimento obrigatório. O que vai fazer com que se use ou não a vírgula nessa e em outras situações similares é a necessidade comunicativa, o efeito pretendido.

Desta forma, quanto maior a intenção ou a necessidade de destacar ou enfatizar a circunstância expressa, maior a motivação para o uso da vírgula como marcação de pausa, de ruptura no nível sintático (estrutural) e no nível semântico (significativo). Por outro lado, constituintes muito

vinculados não devem ser separados por pausa, daí porque não devemos usar vírgula quando lidamos com a sintaxe padrão SVC tal como ocorre em (2). Em geral, quando o adjunto está depois de SVC, como em (3) e (4), também não é usada vírgula.

A partir das considerações apresentadas até agora, voltamos à pergunta inicial: *O que é sintaxe?* Diante dos aspectos expostos e discutidos, podemos elaborar uma segunda definição, mais específica e precisa, para esta nossa unidade de estudo: *sintaxe é a parte da gramática que descreve e interpreta a ordenação e a combinação hierárquica dos constituintes nas frases de uma língua.*

Agora que vocês já sabem o que é sintaxe, na próxima seção estudaremos o objeto de descrição e análise da sintaxe: o sintagma. Estão prontos?

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Com base na definição de *sintaxe* apresentada neste capítulo – *parte da gramática que descreve e interpreta a ordenação e a combinação hierárquica dos constituintes nas frases de uma língua* –, responda por que:

a) É possível compreender a frase “Napoleão temia que as tartarugas desovassem no seu imponente chapéu” (AZEREDO, 1990).

b) Está cancelada a possibilidade de ocorrência da ordenação “Seu imponente temia as que chapéu desovassem Napoleão tartarugas no”.

RESPOSTA COMENTADA

A frase (a), embora tenha um sentido meio “excêntrico”, nas palavras de Azeredo (1995), está de acordo com a sintaxe do português, apresentando o sujeito (Napoleão), seguido do verbo (temia), de seu complemento (que as tartarugas desovassem) e do adjunto locativo (no seu imponente chapéu). Os sintagmas encontram-se aí bem formados, e essa ordenação padrão permite que os usuários

do português atribuem sentido à frase, mesmo que esse sentido seja um pouco estranho.

Em (b) não podemos sequer falar em frase, uma vez que os constituintes não se encontram organizada e hierarquicamente ordenados; assim, não há sintaxe, uma vez que não há uma ordenação capaz de fazer sentido.

O OBJETO DA SINTAXE – O SINTAGMA



Anselmo Garrido

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/8/80/80itenta/1152267_office_1.jpg

Com base na definição anterior, podemos identificar agora o objeto da sintaxe, ou seja, o elemento básico sobre o qual se debruçam a descrição e a análise sintática. Se observarmos com mais cuidado os comentários feitos com base nas frases de (1) a (8) anteriormente apresentadas, verificaremos que a sintaxe não lida com fonemas e sílabas, como a fonologia, nem com vocábulos e afixos, como a morfologia, mas com unidades maiores, arranjos de um ou mais constituintes, em geral dispostos hierarquicamente, na composição de *sintagmas*. Estes são, de fato, os objetos da sintaxe.

Para seu melhor entendimento, esta seção será dividida em três subseções, que tratarão da caracterização, das propriedades e da classificação do sintagma, nesta mesma ordem de apresentação. Vamos então à caracterização do sintagma?

Caracterização

Em geral, o sintagma é formado por dois ou mais “elementos consecutivos, um dos quais é o DETERMINADO (principal) e o outro o DETERMINANTE (subordinado)” (KURY, 1986, p. 9). Assim, a concepção do sintagma é mais ampla do que a do vocábulo e mais restrita do que a da frase, situando-se em posição intermediária entre essas duas dimensões. Retomemos o exemplo (1) para ilustrar nosso comentário:

(1) *De grão em grão/a galinha/enche [o papo].*

Em (1), usamos barras para separar os três sintagmas que formam o provérbio. Podemos verificar que as separações coincidem com funções já referidas na seção “O que é *sintaxe*?”. Assim, o sintagma inicial *de grão em grão* atua como expressão do modo; o seguinte, *a galinha*, codifica o sujeito, enquanto o último, *enche o papo*, funciona como predicado, formado pelo verbo e seu complemento.

Em termos de hierarquia interna, podemos dizer que dois desses sintagmas se articulam por subordinação, como tende a ocorrer na maioria das formações sintagmáticas: *la galinha/e enche [o papo]*. No sintagma *a galinha*, o primeiro termo, o artigo *a*, é o determinante, enquanto o segundo, o substantivo *galinha*, por ser o principal entre os dois constituintes desse sintagma, é o determinado. No sintagma *enche o papo*, temos o verbo como elemento principal ou determinado, seguido de seu complemento, *o papo*, na função de determinante. Porém, esse último sintagma possui ainda uma outra hierarquia interna, marcada aqui por colchetes, já que o complemento *o papo* também constitui um sintagma, em que o nome *papo* representa o elemento principal, determinado, e o artigo definido *o* atua como seu determinante.

Já o sintagma *de grão em grão* não apresenta hierarquia entre seus constituintes, uma vez que as duas ocorrências de *grão* situam-se no mesmo nível hierárquico, ou seja, são correspondentes, não há

determinantes e determinados. Esse modo de organização, em que os constituintes se encontram no mesmo nível, pode ser encontrado basicamente na formação de construções compostas, em torno da partícula aditiva *e*, como em *galinha e pato* ou *papo e estômago*, por exemplo. Quando assim acontece, dizemos que se trata de coordenação, ou seja, de relações *horizontais*, pois não há um elemento principal em relação aos demais, por isso são desprovidas de hierarquia. Por outro lado, a subordinação estabelece relações *verticais*, em que um dos constituintes funciona como elemento principal ou determinado.

Encerramos aqui a caracterização do sintagma. Observamos que ele é formado por dois ou mais constituintes consecutivos, sendo um o determinado, o principal, e o outro, o determinante, o subordinado. Vamos, na próxima subseção, estudar as propriedades do sintagma.

Propriedades



Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/b/br/bre-dmaker/1280927_ticked_checkbox.jpg

Para que uma unidade seja considerada um sintagma, deve preencher alguns requisitos básicos, em termos de mobilidade, posição e organização interna. Tais requisitos constituem, portanto, critérios para a definição e a delimitação de sintagmas. Conforme Azeredo (1995, p. 32-33), são três as “peculiaridades distribucionais” dos sintagmas:

1) *Deslocamento*: o sintagma se desloca na frase como um todo, para posições iniciais, mediais ou finais, não admitindo movimento de apenas um ou de alguns de seus constituintes. Assim, por exemplo, na frase (2), a seguir retomada, os deslocamentos somente são possíveis quando realizados por sintagmas completos. Nesse caso, temos dois sintagmas em questão – *águas passadas* e *não movem*. *Moinhos* é um complemento considerado como um sintagma interno ao predicado *não movem moinhos*. Veja:

(2) *Águas passadas/não movem [moinhos]*.

(9) *Não movem [moinhos]/águas passadas.*

(10) *[Moinhos] não movem/águas passadas.*

(11) *[Moinhos] águas passadas/não movem.*

(12) *Águas passadas [moinhos]/não movem.*

As frases ilustradas de (9) a (12) constituem outras possíveis ordenações a partir de (2), cuja sintaxe segue o padrão mais regular (SVC), de acordo com o que vimos na seção “O que é *sintaxe*?”. Conforme podemos observar, apesar da variedade de arranjos dessas frases, os deslocamentos ocorrem com a preservação dos sintagmas *águas passadas* e *não movem*, que se movimentam “em bloco”. Tal como verificado em (1) com *o papo* em “De grão em grão a galinha *enche o papo*”, também em (2) temos a possibilidade de lidar com o complemento *moinhos* considerado como um sintagma interno ao predicado, num nível hierárquico mais baixo que este. Por essa razão, admitimos, ainda que com probabilidade de ocorrência muito restrita, o deslocamento de *moinhos* na frase.

Um outro aspecto semântico-sintático revelado pela propriedade do deslocamento é que, além de o movimento no interior da frase ser feito pelo sintagma na íntegra, constatamos a fixação interna da ordem dos constituintes sintagmáticos. Assim, por exemplo, além de *águas passadas* somente poder se reordenar em bloco, não podemos alterar a ordem de seus constituintes internos, como em *passadas águas*, sob pena de estarmos construindo um novo sintagma, distinto do original na forma e no conteúdo. O mesmo se pode dizer em relação a *não movem*. Tal característica ratifica a interpretação do sintagma como o verdadeiro objeto da sintaxe.

2) *Substituição*: o sintagma é uma só estrutura de sentido e de forma, então pode ser substituído por uma unidade simples, como um pronome ou sinônimo. Para ilustrar essa propriedade, vejamos novamente a frase (3) e as possibilidades de substituição de três constituintes sintagmáticos, sugeridas em (13):

(3) *João/seguiu [Pedro]/na rua.*

(13) *Ele/seguiu-o/lá.*

Como vimos, por intermédio de pronomes, realizam-se as três substituições nos sintagmas de (3): o pronome reto *ele* ocupa o lugar de *João*; o pronome oblíquo *o* substitui *Pedro*, e o pronome *lá* fica na posição e função do adjunto adverbial de lugar *na rua*. Para chegar ao sentido dos pronomes *ele*, *o* e *lá*, ou seja, para entendermos a que termos esses itens se referem, é necessário observar em que contexto (13) está inserido. Para tanto, o conceito de **ANÁFORA** é fundamental.

Como vemos pela definição de *anáfora*, os pronomes ilustrados em (13) são de fato recursos anafóricos, já que estão no lugar de outros nomes, fazendo referência a constituintes que apareceram antes no texto.

Portanto, as operações de substituição do tipo pronominal, como a que apresentamos em (13), requerem, para o entendimento do conteúdo veiculado, o auxílio ao contexto discursivo, a fim de que se estabeleçam as relações textuais, principalmente as *anafóricas*, necessárias à identificação dos referentes indicados por *ele*, *o* e *lá*. Em outras palavras, a frase (13) está fortemente vinculada ao contexto de sua produção, de tal modo que, para sabermos o conteúdo de *ele*, *o* e *lá*, devemos recorrer ao contexto maior em que a frase está inserida.

Nos procedimentos de substituição em (3), devemos destacar ainda o fato de *Pedro* – como sintagma de nível hierárquico mais baixo, constituinte de sintagma mais amplo, o verbo “seguiu” – admitir a substituição. Tal fenômeno comprova sua relativa autonomia em relação a *seguiu* (V).

3) *Coordenação*: o sintagma admite a interposição de um conectivo coordenativo entre seus constituintes, de modo a se estabelecer equivalência funcional, ou coordenação, desses elementos. Retomemos (3) e, a seguir, vejamos como o processo de coordenação pode fornecer pistas para a identificação de sintagmas:

(3) *João/seguiu [Pedro]/na rua.*

(14) *João e Marcos/viram e seguiram/[Pedro e José]/na rua e no viaduto.*

A frase (14) ilustra um tipo de “expansão” de (3) por intermédio da coordenação articulada no interior dos sintagmas. Assim, dizemos que as funções sintáticas cumpridas pelos constituintes *João*, *seguiu*,

ANÁFORA

Mecanismo sintático que utiliza um termo para fazer referência a um outro termo anterior que ocorre na mesma frase ou texto.

Pedro e na rua em (3) se apresentam, em (14), sob forma dos respectivos compostos *João e Marcos, viram e seguiram, Pedro e José, na rua e no viaduto*. O fato de esse teste ser possível em quatro ocasiões indica que temos, em (3), quatro sintagmas.

Portanto, o deslocamento, a substituição e a coordenação constituem não só as propriedades do sintagma como também procedimentos que podemos e devemos utilizar para identificar e distinguir, numa frase qualquer da língua portuguesa, suas unidades sintáticas fundamentais – os sintagmas. Na próxima subseção, então, veremos a classificação dos sintagmas segundo sua composição interna.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 2 e 3

2. Observe o provérbio a seguir, já separado por sintagmas.

Gato escaldado/tem [medo]/de água fria.

Agora, vamos testar, a partir das propriedades do sintagma apresentadas nesta aula, se, de fato, estamos diante de três sintagmas. Para tanto, você deverá rearrumar os sintagmas, criando três novas ordenações que ilustrem cada uma das seguintes propriedades:

a) Deslocamento:

b) Substituição:

c) Coordenação:

RESPOSTA COMENTADA

Há algumas sugestões possíveis, que atendem ao comando da Atividade 2. Entre essas possíveis respostas, destacamos as que estão arroladas:

a) Deslocamento:

Tem medo de água fria gato escaldado.

De água fria tem medo gato escaldado.

b) Substituição:

Ele tem medo de água fria.

Gato escaldado tem medo dela.

c) Coordenação:

Gato escaldado e esperto tem medo de água fria.

Gato escaldado tem medo e pânico de água fria.

Gato escaldado tem medo de água fria e suja.



Lavinia Marín

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/a/al/alesia17/876083_notepad_with_old_pen.jpg

De acordo com Azeredo (1995, p. 43), são cinco os tipos de sintagma que podemos identificar no português. Tal classificação depende da composição interna dessas unidades. Trataremos, a seguir, de cada uma delas:

- SINTAGMA NOMINAL (SN)

Como o nome já indica, esse tipo de sintagma tem como determinado, ou núcleo, um substantivo comum, que poderá estar acompanhado de determinantes. Os determinantes que costumam anteceder o núcleo do SN são basicamente artigos e pronomes (demonstrativos, indefinidos, possessivos, entre outros). Os determinantes que sucedem o núcleo do SN são nomeados mais especificamente de “modificadores” e cumprem a tarefa de qualificar o núcleo referido. Em geral, os determinantes de um SN organizam-se também em sintagmas, subordinados ao núcleo do SN. Hierarquicamente, portanto, o substantivo tem o principal papel no SN, enquanto os demais constituintes cumprem função secundária.

Nas frases já vistas, podemos levantar alguns exemplos de SN, como *a galinha* e *o papo*, em (1), em que os determinantes *a* e *o* precedem os núcleos nominais *galinha* e *papo*, respectivamente, e *águas passadas*, em (2), no qual o determinante modificador *passadas* sucede o núcleo *águas*.

Algumas funções sintáticas são cumpridas específica e exclusivamente por SN. Em (1), *De grão em grão/a galinha/enche [o papo]*, o SN *a galinha* cumpre a função de sujeito. Assim como em (2), *Águas passadas/não movem [moinhos]*, o SN *águas passadas* também cumpre a função de sujeito. O SN pode também cumprir a função de objeto direto, como em (1) acima: vemos que *o papo* é o objeto direto do verbo transitivo direto *enche*. Assim, *o papo* integra um sintagma maior, como o predicado ou sintagma verbal (que estudaremos no próximo tópico).

Os conceitos de sujeito, predicado, objeto e outros serão explanados ao longo dos próximos capítulos de nosso curso.



Jerry Liu

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/jjl/jliudesign/1310209_bluepaperclip.jpg

• SINTAGMA VERBAL (SV)

Trata-se de uma unidade caracterizada pela presença obrigatória do verbo. Essa unidade tem a função sintática específica de “predicado”. Em geral, o SV é constituído por outros sintagmas, que atuam como determinantes dentro do SV.

Nas frases (2) *Águas passadas/não movem [moinhos]* e (3) *João seguiu Pedro na rua*, aqui tratadas, podemos identificar, respectivamente, os seguintes sintagmas verbais, que atuam como predicado: *não movem moinhos* em (2), e *seguiu Pedro na rua* em (3).

Como mencionamos, nas unidades exemplificadas no parágrafo anterior, *moinhos*, *Pedro* e *na rua* cumprem função secundária, como determinantes dentro do SV, uma vez que atuam na complementação do sentido verbal (*moinhos*, *Pedro*) ou na atribuição de sentido espacial (*na rua*). No cumprimento dessa função periférica, esses constituintes se organizam internamente também como sintagmas. É justamente por esse motivo que é possível proceder aos exercícios de deslocamento, substituição e coordenação dessas unidades, como visto anteriormente, pois, embora participem de uma estrutura maior, dentro do SV, encontram-se aí internamente organizados também como sintagmas, mesmo em nível mais baixo de importância.

• SINTAGMA ADJETIVO (SAdj)

Neste tipo de sintagma, o núcleo ou determinado é um adjetivo, que pode estar acompanhado de determinante, como artigo, pronome ou numeral, por exemplo.

Na hierarquia que caracteriza as relações sintagmáticas, o SAdj participa da organização do SN, como parte periférica deste, atuando na condição de estratégia qualificadora. Por qualificar o núcleo do SN que o precede ou sucede na organização da frase, o SAdj concorda em gênero e número com esse núcleo.

De acordo com a sintaxe mais regular da língua portuguesa, o SAdj tende a se colocar após o núcleo do SN, no que chamamos “ordenação canônica”. Numa outra alternativa, mais rara e desencadeadora de efeitos de sentido específicos, o SAdj pode aparecer à frente do núcleo do SN. Em geral, a vinculação entre esse núcleo e o SAdj é tão forte que não se admite alteração nas posições desses constituintes.

Podemos ilustrar essa vinculação com o SN *águas passadas*, em (2), em que *passadas* (SAdj), também no feminino e no plural, concorda com o núcleo *águas*, funcionando como seu determinante. Seria possível dizermos *passadas águas*? Talvez sim, mas essa possibilidade seria pouco provável. Ademais, a anteposição do SAdj *passadas* criaria alguma alteração de sentido. *Águas passadas* são águas que passaram, correspondentes a *antigas*, por exemplo; por outro lado, *passadas águas* destaca o valor verbal do particípio *passadas*, que poderia ser traduzido por *quando* (ou *se*) as *águas passarem*. Consideração semelhante podemos fazer a partir de outros arranjos sintáticos correspondentes que temos em português, como *homem pobre/pobre homem*, *mulher grande/grande mulher*, *cão amigo/amigo cão*, e assim por diante.

No caso específico do SAdj, em geral, essa ordem canônica, que é após o núcleo do SN, tende a expressar conteúdo mais referencial e objetivo (*águas passadas, homem pobre, mulher grande, cão amigo*), enquanto a anteposição ao núcleo do SN cria efeitos mais subjetivos (*passadas águas, pobre homem, grande mulher, amigo cão*). Trata-se, portanto, não só de uma questão de estruturação da frase, mas de conteúdos distintos. Esse pequeno teste demonstra como é forte a relação entre semântica e sintaxe, ou seja, como o sentido veiculado é afetado pela ordenação dos constituintes.

- SINTAGMA ADVERBIAL (SAdv)

O sintagma adverbial, como o nome indica, tem como determinado um advérbio. Via de regra, o sentido veiculado pelo SAdv incide sobre o verbo da frase. Dessa forma, assim como o SAdj se subordina ao núcleo do SN, o SAdv se subordina ao núcleo do SV. Ambos – SAdj e SAdv – ocupam posições e articulam sentidos subsidiários nos sintagmas maiores que integram.

O SAdv funciona na expressão de uma série de circunstâncias referentes à ação verbal, como o local, o tempo, o modo, o meio, a intensidade, entre outras de menor frequência. Devido a seu caráter marginal em relação ao SV, já que funciona como elemento periférico, atribuidor de circunstâncias do SV, o lugar canônico do SAdv na frase é na parte final, após o núcleo do SV e seus complementos

Tomemos a frase (3) como exemplo. Podemos, por um processo de “expansão” de sentido e de forma, ampliá-la para a (15) com a posição de uma série de SAdv, que vão concorrer para a expressão de variados sentidos da ação verbal:

(3) *João seguiu Pedro na rua.*

(15) *João seguiu Pedro na rua atentamente ontem.*

Em (15), o que fizemos foi, ao final da frase, justapor a *na rua* mais duas circunstâncias ao ato praticado por João, respectivamente, o modo (*atentamente*) e o tempo (*ontem*). Essa série de três constituintes pode ser interpretada como um só SAdv, composto por três núcleos, ou ainda, com base nas distintas circunstâncias articuladas, podemos admitir que cada qual representa um SAdv específico.

Quando enfatizamos o conteúdo expresso pelo SAdv em uma frase, o sintagma passa a ocupar posição inicial ou intermediária. Na modalidade oral, essa antecipação ou intercalação é acompanhada por pausa; na escrita, costumamos usar vírgula para tal marcação. Com base em (15), são muitas as possibilidades de (re)ordenação dos SAdv. Vamos ilustrar apenas duas:

(16) *Atentamente, João seguiu Pedro na rua ontem.*

(17) *Ontem, João seguiu Pedro na rua atentamente.*

O que motiva a ordem dos sintagmas em (16) e (17) é o tipo de destaque que se faz ou não das circunstâncias expressas. Em (16), enfatiza-se o modo da ação; em (17), o tempo. Como já referimos anteriormente, não estamos discutindo acerca de arranjos sintáticos “certos” ou “errados”, mas tratando da adequação das frases e suas diversas opções de ordenação e dos efeitos dessas opções quando são usadas.

- SINTAGMA PREPOSICIONAL (SPrep)

Também chamado de *sintagma preposicionado*, esse tipo de unidade é constituído a partir de dois arranjos distintos: preposição + SN ou preposição + SAdv. Tal como o SAdj e o SAdv, o SPrep ocupa posição hierárquica inferior em relação ao SN e ao SV, uma vez que funciona como determinante, ou subordinado, destas unidades maiores.

Ao lado do núcleo do SN e do núcleo do SV, o SPrep pode constituir um complemento ou um adendo a esse núcleo. Na função de adendo, o SPrep cumpre papel atributivo, atuando como um adjetivo ou circunstancial. Como são diversas as preposições e sua frequência é grande, os SPreds constituem um tipo de unidade muito usada na sintaxe do português.

Em (1), a unidade inicial *de grão em grão* é um SPrep de valor adverbial; em (3) e (4), o SPrep *na rua* também atua com função adverbial.

No interior do predicado, o SPrep tende a complementar determinados verbos, como por exemplo *gostar* e *precisar*, que requerem a posição de unidades do tipo *de chocolate* e *de dinheiro*, respectivamente.

Assim, o SPrep pode atuar como um adjunto adverbial, como *de grão em grão* ou *na rua*, ou como um complemento verbal, como *de chocolate* e *de dinheiro*. Pelo que estamos vendo, o SPrep é um tipo de formação

iniciada por preposição, podendo cumprir funções distintas na oração. Por causa dessa possibilidade, o SPrep pode também funcionar, atuar como um SAdv, tal como *de grão em grão* e *na rua*; nesses casos, além de SPrep, pois se iniciam por preposição, essas expressões são também SAdv, pois se referem às circunstâncias de modo e lugar, respectivamente.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 4

3. Os versos a seguir foram extraídos da música “Eu te devoro”, de Djavan. Classifique os sintagmas destacados em SN, SV, SAdj, SAdv ou SPrep:

Teus sinais ()

Me confundem **da cabeça aos pés** ()

Mas **por dentro** () eu **te devoro** ()

Teu olhar ()

Não me diz exato () quem tu és

Mesmo assim eu te devoro.

RESPOSTA COMENTADA

Na música “Eu te devoro”, o autor utiliza-se de distintos sintagmas para compor a letra. Esses sintagmas têm estrutura e caracterização diversificadas. Assim, temos: **Teus sinais** (SN)/**Me confundem da cabeça aos pés** (SPrep)/**Mas por dentro** (SPrep) eu **te devoro** (SV)/**Teu olhar** (SN)/**Não me diz exato** (SV) quem tu és/**Mesmo assim eu te devoro**.

CONCLUSÃO

Como tivemos a oportunidade de observar, a nossa língua estrutura-se sintaticamente na forma de sintagmas. Assim, quando nos comunicamos, seja na forma oral seja na escrita, estamos produzindo textos que refletem a organização estrutural apresentada ao longo desta primeira aula, ou seja, utilizamos SNs, SVs, SAdjs, SAdvs e SPreps. Esse uso geralmente costuma ser natural, uma vez que o usuário da língua utiliza esses elementos básicos sem ter controle sobre como são classificados nas gramáticas ou manuais da tradição gramatical.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 2, 3 e 4

Leia as quatro primeiras estrofes do poema, de Mara Frantz:

Poema pontual

O ponto de ônibus
sempre lotado;

O ponto da agulha
sempre enrolado;

O ponto do serviço
sempre atrasado;

O ponto de história
nunca lembrado; (...)

a) A constituição sintática das estrofes revela uma forma mais ou menos fixa ao longo dos versos que compõem o poema. Em outras palavras, apresenta uma estrutura paralelística, em que todos os versos são iniciados e terminados da mesma forma. Podemos afirmar que há, em cada estrofe, a presença de pelo menos um SN? Por quê?

b) Observe a primeira estrofe do poema. Você é capaz de localizar a existência de um SAdj? Comprove sua resposta adotando as propriedades do *deslocamento*, da *substituição* e da *coordenação*.

c) Observe que a palavra *ponto* apresenta diferentes conotações ao longo das quatro estrofes, ou seja, possui diferentes sentidos. É correto afirmarmos que, por conta dessa constatação, a sua classificação sintática varia? Por quê?

RESPOSTA COMENTADA

a) Sim, em todas as estrofes destacamos a existência de pelo menos um SN. O primeiro verso de cada estrofe é sempre composto por um SN, já que possui como determinado, como núcleo, um substantivo comum, “ponto”, que, no poema, é acompanhado por determinantes diversos.

b) Na primeira estrofe, assim como nas demais estrofes, detectamos a existência de um SAdj, visto que o SN é sempre caracterizado por um adjetivo presente no segundo verso. Pela propriedade do deslocamento, por exemplo, poderíamos considerar “(sempre) lotado o ponto de ônibus”. Pela propriedade da substituição, haveria a possibilidade de termos “o ponto de ônibus sempre vazio”. Por fim, pela propriedade sintática da coordenação, seria possível uma estrofe como “o ponto de ônibus sempre lotado e desprotegido”. Essas são algumas possibilidades de testes.

c) Não. Apesar de semântica (o estudo do significado) e sintaxe (o estudo dos sintagmas) apresentarem vez ou outra algumas interpenetrações, neste caso, o significado da palavra ponto não interfere em nossa análise. Embora com sentidos distintos, em todas as suas ocorrências, a cada estrofe, a palavra ponto integra o núcleo do SN.

RESUMO

A *sintaxe* é algo muito simples e fundamental em nosso cotidiano, visto que é por meio dela que estruturamos o nosso discurso falado ou escrito. Comumente atribuímos o termo *sintaxe* à parte da gramática que se dedica ao estudo do sintagma, ou seja, dois ou mais elementos consecutivos, um dos quais é o determinado (principal) e o outro o determinante (subordinado). Azeredo (1995) propõe a existência de algumas propriedades para que consideremos um elemento como sintagma. Entre elas, destacam-se: a) deslocamento (o sintagma se desloca na frase como um todo, para posições iniciais, mediais ou finais); b) substituição (o sintagma pode ser substituído por uma unidade simples, como pronome ou sinônimo); c) coordenação (o sintagma admite a interposição de um conectivo coordenativo entre seus constituintes, de modo a se estabelecer equivalência funcional). Por fim, admitimos a existência de, pelo menos, cinco tipos de sintagmas: a) sintagma nominal (SN) – tem como determinado, ou núcleo, um substantivo comum; b) sintagma verbal (SV) – trata-se de uma unidade caracterizada pela presença obrigatória do verbo; c) sintagma adjetivo (SAdj) – o núcleo ou determinado é um adjetivo; d) sintagma adverbial (Sadv) – tem como determinado um advérbio; e) sintagma preposicionado (SPrep) – unidade constituída a partir de dois arranjos distintos: preposição + SN ou preposição + SAdv.

LEITURAS RECOMENDADAS

CASTILHO, Ataliba T. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos retomar o conceito de sintaxe e analisar os diferentes conceitos de frase, oração e período. Até lá!

Frase, oração e período

Ivo da Costa do Rosário

Mariangela Rios de Oliveira

AULA

2

Metas da aula

Apresentar e analisar os diferentes conceitos de frase, oração e período.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. caracterizar diferentes tipos de frase, a partir de distintos gramáticos;
2. reconhecer a estrutura da oração;
3. diferenciar *frase*, *oração* e *período*.

INTRODUÇÃO

Se você passasse por uma rua e ouvisse “Socorro!”, com certeza teria alguma ideia do que estaria acontecendo.



Com apenas uma palavra, e mais nada, alguém poderia comunicar um assalto, uma queda repentina, enfim, uma situação de risco ou apuro. Da mesma forma, uma placa com a inscrição “Silêncio”, num hospital, por exemplo, é capaz de comunicar o que se espera ou quer neste lugar.

Nas duas situações aqui ilustradas, demonstramos que significados completos podem ser transmitidos com apenas uma palavra, que as pessoas são capazes de entender mensagens e ser entendidas, em certas ocasiões, por meio da declaração de um só termo. Nesses casos, como em “Socorro!” e “Silêncio”, dizemos que se trata de frases da língua portuguesa, porém não de orações ou períodos.



E por que não? Estão curiosos? É exatamente desses constituintes – frase, oração e período – que trataremos nesta aula. Vamos ver como se conceituam e quais os pontos que unem e separam uns dos outros.



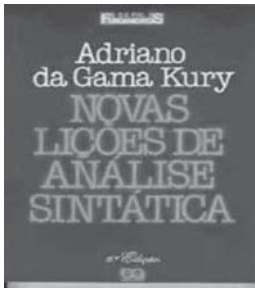
Nesta aula, vamos nos dedicar à definição e à descrição do que chamamos *frase*, *oração* e *período*. Trataremos das correspondências e distinções entre esses três conceitos, apresentando os padrões básicos em que ocorrem na língua portuguesa e discutindo suas funções. De fato, observamos correspondências entre esses termos, mas cada um tem sua própria definição e identidade.

Nas gramáticas e compêndios de língua portuguesa, encontramos uma série de expressões que procuram conceituar e descrever os três rótulos, em geral tratados segundo a ordenação que dá título a esta aula – *frase*, *oração* e *período*. Por isso, organizamos a aula seguindo essa ordenação, trabalhando primeiro com a caracterização da frase, passando ao tratamento da oração e chegando à abordagem do período.

DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DE FRASE

Começemos, portanto, com o conceito de *frase*. No decorrer desta aula, utilizaremos as obras indicadas no quadro a seguir como base para nossos estudos. No levantamento da definição de *frase*, podemos observar a abrangência com que é concebida:

Autores	Conceito de frase
<p>Melo (2001, p. 8.)</p> 	<p>“Palavra ou conjunto de palavras que formam sentido completo.”</p>
<p>Luft (2002, p. 11.)</p> 	<p>“A menor unidade autônoma da comunicação. Autonomia no plano significativo – uma intenção comunicativa definida – e no plano significante – uma linha completa de entoação.”</p>

<p>Cunha e Cintra (2001, p. 119.)</p> 	<p>“É um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação. A frase é sempre acompanhada de uma melodia, de uma entoação.”</p>
<p>Rocha Lima (1999, p. 232.)</p> 	<p>“É uma unidade verbal com sentido completo e caracterizada por entoação típica: um todo significativo, por intermédio do qual o homem exprime seu pensamento e/ou sentimento. Pode ser brevíssima, construída às vezes por uma só palavra, ou longa e acidentada, englobando vários e complexos elementos.”</p>
<p>Kury (2003, p. 13.)</p> 	<p>“É a unidade de comunicação entre falante e ouvinte, entre escritor e leitor.”</p>

Com base no quadro apresentado, podemos observar que, embora vastas e um tanto distintas, muitas definições têm algo em comum – a concepção da frase como uma declaração completa e acabada, capaz, por si só, de estabelecer comunicação.

Ainda de acordo com o quadro, a extensão e a complexidade de uma frase podem variar bastante. Enunciados como *Atenção!* ou *Silêncio!* são considerados exemplos de frase do português, uma vez que, sozinhos, podem funcionar na comunicação, como nas ilustrações a seguir:



Esse tipo de frase, composta por um único constituinte, encontra-se fortemente vinculada à situação em que é usada. É o que ocorre na ilustração a seguir, em que a cena, por si, faz com que *Fogo!* funcione como frase, numa declaração de sentido completo.



Por outro lado, sintagmas mais amplos são também classificados como frase, por conta da completude de sentido que os marca.



Assim, consideradas suas distinções e de acordo com as definições apresentadas inicialmente, classificamos como frases da língua tanto *Fogo!* quanto *O prédio está em chamas!*.

Em termos de organização interna, vamos apresentar para vocês duas classificações de padrões frasais. Começamos pela mais simples e geral, que é encontrada basicamente em todos os manuais de língua portuguesa e que divide os padrões referidos em três tipos:



a) *Interjeição*: considerada um “tipo rudimentar de frase” (CARONE, 1991, p. 47), é vista como constituinte dotado de sentido, marcada por entoação e fortemente vinculada ao contexto situacional em que é produzida. São exemplos, entre outras, desse tipo frasal: *Epa! Ui! e Hein?*.



Flávia de Barros Carone é doutora em Letras, professora de Filologia da Universidade de São Paulo, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas e autora de diversos livros na área de sintaxe e morfossintaxe. Entre eles, indicamos o livro *Morfossintaxe*, excelente para estudo e pesquisa.

b) *Frase nominal*: é a frase sem verbo, que tem como núcleo um nome de natureza substantiva, adjetiva ou adverbial. São exemplos de frases nominais expressões, como: *Que beleza! Perto dos olhos, longe do coração. Casa de ferreiro, espeto de pau.*

ENTOAÇÃO ou entonação pode ser definida como a “variação na altura da voz, durante a fala” (TRASK, 2006). A altura da nossa voz sobe e desce de maneira estruturada em cada enunciado. É esse movimento que denominamos o *padrão entoacional* ou *marcação entoacional*.

c) *Frase verbal*: é a frase constituída de verbo, também chamada *oração*. Trata-se do tipo frasal mais frequente na língua portuguesa. Incluem-se nesse tipo de frase, que será tratado com mais detalhes a seguir, enunciados como: *Você está uma beleza! Que tipo de espeto o ferreiro usa em sua casa?*

Um traço característico da frase, que concorre para a totalidade de sentido que declaramos, é a marcação **ENTOACIONAL** que a acompanha, tanto na modalidade escrita quanto na modalidade falada. Assim, no texto escrito, devemos regularmente iniciar a frase com letra maiúscula e finalizar com ponto. Na modalidade falada, a pausa maior ou menor costuma marcar o início e o término da frase; essa pausa da fala corresponderia, na escrita, à vírgula (pausa menor) e ao ponto (pausa maior).

O segundo tipo de classificação de padrões frasais que passamos a apresentar agora baseia-se em Rocha Lima (1999, p. 233). Na proposta desse autor, temos cinco tipos de frase, caracterizados por marcas entoacionais específicas. Os tipos dividem-se em:

a) *Declarativa*: a frase mais comum, usada para anunciarmos um fato, darmos uma notícia, enfim, fazermos asserções. No texto escrito, é encerrada com ponto final, como em:

(1) *Ele conhece o caminho do sucesso.*

(2) *O trabalho está perfeito.*

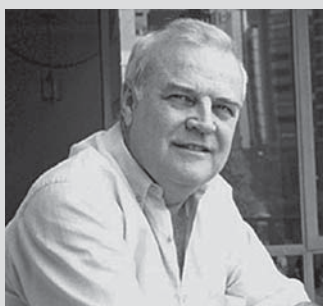
b) *Interrogativa*: utilizada para formularmos perguntas. É finalizada no texto escrito pelo ponto de interrogação:

(3) *Ele conhece o caminho do sucesso?*

(4) *O que é perfeito?*

Pelos exemplos apresentados em (1) e (3), podemos observar que, às vezes, a mudança entoacional, com a troca do ponto final pelo de interrogação, pode ser o único traço a distinguir uma declaração de uma interrogação em português. Por esse motivo, na produção escrita, é fundamental o conhecimento adequado do uso dos sinais de pontuação, uma vez que são responsáveis pela articulação de distintos sentidos.

A comparação de (3) e (4), por outro lado, nos permite outra constatação acerca das frases interrogativas do português. Conforme Perini (1995, p. 64), em (3) temos uma “interrogativa fechada”, já que a resposta à questão é absoluta – sim ou não, elaborada a partir do conteúdo de toda a oração.



O professor. Mário Alberto Perini possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (1967) e doutorado pela University of Texas (1974). Atualmente é professor voluntário da Universidade Federal de Minas Gerais, tendo sido professor da UFMG, na PUC-Minas, na Unicamp e nas universidades de Mississippi e Illinois, nos EUA.

Fonte: <http://img1.orkut.com/images/mittel/18/4917818.jpg>

Já em (4), de acordo com o mesmo autor, teríamos uma “interrogativa aberta”, cuja resposta incide sobre um dos termos da oração, no caso o pronome *o que*.

c) *Imperativa*: tem a função de chamar a atenção, de convocar, de incitar alguém a tomar ou não uma atitude. Em geral, usa-se na escrita com ponto de exclamação:

(5) *Aprende o caminho!*

(6) *Seja perfeito!*

d) *Exclamativa*: expressa uma emoção ou condição interior (alegria, raiva, medo, repulsa, etc.). Como a frase imperativa, também costuma vir finalizada, na modalidade escrita, por ponto de exclamação:

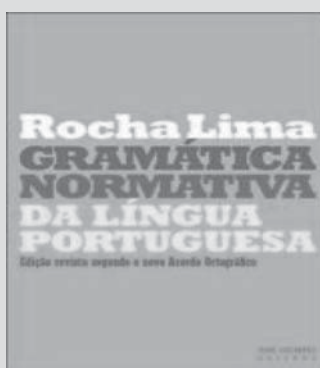
(7) *Que sucesso!*

(8) *Quanta perfeição!*

e) *Indicativa*: sintetiza um pensamento, como se fosse uma declaração padrão, um ritual da comunidade linguística para certas ocasiões. Por estar muito vinculada ao contexto de sua produção, costuma ter pequena extensão:

(9) *Boa sorte!* (para quem vai fazer uma prova)

(10) *Tudo bem?* (saudação ao passar por um conhecido)



Excelente dica de gramática para você, aluno do segundo período do curso de Letras, é a *Gramática normativa da Língua Portuguesa* (2010), já citada nesta aula, do autor Carlos Henrique da Rocha Lima, conhecido como professor Rocha Lima. Nascido no Rio de Janeiro em 22 de outubro de 1915 e morto também no Rio em 22 de junho de 1991, Rocha Lima foi professor, gramático, filólogo, ensaísta e linguista brasileiro. Esta edição, revista segundo o novo Acordo Ortográfico, é a 48ª edição dessa gramática (a primeira foi em 1957). Leitura recomendada!

Ainda de acordo com Rocha Lima (1999, p. 234), as frases do português podem se classificar também em *afirmativas* ou *negativas*. Assim, por exemplo, em relação às frases declarativas afirmativas (1) e (2), teríamos, respectivamente, as correspondentes negativas:

(11) *Ele não conhece o caminho do sucesso.*

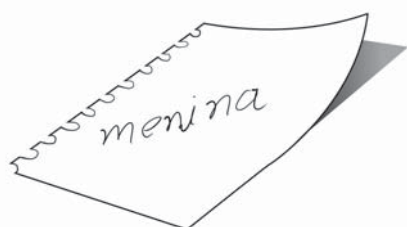
(12) *O trabalho não está perfeito.*

Para conferir sentido negativo em (11) e (12), foi utilizado o mesmo recurso sintático – a anteposição do advérbio *não* ao verbo. Trata-se do modo padrão com que expressamos a negação em português. Na verdade, as frases negativas têm ocorrência reduzida em nossa prática linguística; nas interações, as pessoas tendem a evitar o uso do *não*.

Uma das razões, de cunho sociocultural, para essa pouca frequência pode ser atribuída ao “peso” que a negação tem, considerada muitas vezes um tipo de sentido muito forte, deselegante ou sem polidez. A frase (12), por exemplo, conforme a situação, pode expressar censura ou crítica; nesse caso, a opção mais neutra, amena ou polida poderia ser talvez *O trabalho ainda precisa melhorar* ou *O trabalho pode ser aprimorado*.

Uma outra motivação, agora ligada a fatores cognitivos, seria a complexidade da negativa, que, para ser processada, supõe o conhecimento da afirmativa. Esse pressuposto requer maior esforço do produtor e do receptor para que se estabeleça a comunicação. Assim, ainda tomando a frase (12) como exemplo, seu processamento passa necessariamente pela afirmativa correspondente *O trabalho está perfeito*.

Conforme estamos verificando, a concepção de *frase* é ampla e diversa. No fragmento a seguir, o poeta Mario Quintana “brinca” com tal concepção, propondo um jogo a partir da marca de unidade e abrangência que caracteriza esse termo:



(13)

(...)

O leitor ideal para o cronista seria aquele a quem bastasse uma frase.

Uma frase? Que digo? Uma palavra!

O cronista escolheria a palavra do dia: “Árvore”, por exemplo, ou “Menina”.

Escreveria essa palavra bem no meio da página, com espaço em branco para todos os lados, como no campo aberto aos devaneios do leitor.

Imaginem só uma meninazinha solta no meio da página.

Sem mais nada.

(...)

(QUINTANA, 1988, p. 83.)

No recorte textual (13), para tratar da interação entre o produtor (cronista) e o receptor (leitor), o autor propõe que esse diálogo seja feito por intermédio de um recurso linguístico enxuto, simples, porém pleno de sentido – a frase. Para tanto, explorando as possibilidades que a literatura oferece, entre outros recursos, Quintana usa três frases curtas, duas nominais (*Uma frase? Uma palavra?*) e uma verbal (*Que digo?*). Na sequência, a partir de *Menina*, continua a jogar com a completude frasal e sua vinculação ao contexto de produção (que podemos relacionar à expressão usada pelo autor *campo aberto aos devaneios do leitor*). As frases nominais propostas pelo autor – *Árvore* e *Menina*, e o comentário posterior, *com espaço em branco para todos os lados* e *sem mais nada*, guardam estreita relação com as definições de frase apresentadas pelos gramáticos no início deste capítulo, conforme se encontram no quadro que inicia a primeira seção desta aula.

Nesta seção, vimos então as diferentes concepções do termo *frase* segundo distintos autores, e também dois critérios de classificação de frase – uma mais geral e simples, que divide as frases em três categorias, e outro mais específico e complexo, baseado em Rocha Lima (1999). Na próxima seção, vamos conhecer a estrutura da oração, a chamada *frase verbal*, em língua portuguesa. Estão prontos?

ATIVIDADE

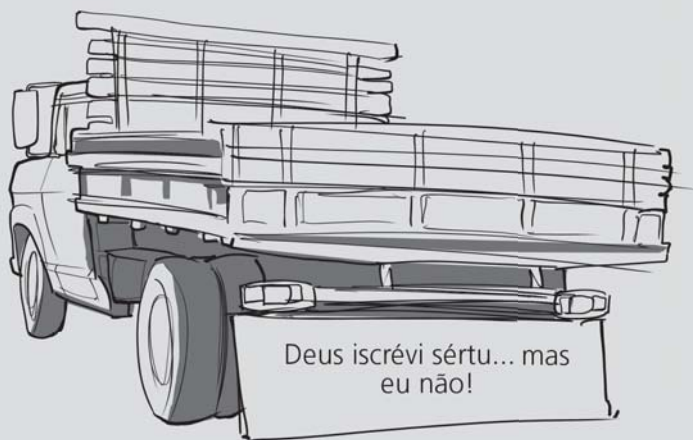


Atende ao Objetivo 1

1. Primeiramente, observe algumas frases de caminhão, extraídas do site <http://webcache.googleusercontent.com>:







a) Como vimos pelo primeiro critério de classificação de frases que apresentamos, o mais geral e simples, existem três padrões frasais (interjeições, frases verbais e frases nominais). De que forma as frases anteriores podem ser classificadas?

b) Entre as frases apresentadas, há alguma que pode ser classificada como imperativa, conforme a classificação de Rocha Lima (1999)? Justifique sua resposta.

Agora analise o parágrafo a seguir, em que a frase final encontra-se destacada:

Para evitar arrependimento, levei Padilha para a cidade, vigiei-o durante a noite. No outro dia, cedo, ele meteu o rabo na ratoeira e assinou a escritura. Deduzi a dívida, os juros, o preço da casa, e entreguei-lhe sete contos e quinhentos e cinquenta mil-réis. Não tive remorsos (RAMOS, 1978, p. 24).

c) Como se classifica esse tipo de frase, de acordo com Rocha Lima (1999)?

d) Por que representa um tipo de frase de menor frequência no uso linguístico?

RESPOSTA COMENTADA

a) As frases de caminhão em destaque podem ser consideradas frases verbais porque possuem verbo, ou seja, podem ser consideradas orações.

b) Sim, a frase nº 1 ("Seja paciente na estrada para não ser paciente no hospital") pode ser considerada imperativa, nos termos de Rocha Lima (1999), porque tem a função de chamar a atenção, de incitar a uma decisão.

c) A frase em destaque é declarativa negativa, já que há um item negativo em sua constituição, ou seja, o advérbio não.

d) A menor ocorrência desse tipo frasal deve-se ao fato de os usuários tenderem a fazer declarações afirmativas, evitando o maior uso de negativas, seja por polidez, seja por maior facilidade de processamento.

ESTRUTURA ORACIONAL

De acordo com Azeredo (1995, p. 30), a oração “apresenta normalmente uma estrutura bimembre (...) centrada em um verbo com o qual se faz uma declaração (...) sobre um dado tema”. O caráter dual da oração também é referido por Rocha Lima (1999, p. 234), que a define como a frase “que se biparte normalmente em *sujeito* e *predicado*”.

Ambos os autores ressaltam o sujeito e o predicado, ou o tema e a declaração, como os componentes básicos da unidade a que chamamos *oração*. A ressalva, por intermédio do advérbio *normalmente*, se dá por conta da possibilidade de haver oração sem sujeito, mas não sem predicado.

Por essa razão, não há unanimidade entre os gramáticos e estudiosos sobre os níveis hierárquicos da oração. Alguns, como Azeredo (1995), consideram que o sintagma verbal (SV) é o grande constituinte oracional, ficando o sujeito (SN) num plano mais baixo; outros, como Cunha e Cintra (2001) e Kury (2003), veem a oração como uma unidade de nível superior, formada por duas estruturas de mesma hierarquia – SN e SV. Qual das interpretações é a correta? Há alguma mais adequada? Nossa resposta é que, para fins de análise sintática do português, tudo depende da concepção de oração que assumimos, da tomada de decisão consciente sobre uma ou outra forma de entender esse tipo de construção.

Em termos de frequência, podemos dizer que a oração do tipo declarativo e afirmativo é o modo mais regular com que nos comunicamos, seja na modalidade falada, seja na escrita. Isso ocorre porque, em nossas declarações cotidianas, tendemos à afirmação, e não à negação, conforme já ressaltamos na seção anterior.

Com a estrofe a seguir, que abre o poema “Aurora”, exemplificamos esse uso mais recorrente de orações declarativas e afirmativas:

(14)

O poeta ia bêbado no bonde.

O dia nascia atrás dos quintais.

As pensões alegres dormiam tristíssimas.

As casas também iam bêbadas.

(ANDRADE, 1978, p. 30.)

Com os quatro versos de (14), o poeta inaugura a descrição da cena que vai retratar e que dá título a seu poema – a “Aurora”. Para tanto, faz uso de quatro frases representativas do padrão mais frequente da língua; ele detalha, com frases verbais afirmativas, os elementos que compõem o ambiente descrito – o poeta, o dia, as pensões e as casas.

Além de serem organizados por frases verbais (orações), declarativas e afirmativas, os versos de (14) ilustram ainda outra tendência da ordenação oracional em português – a sequência *sujeito* (ou tema) + *predicado* (ou declaração). Assim, os elementos constitutivos do cenário

descrito – o poeta, o dia, as pensões e as casas – ocupam a posição inicial de cada um dos quatro versos, na função de sujeito, articulando os temas contemplados pelo poeta em sua observação inicial da “Aurora”. No esquema a seguir, ilustramos essa organização oracional padrão:

SN	SV
<i>sujeito</i> (ou tema)	<i>predicado</i> (ou declaração)
<i>O poeta</i>	<i>ia bêbado no bonde.</i>
<i>O dia</i>	<i>nascia atrás do quintais.</i>
<i>As pensões alegres</i>	<i>dormiam tristíssimas.</i>
<i>As casas</i>	<i>também iam bêbadas.</i>

Nessa seção, conhecemos a estrutura oracional do português, que é constituída com maior frequência por frases verbais declarativas e afirmativas na ordem *sujeito* (ou tema) + *predicado* (ou declaração).

Na próxima seção, veremos como alguns autores conceituam *período* e sua classificação em simples ou composto.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. Leia essa definição de alfabetização, extraída da Wikipédia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o>):

A *alfabetização* consiste no aprendizado do alfabeto e de sua utilização como código de comunicação. De um modo mais abrangente, a alfabetização é definida como um processo no qual o indivíduo constrói a gramática e em suas variações.

a. Quantas orações há no texto?

b. Destaque o sujeito das orações que compõem o pequeno texto informativo.

RESPOSTA COMENTADA

- a. No texto, há três orações, visto que há três enunciados organizados em torno de um verbo, que são, respectivamente: *consiste*, *é*, *constrói*.
b. O sujeito da primeira oração é *A alfabetização*, que encabeça a frase. Na segunda frase, o sujeito da primeira oração é *a alfabetização*, e o sujeito da segunda oração é o indivíduo.

CONCEITO E FUNÇÃO DO PERÍODO

Como declaramos no início desta aula, os termos *frase*, *oração* e *período* guardam distinções e correspondências. Do mesmo modo que a oração representa um tipo de frase, a frase verbal, o período relaciona-se à concepção de oração; e os três termos entre si têm zonas de interseção.

Segundo Kury (2003, p. 15), “PERÍODO é o enunciado, de sentido pleno, constituído de uma ou mais orações, e terminado por uma pausa bem definida”. De acordo com o mesmo autor, na modalidade escrita, essa pausa pode ser codificada por variadas marcações, como ponto (final, de exclamação, de interrogação), reticências, entre outras.

Conforme Cunha e Cintra (2001, p. 121), período se define como “a frase organizada em oração ou orações”. Os autores, à semelhança de Kury, também destacam como o período deve terminar.

Em Azeredo (1995, p. 33), encontra-se que o período “é a maior unidade da estrutura gramatical”, aquela de maior extensão e complexidade a que se pode chegar no nível sintático estrito. Por essa razão, quando realizamos a “análise sintática”, em que os termos oracionais são descritos, ficamos limitados ao período; é dentro dessa entidade que identificamos e classificamos os sintagmas da língua portuguesa.

As definições aqui apresentadas destacam a completude do período e suas possibilidades de organização. O período formado por uma só oração é denominado *simples*, enquanto o *composto* pode ser constituído por duas ou mais orações. Quando o período é classificado como simples, a oração que o constitui recebe o rótulo de *absoluta*. Portanto, a extensão e a composição do período podem ser muito variadas. O que determina essa medida são os propósitos comunicativos em jogo, os sentidos articulados na interação entre dois ou mais indivíduos.

Vejamos, a partir do fragmento (15), alguns modos de elaboração de períodos:

(15) No fim da tarde de 1º de fevereiro de 1908, o rei de Portugal, D. Carlos I, fardado de generalíssimo, desceu do vapor “S. Luís” no Terreiro do Paço, em Lisboa. Passou a tropa em revista, conferiu a presença dos ministros, piscou para uma ou duas marquesas de sua intimidade e subiu à carruagem puxada por cavalos de penacho. Com ele estavam sua mulher, dona Amélia de Orleans, princesa da França, e os dois filhos, o príncipe herdeiro Luís Filipe e o infante Manuel (CASTRO, 2005).

Com o trecho (15), Castro inicia sua obra, que se debruça sobre a vida de Carmen Miranda, um dos maiores ícones da cultura popular brasileira (em que pese a Pequena Notável ter nascido em Portugal, foi no Brasil que cresceu e ficou famosa, indo depois para os Estados Unidos). Essa primeira passagem nos apresenta um pequeno relato sobre a família real portuguesa, organizado a partir de três períodos.



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9d/Gangs_all_here_trailer.jpg

O primeiro período é simples, articulado em uma só oração, em torno do verbo *desceu*. Nele, Castro abre a cena, com a apresentação, respectivamente: a) do momento da enunciação (*no fim da tarde de 1º de fevereiro de 1908*); b) do personagem principal do fragmento (*o rei de Portugal, D. Carlos I, fardado de generalíssimo*); c) da ação praticada (*desceu do vapor “S. Luís”*); d) do local em que se desenrola a cena (*no Terreiro do Paço, em Lisboa*).

Vamos então, destacar esse primeiro período em (15’):

(15’)

No fim da tarde de 1º de fevereiro de 1908, o rei de Portugal, D. Carlos I, fardado de generalíssimo, desceu do vapor “S. Luís” no Terreiro do Paço, em Lisboa.

A partir dos conceitos já vistos neste capítulo, podemos classificar o fragmento (15’) como: a) uma frase, pela completude de sentido que encerra; b) uma oração absoluta, por se organizar em torno de um verbo; c) um período simples, pela declaração se fazer sob forma de oração absoluta, entre pausas definidas.

Uma vez aberta a cena, o período seguinte em (15”) já apresenta distinta configuração interna:

(15’’)

Passou a tropa em revista, conferiu a presença dos ministros, pis- cou para uma ou duas marquesas de sua intimidade e subiu à carruagem puxada por cavalos de penacho.

Em (15’’), temos um período composto por quatro orações, iniciadas, respectivamente, pelos verbos *passou*, *conferiu*, *pis- cou* e *subiu*, sem sujeito expresse, todos no pretérito perfeito e ordenados conforme a cronologia dos acontecimentos. Nesse fragmento, rompe-se a correspondência comentada em (15’) entre frase, oração e período, pois em (15’) a oração absoluta equivale a um período simples e a uma frase. Em (15’’), de modo distinto, as quatro orações integram uma só unidade de nível superior – um só período e uma só frase. Portanto, dizemos que (15’’) é uma frase e, ao mesmo tempo, um período composto, formado por quatro orações. Em termos semânticos, podemos afirmar que uma das motivações para que Castro tenha organizado dessa forma o período (15’’) seria a necessidade de apresentar, de forma contínua, objetiva e dinâmica, as ações praticadas pelo personagem principal.

O período seguinte em (15'') retoma a correspondência observada em (15'):

(15'')

Com ele estavam sua mulher, dona Amélia de Orleans, princesa da França, e os dois filhos, o príncipe herdeiro Luís Filipe e o infante Manuel.

Tal como (15'), no fragmento anterior ocorre um período simples, uma oração absoluta e uma frase, que tem no verbo *estavam* seu eixo principal. Nesse trecho, não temos mais a dinamicidade das ações verificada em (15'), mas sim um comentário descritivo sobre os acompanhantes do rei – sua mulher e filhos.

CONCLUSÃO

Como vimos, os conceitos de *frase*, *oração* e *período* não são tomados de maneira uniforme pelos estudiosos cujas obras analisamos nesta aula. Por outro lado, é possível estabelecermos alguns pontos de convergência e chegarmos a uma definição razoável para cada conceito.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

Leia o fragmento a seguir e faça o que se pede:



Homem entra no apartamento. Já passa da meia-noite. Atira-se numa poltrona, ao lado do telefone. Liga o aparelho que gravou as chamadas telefônicas durante sua ausência. Ouve:

“Alô? Mário? É o Sérgio. Olha, aquele negócio deu pé. Doze milhões. Só que preciso de uma resposta sua hoje, antes das quatro da tarde. É para pegar ou largar. Me telefona. Tchau.”

“Ahn... Bom, aqui é a... Puxa, não sei como falar com uma gravação. Aqui é a Belinha. Lembra de mim? (...)”

(VERISSIMO, 1996, p. 109.)

a) Divida o primeiro parágrafo em períodos, classificando-os em simples ou composto.

b) Por que podemos dizer que as frases iniciais do segundo parágrafo (“Alô? Mário? É o Sérgio.”) têm função indicativa?

c) Podemos afirmar que a última frase do texto também é um exemplo de oração e período? Por quê?

d) No segundo parágrafo do texto, lemos “Doze milhões”. Podemos dizer que esse enunciado é um exemplo de oração e período? Por quê?

RESPOSTA COMENTADA

a) O parágrafo articula-se em cinco períodos, quatro simples (oração absoluta) e um composto, a saber: Homem entra no apartamento (período simples); Já passa da meia-noite (período simples); Atira-se numa poltrona, ao lado do telefone (período simples); Liga o aparelho / que gravou as chamadas telefônicas durante sua ausência. (período composto); Ouve (período simples).

b) Porque essas frases fazem parte de uma forma de comunicação ritualizada, que todos usamos ao telefonarmos para alguém.

c) O enunciado *Lembra de mim?* é ao mesmo tempo uma frase (porque possui sentido completo), uma oração (porque está organizado em torno de um verbo) e um período (porque é um enunciado constituído de uma oração).

d) A frase *Doze milhões não pode ser considerada oração nem período* porque não está organizada em torno de um verbo. Ao contrário, trata-se de uma frase nominal.

RESUMO

O termo *frase* é utilizado de maneira geral para designar uma unidade do discurso caracterizada por ter um sentido completo no contexto comunicativo. Além disso, do ponto de vista fonético, a frase é marcada por pauta entoacional que assinala seu começo e seu término. Por fim, poderíamos acrescentar que, na escrita, a frase é delimitada por uma maiúscula no início e por certos sinais de pontuação (. ! ?...) no final.

Oração é um enunciado que apresenta determinado tipo de estrutura interna, incluindo sempre um *predicado* e frequentemente um *sujeito*, assim como vários outros termos possíveis, que serão oportunamente analisados ao longo deste curso. Por fim, tradicionalmente, emprega-se a designação *período* para as frases que constituem uma oração. De acordo com Perini (1995, p. 61-63), deve ficar claro que *um período é sempre uma oração*. Naturalmente, nem toda oração é um período, já que muitas orações não são coextensivas com a frase de que fazem parte. Por exemplo, em *Vá à padaria* e *traga oito pãezinhos*, o enunciado *Vá à padaria* é uma oração, mas não um período. O período, neste caso, é composto porque é formado por duas orações, ou seja, dois enunciados organizados em torno de dois verbos (*vá* e *traga*).

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Nesta segunda aula, citamos brevemente o *sujeito* como um termo normalmente presente nas orações da língua portuguesa. Nas duas próximas aulas, teremos a oportunidade de analisar melhor esse termo, bem como analisar as suas características sintáticas.

Termos essenciais: o sujeito – introdução geral

Ivo da Costa do Rosário

Mariangela Rios de Oliveira

AULA

3

Metas da aula

Apresentar o conceito de sujeito e discutir a
essencialidade desse termo da oração.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. avaliar a noção de essencialidade normalmente atribuída ao sujeito;
2. analisar os diferentes conceitos de sujeito e suas limitações;
3. identificar o sujeito em padrões estruturais diversos da língua portuguesa.

INTRODUÇÃO

Para iniciarmos esta aula, veja a cena a seguir. Parece que João está satisfeito!



João construiu uma mesa. Se perguntássemos qual é o sujeito dessa oração, Todos responderiam: “João.” Antônio e Joaquim foram ao mercado. Qual é o sujeito dessa segunda oração? Não há dúvida: Antônio e Joaquim, sujeito composto. Certamente você já deve ter ouvido essas perguntas (ou outras semelhantes) quando frequentou os bancos escolares no Ensino Fundamental e no Médio. Afinal, o estudo do sujeito sempre ocupou lugar central no ensino de língua portuguesa nas escolas brasileiras.

Todos dizem que o sujeito é um termo *essencial*. Não é assim que ensinaram nossos professores? Pois bem. Cabe agora discutirmos essa declaração e verificarmos se ela é ou não aplicável às orações do português de modo geral. Assim, este capítulo é dedicado a uma das principais funções sintáticas na organização das orações em língua portuguesa – o sujeito.

Está pronto para essa tarefa? Então, vamos à frente.

SUJEITO – TERMO ESSENCIAL?

A identificação do sujeito como um dos “termos essenciais da oração” tem grande tradição no âmbito da descrição e da análise sintática da língua portuguesa. A classificação do sujeito como essencial, conforme recomendação da NGB, encontra-se em Cunha e Cintra (2001), Kury (2003) e Luft (2002), por exemplo.



NGB é a sigla atribuída à Nomenclatura Gramatical Brasileira, documento oficial, de meados do século XX, que normatizou e simplificou, para fins educacionais e outros, a terminologia da gramática do português.

De acordo com essa perspectiva, a oração é formada por dois sintagmas fundamentais, ambos com o mesmo grau de relevância – o sintagma nominal (SN) na função de *sujeito* e o sintagma verbal (SV) na função de *predicado*.

A partir daí, na oração (1) teríamos, com base em Cunha e Cintra (2001, p. 119), a seguinte organização estrutural:

(1) *Aquela nossa amiga não disse uma palavra.*



Conforme podemos observar pelo diagrama, considerar o sujeito tão essencial quanto o predicado significa atribuir a ambas as funções o mesmo *status*, quer dizer, o mesmo nível hierárquico, como integrantes do plano maior – a oração. Conforme discutiremos nesta aula, tal compreensão acaba por se tornar um entrave ao estudo de alguns tipos de sujeito.

Por conta das dificuldades em relação ao termo *essencial*, nem todos os estudiosos assumem explicitamente esse rótulo. Autores como Rocha Lima (1999) e Bechara (1999) não negam a relevância da função sintática *sujeito*, porém destacam a ocorrência de orações nas quais é possível a não ocorrência desse termo. Rocha Lima (1999, p. 205) nos informa que “a oração consta de dois termos”, enquanto Bechara (1999, p. 408) refere-se ao sujeito como um “grupo natural”; ambos os autores não utilizam o termo *essencial* no tratamento do sujeito. O mesmo faz Azeredo (1995, p. 45), que nomeia o sujeito como um dos “dois constituintes centrais” da oração.

Consideramos, pois, que as alternativas expostas no parágrafo anterior constituem estratégias mais adequadas e viáveis para descrever e analisar o papel do sujeito na língua portuguesa. É preciso repensar e redefinir o rótulo *essencial*, atribuído oficialmente pela NGB, há décadas, ao termo *sujeito*. Devemos compreender que, em relação à totalidade das orações do português, o rótulo *essencial* deve ser assumido como *central* ou *básico*, por exemplo, e não tomado como propriedade de todas as orações.

Afinal, se o sujeito é um termo essencial da oração, como analisaríamos os exemplos a seguir?

(2) Choveu torrencialmente na noite de ontem.

(3) Há cinco rapazes na sala.

Segundo os gramáticos da língua portuguesa, os exemplos (2) e (3) representam dois casos de *oração sem sujeito*. Ora, se o sujeito é um termo essencial da oração e ele está ausente nos exemplos, (2) e (3) não seriam exemplos de orações? Seriam o quê?

É evidente que são exemplos de oração. São enunciados organizados em torno de um verbo, conforme vimos na aula anterior. Portanto, se assim consideramos a situação, devemos concluir que o sujeito nem sempre é essencial. É verdade que a maioria das orações produzidas em

língua portuguesa são organizadas tendo o sujeito em sua constituição, mas considerá-lo como essencial em relação a todas as orações do português não é verdadeiro, haja vista os exemplos fornecidos em (2) e (3), entre outros.

Agora que já discutimos a “essencialidade” do sujeito, cabe analisarmos mais detidamente de que termo da oração estamos falando, ou seja, o que realmente é o *sujeito*? Vamos continuar nossa caminhada em busca dessa resposta.

ATIVIDADE



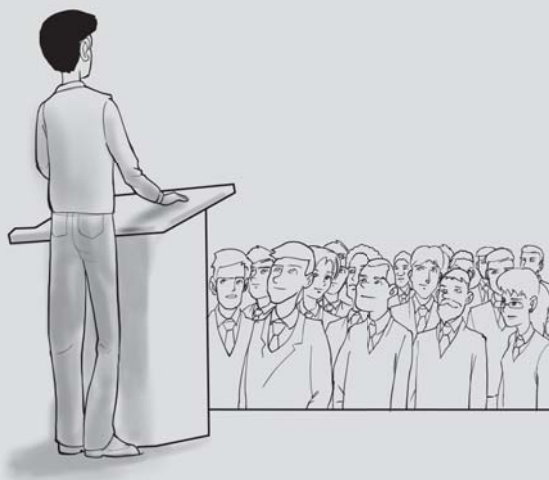
Atende ao Objetivo 1

1. Observe as frases a seguir:

(a) Maurício ganhou um prêmio na França.



(b) Havia mais de duzentas pessoas na palestra.



(c) Não sei a verdade de nada.



Tomando como base os conhecimentos adquiridos na primeira seção deste capítulo, responda: podemos considerar o sujeito como termo essencial a partir da análise dos exemplos (a), (b) e (c)? Por quê?

RESPOSTA COMENTADA

A frase (a) tem o termo Maurício como sujeito. Dessa forma, o termo passa a ser essencial, visto que não seria comum lermos ou ouvirmos algo como “ganhoun prêmio na França” sem algum tipo de relação com um termo precedente. Em outras palavras, nessa frase, o termo é essencial.

Em (b), de fato, não há qualquer termo ao qual podemos atribuir a função de sujeito. Como a própria gramática afirma, orações com o verbo haver, indicando relação de existência, são desprovidas de sujeito.

Em (c), o sujeito da oração não está formalmente indicado na frase por uma palavra, como o pronome eu, mas podemos deduzi-lo a partir da forma verbal sei. Em outras palavras, existe sujeito, apesar de não estar indicado diretamente numa palavra específica.

Enfim, os exemplos (a) e (c) poderiam nos levar à conclusão de que o sujeito é um termo essencial. Por outro lado, o exemplo (b) não permite essa conclusão, levando-nos à consideração final de que realmente o sujeito nem sempre é um termo essencial.

DEFININDO SUJEITO

A maioria das gramáticas de português define o sujeito pelo viés semântico, ou seja, pelo sentido que, em geral, essa função sintática expressa. Assim, encontramos, a título de exemplificação, as duas seguintes afirmações sobre o que é *sujeito*:

- a) Cunha e Cintra (2001, p. 119): “O SUJEITO é o ser sobre o qual se faz uma declaração.”
- b) Rocha Lima (1999, p. 205): “Sujeito: o ser de quem se diz algo.”

Como podemos observar pelas definições de Cunha e Cintra e de Rocha Lima, a função *sujeito* encontra-se referida em termos de um “ser” a partir do qual se declara ou se “diz algo”.

Em outras fontes bibliográficas, a definição de sujeito é ampliada, com o acréscimo de informações de nível morfológico, como em (c). A definição de Luft (2002) ilustra nosso apontamento. Vejamos:

c) Luft (2002, p. 23): “Sujeito – ser de quem se diz alguma coisa – é o elemento com o qual concorda o verbo.”

Em Luft (2002), o critério semântico (“o ser”) e o morfológico (“com o qual o verbo concorda”) são usados para a definição do sujeito. Essa postura do autor pode ser evidenciada pelo fato de um único critério não ser suficiente para definir *sujeito*.

Podemos ainda fazer referência a um terceiro critério, o sintático, relativo à ordenação do sujeito na oração. Segundo esse critério, o sujeito tende a vir antes do predicado e, em geral, ocupa o primeiro lugar na oração, como ocorre em (a) – *Maurício ganhou um prêmio na França*.

Partindo dessas definições, resta-nos, portanto, testar sua validade em orações que exibam distintas configurações sintáticas. Para tanto, vamos observar as quatro orações a seguir:

	Sujeito	Predicado
(4)	O presidente	deseja a paz.
(5)	Os homens	desejam a paz.
(6)	A paz	é desejada.
(7)	A maioria dos homens	deseja(m) a paz.

Dos quatro arranjos oracionais exemplificados, apenas o primeiro enquadra-se plenamente nas definições de sujeito aqui expostas. Em (4), o SN *O presidente* é, de fato, um “ser” identificado, a partir do qual é feita uma declaração; a forma verbal *deseja*, na terceira pessoa do singular, concorda com esse SN também na terceira pessoa do singular, estabelecendo a relação predicativa necessária à configuração oracional, e *O presidente* ocupa a primeira posição na oração.

Nos exemplos seguintes, os critérios de definição parecem não ser suficientes para dar conta da função sintática sujeito. Na oração (5), o sujeito *Os homens*, no plural, torna imprecisa a referência; trata-se de um SN de sentido genérico, que não nos permite saber, com maior especificidade, de quem, exatamente, se faz a declaração. Embora concorde com a forma verbal *desejam*, que também se encontra no plural, o sujeito *Os homens*, pela imprecisão de sentido, não é tão categórico quanto o ilustrado em (4) – *O presidente*.

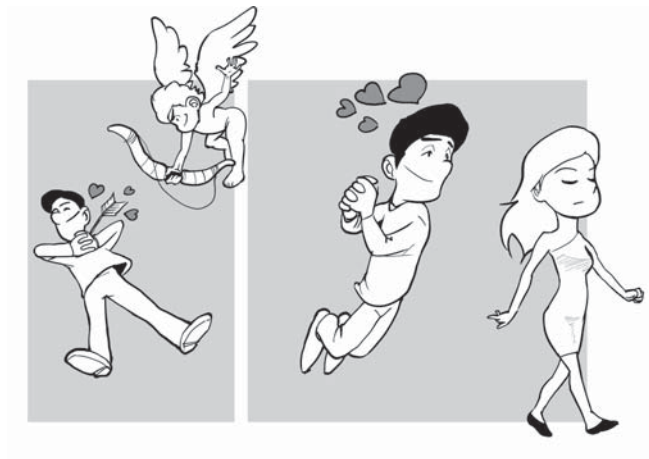
A inadequação ou insuficiência do critério semântico para a definição do sujeito mantém-se em relação à oração (6). Nela, o sujeito *a paz*, SN com sentido mais abstrato, praticamente impede que seja interpretado como “um ser”, afastando-se mais ainda do critério semântico definidor do sujeito. O mesmo comentário vale para todas as orações articuladas em torno de sujeitos formados por substantivos abstratos, uma vez que o sentido mais vago desses termos não tem maior compatibilidade com a noção de “ser”.

Na oração (7), a insuficiência do critério semântico é acompanhada da insuficiência do critério morfológico e também do sintático. Assim, nesta oração, não podemos considerar o SN *A maioria dos homens* um “ser”, ademais, esse tipo de SN pode admitir duas interpretações de seu núcleo – *maioria* ou *homens*, o que cria um outro problema, de nível morfológico e sintático – com que termo concorda o verbo? Como o termo *maioria* está em primeiro lugar em relação a *homens*, seria preferido para a função de sujeito? Por conta dessa complexidade, a norma padrão indica como possível, em orações desse tipo, o uso do verbo no plural ou singular, partindo-se das duas possíveis interpretações do núcleo do sujeito. Portanto, além da imprecisão referencial, temos, nesse caso, também o problema da concordância verbal e da ordenação, o que torna o sujeito *A maioria dos homens* menos possível ainda de ser definido dentre as quatro orações de (4) a (7) apresentadas anteriormente.

Como podemos observar, a definição de sujeito é tarefa complexa. Para identificar o sujeito, um ou dois critérios, como os até agora apresentados, podem não ser suficientes. Assim, devemos lançar mão de outros parâmetros para essa tarefa. Um critério adicional para identificação do sujeito pode ser o sintático, ou seja, a posição ocupada por esse constituinte na oração. Na língua portuguesa, em geral, o sujeito ocupa a primeira posição oracional, vindo à frente do predicado. Se observarmos a ordenação das orações (4), (5), (6) e (7), poderemos constatar que a posição inicial em todas é ocupada pelo sujeito, a que se segue o predicado.

Por vezes, o critério sintático tem papel fundamental na identificação do sujeito, como o único meio capaz de cumprir esta tarefa, na impossibilidade de aplicação dos demais critérios. Estamos nos referindo a pares de oração como os que se seguem, em que a troca de ordenação dos constituintes implica mudança sensível do sentido veiculado. Nesses casos, não foi o sujeito que “mudou” de posição, pelo contrário, a mudança posicional motivou a mudança de funções sintáticas no interior da oração. É o que ilustramos em:

(8) *João ama Maria.*



(8') *Maria ama João.*



(9) *O professor é americano.*

(9') *O americano é professor.*

O único meio de identificar o sujeito nos pares (8)/(8') e (9)/(9') é justamente sua ordenação na estrutura oracional. Assim, em (8), *João* é o “ser” de quem se diz algo, no caso, que *ama Maria*; já em (8'), a mudança sintática operada faz com que *Maria* funcione como sujeito, o “ser” que *ama João*. Na oração (9), o SN *o professor*, em posição inicial, atua como sujeito, como o “ser” sobre o qual se declara que *é americano*; ao contrário, em (9'), ao SN *o americano*, codificado como sujeito, é atribuído o comentário *é professor*.

Por outro lado, tal como os demais critérios, a abordagem sintática, por si, não é suficiente para a apreensão ou identificação do sujeito oracional na maioria das orações da língua portuguesa. Uma prova do

que declaramos é a possibilidade de as quatro primeiras orações referidas neste capítulo admitirem sujeito posposto ao predicado, sem maiores prejuízos para o conteúdo oracional veiculado, como em:

	Predicado	Sujeito
(4')	<i>Deseja a paz</i>	<i>o presidente.</i>
(5')	<i>Desejam a paz</i>	<i>os homens.</i>
(6')	<i>É desejada</i>	<i>a paz.</i>
(7')	<i>Deseja(m) a paz</i>	<i>a maioria dos homens.</i>

Embora o sentido não seja profundamente alterado, em termos semânticos, a troca posicional entre os constituintes das orações de (4) a (7) provoca certos efeitos de sentido distintos. Um de tais efeitos seria, por exemplo, a ênfase no desejo de paz, informação que passa a se destacar nas orações (4'), (5') e (7') e mais no próprio desejo, como em (6'), pela passagem do predicado à primeira posição na ordem dos constituintes oracionais.

Por essa razão, dizemos que a ordem dos constituintes no português é um componente da gramática, ou seja, faz parte do conjunto das regularidades linguísticas de nosso idioma. Entre essas regularidades, situa-se justamente a posição inicial do sujeito na oração. Devido a essa tendência de uso, é comum que a **COMUNIDADE LINGUÍSTICA**, de modo geral, interprete como sujeito todo e qualquer constituinte situado na posição inicial da oração.

Diante de tudo o que já vimos até aqui, já é possível propormos uma síntese com base nas definições apresentadas por alguns gramáticos que se debruçaram a analisar o sujeito da oração em língua portuguesa. Vejamos:

COMUNIDADE LINGUÍSTICA

Assim denominamos o conjunto de usuários da língua, na modalidade falada ou escrita, que a tem como língua materna, independentemente das situações de variação no uso.

Definições de sujeito	
Critério semântico	Ser sobre o qual se faz uma declaração.
Critério morfológico	Termo com o qual o verbo concorda.
Critério sintático	Termo que ocupa a primeira posição na oração.

Até aqui você deve estar se perguntando sobre qual seria a melhor definição para o *sujeito*. De fato, responder a essa questão não é tarefa fácil, como já falamos anteriormente. Como vimos pela análise dos exemplos fornecidos, dificilmente os diversos critérios podem ser aplicados a todas as estruturas da língua portuguesa.

A análise de diversos livros didáticos mostra que muitas vezes os autores apegam-se a uma determinada definição sem ao menos considerar as demais. Essa postura passa a impressão de que não há qualquer tipo de complexidade na definição do tema.

O que observamos, na verdade, é que muitas vezes um critério é aplicável a um exemplo, mas já não é a outro exemplo. Dessa forma, resta-nos conjugar os três critérios e considerá-los como definidores da noção de sujeito. Em outras palavras, dizemos que sujeito é um termo que pode ser caracterizado pelos três critérios apresentados, mas não necessariamente aplicados de modo simultâneo.

Analisemos mais alguns exemplos que nos ajudarão a ilustrar melhor o que estamos afirmando:

(10) *Maria comprou uma casa em São Paulo.*



(11) *Queimou o meu ventilador!*



(12) *João chegando, começa a confusão!*



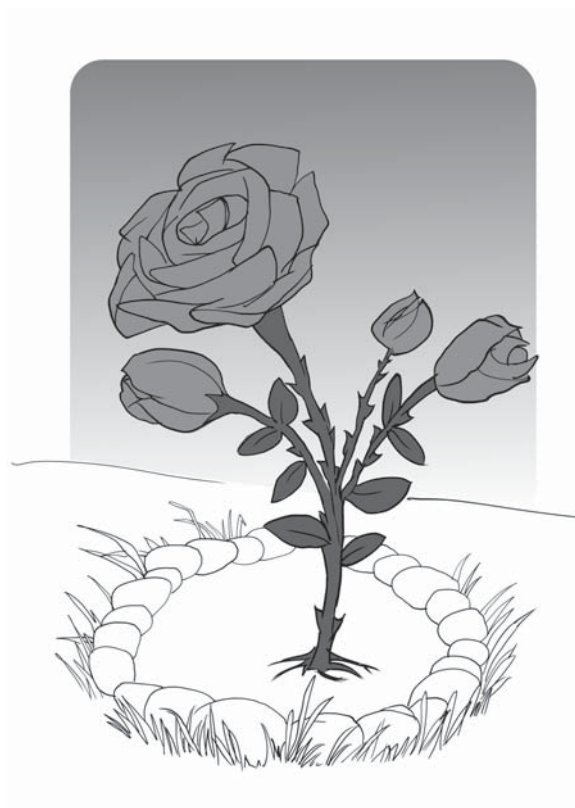
(13) *Quem fará as compras no mercado?*



(14) *Roubaram minha carteira no estádio ontem.*



(15) *Há uma linda rosa no meu jardim.*



O exemplo (10) tem como sujeito o termo “Maria”. Dizemos que essa oração apresenta um prototípico exemplo de sujeito. Afinal, o termo encaixa-se em todas as definições apresentadas: *Maria* é um ser sobre o qual se faz uma declaração (critério semântico), é o termo com o qual o verbo (*comprou*) concorda, já que ambos estão no singular (critério morfológico), e ocupa a primeira posição na oração (critério sintático).

Em geral, esse é um tipo de exemplo padrão apresentado pelas gramáticas da língua portuguesa para ilustrar a noção de sujeito. Afinal, não traz dificuldades para análise, justamente por se identificar com as diversas definições de sujeito.

Por outro lado, se fizermos uma análise mais detida do exemplo (10), verificaremos que o critério semântico, apesar de parecer muito claramente aplicável, pode nos enganar. Se o sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração, então poderíamos dizer que *uma casa* também pode ser sujeito. Afinal, estamos fazendo uma declaração sobre a casa: ela foi comprada por Maria em São Paulo... Essa reflexão serve para ilustrar como é difícil uma definição precisa para esse termo em estudo.

Já o exemplo (11) – *Queimou o meu ventilador!* – deve ser analisado de forma diferente, em outra perspectiva. Com relação ao critério semântico, dizemos que estamos fazendo uma declaração sobre o ventilador. Portanto, neste exemplo (11), cabe o critério semântico de forma evidente. Também o critério morfológico está isento de problemas: *o meu ventilador* é, sem dúvida, um termo com o qual o verbo concorda. Por outro lado, não se pode aplicar o critério sintático.

Se o critério sintático fosse sempre válido, teríamos de afirmar que o verbo *queimou* é o sujeito da oração, afinal, esse é o termo que ocupa a primeira posição na oração. Certamente essa análise estaria equivocada, visto que o sujeito é *o meu ventilador* e que a forma verbal *queimou* integra o predicado.

O exemplo (12) – *João chegando, começa a confusão!* –, por sua vez, encaixa-se tanto no critério semântico, já que se faz uma declaração sobre *João*, quanto no critério sintático, visto que *João* ocupa a primeira posição na oração. Ao tomarmos o critério morfológico por referência, contudo, veremos que não há uma relação de concordância entre *João* e *chegando*. Afinal, o verbo não está flexionado nas categorias de modo, tempo, número e pessoa. Ao contrário, está em uma forma nominal: o gerúndio. Assim, *chegando* fica mantido seja qual for o sujeito, como em, por exemplo: *Eu chegando, você chegando, os amigos chegando*, entre outros.

Gerúndio: forma verbal invariável da língua portuguesa terminada em *-ndo* e que transmite a ideia de ação em processo. Não apresenta as marcas de modo (indicativo, subjuntivo, imperativo), tempo (presente, pretérito ou futuro), número (singular e plural) e pessoa (primeira, segunda ou terceira).

O exemplo (13) – *Quem fará as compras no mercado?* – atende ao critério sintático (sujeito é o termo que ocupa a primeira posição na oração), mas não atende aos demais. Seria absurdo dizermos que estamos fazendo uma declaração sobre *quem*, que é um pronome interrogativo, de caráter indefinido. Em primeiro lugar, a frase não é declarativa, mas interrogativa. Em segundo lugar, como poderíamos fazer uma declaração

sobre *quem*? Quem é *quem*? Da mesma forma, não podemos dizer que há uma relação de concordância entre *quem* e o verbo *fará*. Essa relação de concordância não existe justamente pelo fato de o pronome *quem* ser invariável, isto é, não é flexionado.

O exemplo (14) – *Roubaram minha carteira no estádio ontem* –, é um dos mais intrigantes. Apesar de os gramáticos reconhecerem a existência de sujeito nessa oração, nenhum dos três critérios pode ser aplicado plenamente. Em primeiro lugar, não há nenhum ser sobre o qual se possa fazer uma declaração, afinal, o sujeito é indeterminado. Como não há um elemento explícito na oração, que cumpra a função de sujeito, logicamente não será possível estabelecer qualquer relação de concordância. Por fim, a primeira posição na oração é ocupada por um verbo, o que significa dizer que também não é aplicável o critério sintático.

Por fim, o exemplo (15) – *Há uma linda rosa no meu jardim* –, apesar de ser um típico caso de oração sem sujeito, apresenta um ser sobre o qual se faz uma declaração, já que estamos declarando algo sobre *uma linda rosa*: ela existe no meu jardim. Isso significa que se aplicássemos apenas o critério semântico na identificação do sujeito no exemplo (15), chegaríamos à impropriedade de afirmar que há um sujeito na oração: *uma linda rosa*.

A análise de todos os exemplos desta aula serviu para reforçar a necessidade de conjugarmos os diferentes critérios em busca do sujeito de uma oração. Ficou claro que a aplicação de apenas um critério, como fazem muitos autores de livros didáticos e alguns gramáticos, pode nos levar a equívocos.

Toda a nossa reflexão até aqui deve servir para reavaliarmos os conceitos aprendidos ao longo de nossa vida escolar. Afinal, quantas vezes ouvimos dizer que o sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração, ou o sujeito é o ser com o qual o verbo estabelece uma relação de concordância, ou ainda que o sujeito é o termo que ocupa a primeira posição na oração...

Muitas definições provavelmente foram apresentadas como se fossem inquestionáveis ou infalíveis. Dessa forma, passa-se a ideia de que estamos lidando com uma ciência exata e não com um legítimo estudo da estrutura de uma língua que é, por natureza, diversa, fluida, dinâmica e multifacetada.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 2 e 3

2. Vamos retomar os diferentes conceitos de sujeito explorados nesta aula:

Definições de Sujeito	
Critério semântico	Ser sobre o qual se faz uma declaração.
Critério morfológico	Termo com o qual o verbo concorda.
Critério sintático	Termo que ocupa a primeira posição na oração.

Com base nas reflexões que fizemos até este momento, analise as frases a seguir e diga se o sujeito está em concordância com os critérios apresentados antes ou não. Já analisamos a primeira frase, para servir de modelo:

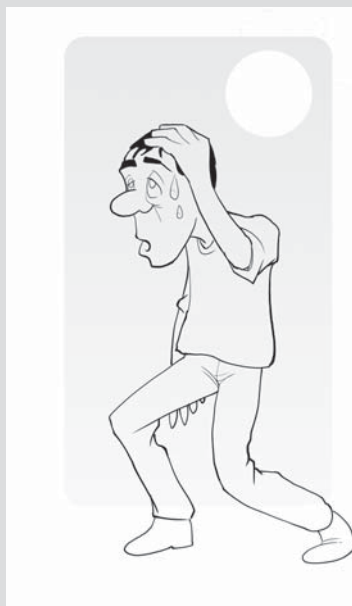
a) Joana e Angélica já chegaram de viagem.



O sujeito da oração é *Joana e Angélica*. Esse termo atende aos três critérios para a definição do sujeito porque é o ser sobre o qual se faz uma declaração (critério semântico), é o termo com o qual o verbo concorda (critério morfológico) e é o termo que ocupa a primeira posição na oração (critério sintático).

Agora é com você! Vamos lá?

b) O calor está insuportável.



c) Ignorância e preguiça são sempre constantes na vida dele.



d) Estávamos eu e você, em plena segunda-feira, na praia.



e) Estávamos em São Paulo no último final de semana.



RESPOSTA COMENTADA

Na frase b, o sujeito é o calor. Esse termo atende ao critério semântico (é o ser sobre o qual se faz uma declaração), desde que consideremos o calor como ser. Atende ao critério morfológico (termo com o qual o verbo concorda) e, por fim, atende ao critério sintático (o termo que ocupa a primeira posição na oração).

Na frase c, o sujeito é ignorância e preguiça. Se também considerarmos esses elementos como seres, teremos o critério semântico atendido, afinal, faz-se uma declaração sobre esses sentimentos. Também é estabelecida uma relação de concordância entre ignorância e preguiça e o verbo são (critério morfológico). Por fim, atende também ao critério sintático, uma vez que o sujeito ocupa posição inicial na oração.

Na frase d, o sujeito é eu e você. Faz-se uma declaração sobre dois seres, portanto, atende-se ao critério semântico. Há uma relação de concordância entre os termos eu e você e estávamos (critério morfológico). Por outro lado, já não se observa o critério sintático, já que não é o sujeito que encabeça a oração, mas o verbo estávamos. Por fim, na frase e, observamos que o sujeito pode ser depreendido da forma verbal, mas não está explícito na oração, ou seja, o sujeito nós. Por outro lado, apesar de não estar explícito, podemos afirmar que se faz uma declaração acerca desse item. Atende-se, portanto, ao critério semântico. Além disso, o verbo concorda com o sujeito nós (critério morfológico). Por fim, não podemos aplicar o critério sintático, afinal, não há um sujeito explícito, mas apenas a forma verbal que toma a primeira posição na cadeia sintática.

CONCLUSÃO

Agora que já estamos familiarizados com os diferentes critérios que estabelecem a noção de sujeito, temos mais condições de identificá-lo nos diversos padrões estruturais da língua portuguesa. Assim, como você está observando, para a identificação de uma função sintática como o *sujeito* é necessária a consideração de mais de um critério, como o semântico, o morfológico e o sintático, pelo menos, além de levar em conta informações que se encontram além da oração, no nível do período ou mesmo do texto. Somente assim, com essa visão mais geral, é possível a identificação e estudo dos diversos tipos de sujeito de nossa língua.

Não se trata de uma dificuldade da categoria *sujeito*, mas sim da complexidade que é própria das funções sintáticas em termos gerais. Essa complexidade se verifica em todos os níveis de análise linguística, desde o menor, em termos das sílabas e fonemas, até o mais amplo, no âmbito do texto.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 2 e 3

Leia a informação a seguir, extraída do site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Educacaoa Distancia>. Com essa leitura, você também terá a oportunidade de aprender um pouco mais sobre a história do ensino de língua portuguesa pela EAD no Brasil:

¹O professor Sérgio Guidi foi um dos pioneiros no ensino a distância público no Brasil. ²De 1988 a 1993 o professor de Língua Portuguesa da Universidade Católica de Santos, em São Paulo, manteve cursos de atualização em Português Instrumental a Distância. ³Destinavam-se a profissionais que tinham na língua portuguesa ferramenta de trabalho mas, em razão da ocupação laboriosa, não podiam frequentar uma escola regular.

¹Através do sistema MINITEL, que no Brasil era chamado videotexto, dez capítulos de atualização na língua portuguesa foram criados como: grafia correta de palavras, acentuação gráfica, uso correto de expressões.

²Certificados eram emitidos para todo o país. ³Na Universidade Católica a elaboração dos conteúdos ficava a cargo do Laboratório de Telemática, fechado em 1995 pelo então diretor da Faculdade de Comunicação, professor Marco Antonio Batan.

Como você pode perceber, tanto o primeiro parágrafo do texto como o segundo possuem três períodos cada um. Esses períodos estão numerados para facilitar sua localização. Com base nessas informações, faça o que se pede:

a) Destaque o sujeito das duas primeiras orações do primeiro parágrafo.

b) Identifique o sujeito do verbo *destinavam-se* no terceiro período do primeiro parágrafo.

c) Podemos aplicar o critério sintático para descobrir o sujeito da terceira oração do segundo parágrafo? Por quê?

d) Os três critérios apresentados para a identificação do sujeito são aplicáveis à oração *Certificados eram emitidos para todo o país*? Por quê?

RESPOSTA COMENTADA

a) O sujeito da primeira oração do primeiro parágrafo é O professor Sérgio Guildi. O sujeito da segunda oração do mesmo parágrafo é o professor de Língua Portuguesa da Universidade Católica de Santos.

b) O sujeito do verbo *destinava-se*, no terceiro período do parágrafo, não está explícito na cadeia sintática, mas podemos depreendê-lo pelo contexto, levando em conta também o critério semântico, já que ocupa outra função sintática no período anterior: cursos de atualização em Português Instrumental a Distância.

c) O sujeito dessa oração é a elaboração dos conteúdos, que não ocupa o primeiro lugar na oração. Por esse motivo, o critério sintático não pode ser utilizado. Se ele fosse utilizado, você concluiria erroneamente que o sujeito da oração é Na Universidade Católica. Nesse caso, o critério morfológico e o semântico seriam mais indicados.

d) Sim, é possível aplicarmos os três critérios apresentados. Faz-se uma declaração sobre um ser (critério semântico), é o termo com o qual o verbo concorda (critério morfológico), e também é o primeiro termo que aparece na oração (critério sintático).

RESUMO

Nós vimos na aula de hoje que o sujeito nem sempre pode ser tomado como um termo essencial da oração, no sentido de que muitas vezes não está presente na estrutura sintática das orações em língua portuguesa. Vimos também que o sujeito pode estar na posição inicial da oração, que é a posição prototípica (a mais comum), mas também pode estar em outras posições. Em geral, o sujeito é o termo que estabelece concordância com o verbo, mas há situações especiais em que isso não se verifica. Podemos também afirmar, em termos gerais, que o sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração, apesar de nem sempre se tratar de um ser e nem sempre haver uma declaração. Assim, podemos concluir que nem sempre os três critérios podem ser aplicáveis à identificação do sujeito. É por esse motivo que não devemos tomá-los de forma isolada, mas conjugando-os, tal como fizemos ao longo desta aula.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Chegamos ao final de mais uma trajetória. Por meio desta aula, começamos o nosso estudo sobre o sujeito, que é algo bastante rico e multifacetado. Há ainda muitos aspectos desse tema a serem explorados, como, por exemplo, sua tipologia. Até aqui você deve ter observado que nem sempre o sujeito é formado por apenas um sintagma. Algumas vezes ele é composto por dois sintagmas ou até mesmo nem aparece na oração, como é o caso do sujeito que não está explícito na cadeia sintática. É sobre esses assuntos que nos debruçaremos na próxima aula.

Tipos de sujeito

Ivo da Costa do Rosário

Mariangela Rios de Oliveira

AULA

4

Meta da aula

Apresentar os diferentes tipos de sujeito: simples, composto, oculto, oração sem sujeito e sujeito indeterminado.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar o sujeito simples, composto, oculto e indeterminado na frase;
2. reconhecer as orações sem sujeito;
3. estabelecer distinção entre esses tipos de sujeito.

INTRODUÇÃO

Em nossa última aula, iniciamos o estudo de um importante tópico da gramática da língua portuguesa: o sujeito. Vimos que, apesar de ser considerado um termo essencial da oração, nem sempre ocorre nas frases da língua portuguesa, o que nos permite questionar a sua essencialidade.

Analisamos também os três critérios comumente utilizados para a identificação do sujeito, que chamamos de critério semântico, morfológico e sintático. A conjugação ou combinação desses critérios, como também vimos, nos instrumentaliza a localizarmos o sujeito com maior precisão.



Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/b/bz/bzuko22/1335487_check-box.jpg

Ao longo do estudo da Aula 3, chamamos a sua atenção para um detalhe bastante importante: nem sempre o sujeito se apresenta com uma mesma configuração sintática. Por exemplo, vejamos as orações:

- (1) João pratica natação aos domingos.
- (2) João e Gabriel praticam natação aos domingos.
- (3) Pratico natação aos domingos.
- (4) Roubaram meus pertences.
- (5) Choveu muito ontem.

Facilmente você deve ter observado que as orações acima são bastante diferentes do ponto de vista sintático. Na oração 1, há apenas um nome destacado. Na oração 2, há dois nomes destacados. Na oração 3, apesar de não haver nomes destacados, isso não nos impede de localizar o sujeito. Na

oração 4, reconhecemos a prática de uma ação, mas não temos como apontar o responsável por ela. Por fim, na oração 5, identificamos também uma ação, mas segundo nosso conhecimento de mundo, essa ação não pode ser atribuída a nenhum ser. Estamos falando respectivamente do sujeito simples, composto, oculto, indeterminado e inexistente. É sobre esse assunto que nossa aula discorrerá. E então, vamos a ela?

SUJEITO SIMPLES



Trata-se do tipo mais comum de sujeito. O sujeito simples tem um só núcleo; em outras palavras, apresenta-se como um SN que tem apenas um elemento determinado (ou termo principal), independentemente do número de determinantes (ou termos secundários).

O núcleo é a palavra que possui maior significação em um termo. Normalmente, o núcleo do sujeito equivale a um nome ou pronome.

Fonte: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:claXO342WdIJ:pt.wikipedia.org/wiki/Termos_essenciais_da_ora%C3%A7%C3%A3o+n%C3%BAcleo+do+sujeito+o+que+%C3%A9+isso%3F&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&source=www.google.com.br

Vejamos algumas orações para a exemplificação desse tipo de sujeito:

- (6) Os homens desejam a paz.
- (7) A maioria dos homens deseja(m) a paz.
- (8) João ama Maria.
- (9) O professor é americano.

Embora os sujeitos de (6), (7), (8) e (9) apresentem algumas distinções, todos têm em comum o fato de serem do tipo “simples”, uma vez que possuem um só núcleo, ou seja, uma só palavra de maior significação. No caso mais específico de (7), o que pode ocasionar dúvida é a definição do núcleo – que tanto pode ser *maioria* quanto *homens* (razão pela qual o verbo, como referimos anteriormente, pode se flexionando no plural ou não).

Como a classificação do sujeito simples leva em conta somente o critério estrutural, ou seja, a presença de um só núcleo, sem considerar as questões de sentido, são considerados como simples os sujeitos pronominais destacados em (10), (11), (12) e (13):

- (10) Alguém deseja a paz.
- (11) Ninguém ama Maria.
- (12) Ele é professor.
- (13) Ambos são professores.

Como percebemos, são muitos e distintos os modos de expressão do sujeito simples. Podem atuar nessa função substantivos, como em (6); pronomes pessoais, como em (12); pronomes indefinidos, como em (10) e (11); numerais, como em (13), além de outras classes de palavras.

Quanto à extensão, também se verifica grande variabilidade. Classificamos como *sujeito simples* desde um só substantivo ou pronome, como ocorre de (10) a (13), até expressões formadas por maior número de constituintes, como *a maioria dos homens* (7), ou ainda construções do tipo:

- (14) O professor daquela cidade distante deseja a paz.

Assim, a classificação em sujeito simples não leva em conta nada mais do que a ocorrência de um, e somente um, núcleo, com o qual deverá concordar o verbo. Embora o sujeito do exemplo (14) seja bastante extenso, o núcleo, ou seja, o termo de maior significação, é apenas *professor*.

Agora que você já ficou por dentro do sujeito simples e suas características, na próxima seção vai entender um pouco mais sobre o sujeito composto. Logo após a atividade!

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Leia o texto a seguir, extraído de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Carnaval>. Como bons brasileiros, vamos aprender um pouco mais sobre o carnaval?

¹ Carnaval é um período de festas regidas pelo ano lunar no cristianismo da Idade Média. ² O período do carnaval era marcado pelo “adeus à carne” ou “carne vale” dando origem ao termo “carnaval”. ³ Durante o período do carnaval havia uma grande concentração de festejos populares. ⁴ Cada cidade brincava a seu modo, de acordo com seus costumes. ⁵ O carnaval moderno, feito de desfiles e fantasias, é produto da sociedade vitoriana do século XIX. ⁶ A cidade de Paris foi o principal modelo exportador da festa carnavalesca para o mundo. ⁷ Cidades como Nice, Nova Orleans, Toronto e Rio de Janeiro se inspirariam no carnaval parisiense para implantar suas novas festas carnavalescas. ⁸ Já o Rio de Janeiro criou e exportou o estilo de fazer carnaval com desfiles de escolas de samba para outras cidades do mundo, como São Paulo, Tóquio e Helsinque, capital da Finlândia.

⁹ O carnaval do Rio de Janeiro está no *Guinness Book* como o maior carnaval do mundo. ¹⁰ Em 1995, o *Guinness Book* declarou o Galo da Madrugada como o maior bloco de carnaval do mundo.

Todos os períodos do texto estão numerados. Com base em suas reflexões, responda:

a) Podemos dizer que o texto apresenta um grande número de sujeitos simples? Por quê?

b) Identifique o sujeito dos períodos 1 e 2.

c) O sujeito da oração 9 é *O carnaval do Rio de Janeiro*. Podemos classificar esse sujeito como simples? Por quê?

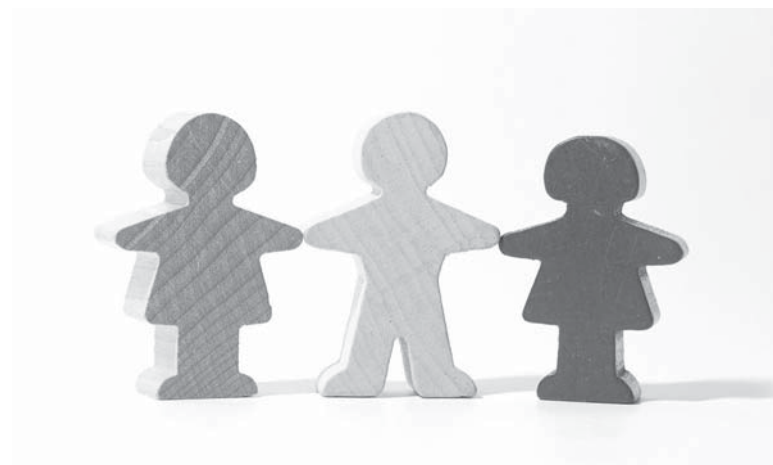
RESPOSTA COMENTADA

a) Sim, o texto apresenta um grande número de sujeitos simples, porque há apenas um núcleo em sua configuração sintática.

b) O sujeito do período 1 é Carnaval. O sujeito do período 2 é O período do carnaval.

c) Sim, ele pode ser considerado como sujeito simples porque possui apenas um núcleo, carnaval, apesar de haver dois elementos nominais no sujeito (período e Carnaval).

SUJEITO COMPOSTO



Tory Byrne

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/a/av/avolore/591716_friendship__2.jpg

Classifica-se como composto o sujeito que tem mais de um núcleo. Assim, nas orações com sujeito composto, o verbo deve ocorrer no plural, uma vez que, como já vimos anteriormente, uma das características do sujeito é justamente a concordância de número em relação ao verbo.

Ao contrário do sujeito simples, o tipo composto não é dos mais frequentes. Essa constatação parece sugerir que a comunidade linguística, em geral, tende a fazer declarações sobre “um” ser, e não sobre várias entidades especificadas individualmente. São exemplos de sujeito composto:

(15) O professor e o aluno são americanos.

(16) O presidente, os ministros e toda a nação desejam a paz.

(17) Eu e você amamos Maria.

As orações apresentadas ilustram três características do sujeito composto: podem ter variada quantidade de núcleos – *professor, aluno* em (15); *presidente, ministros, nação* em (16); *eu, você* em (17) –, e são formadas por substantivos ou pronomes e, em geral, os núcleos são conectados pela partícula *e*, a mais frequente para expressar adição em língua portuguesa.

Depois do sujeito composto, nosso próximo passo é descrever e analisar o sujeito oculto. Vamos a ele depois da atividade que segue!

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1 e 3

2. Leia esse trecho do conto “O diplomático”, de Machado de Assis (ASSIS, 2002):

Rangel era o leitor do livro de sortes. Voltou a página, e recitou um título: “Se alguém lhe ama em segredo.” Movimento geral; moças e rapazes sorriram uns para os outros. Estamos na noite de São João de 1854, e a casa é na Rua das Mangueiras. Chama-se João o dono da casa, João Viegas, e tem uma filha, Joaninha. Usa-se todos os anos a mesma reunião de parentes e amigos, arde uma fogueira no quintal, assam-se as batatas do costume, e tiram-se sortes. Também há ceia, às vezes dança, e algum jogo de prendas, tudo familiar. João Viegas é escrivão de uma vara cível da Corte.

No texto, há diversos termos destacados. Todos funcionam como sujeito nas orações em que estão inseridos. Com base nessa informação, responda: como podemos classificar os sujeitos destacados? São simples ou compostos?

RESPOSTA COMENTADA

Com exceção de “moças e rapazes”, que é um exemplo de sujeito composto, todos os outros casos são de sujeitos simples, ou seja, “Rangel”, “uma fogueira”, “as batatas” e “João Viegas”. Esses quatro últimos sujeitos apresentam apenas um núcleo, por isso são simples. Por outro lado, apresentam dois núcleos e estabelecem com o verbo uma relação de concordância no plural.

SUJEITO OCULTO (DETERMINADO)



Embora tenha grande tradição de registro na descrição gramatical da língua portuguesa, esse tipo de sujeito, também nomeado de *elíptico* ou *desinencial*, não consta entre os citados ou previstos pela NGB. Devido a essa lacuna, há tendência de se incluir o sujeito oculto na classe do sujeito simples, como um subtipo deste.

Chama-se de oculto o sujeito que pode ser identificado na oração, ainda que não esteja formalmente expresso ou marcado por um termo específico. Ao contrário do sujeito indeterminado, o sujeito oculto está subentendido, sendo recuperável por intermédio de duas estratégias:

a) Pela identificação da desinência verbal:

(18) *Fizemos uma passeata.*

(19) *Falaste bem do professor.*

As desinências verbais *-mos* e *-ste*, respectivamente em (18) e (19), informam de modo claro sobre o sujeito de ambas as orações – *nós* e *tu* –, sem necessidade de outro recurso para tal identificação.

Existem morfemas que indicam as flexões das palavras. Esses morfemas sempre surgem no fim das palavras variáveis e recebem o nome de desinências. Há desinências nominais e desinências verbais.

b) Pela presença do sujeito no contexto (oração ou período) anterior:

(22) *Ambos são professores e dão aula de Matemática.*

(21) *A maioria dos homens deseja a paz; mesmo assim não consegue deter a violência.*

Em (20), o sujeito da primeira oração (*ambos são professores*) atua também como sujeito da segunda oração (*dão aula de Matemática*). Somente chegamos à identificação do sujeito *ambos* da segunda, que aí está oculto, pela recuperação do contexto anterior. O mesmo comentário podemos fazer em relação a (21) – para a recuperação do sujeito *a maioria dos homens*, oculto na segunda oração, é necessário o contexto anterior, onde se encontra expresso esse SN.

Na verdade, a utilização do sujeito oculto é considerada estratégia eficiente e adequada na escrita padrão. Com esse recurso, evitam-se repetições ou retomadas literais de SN, promovendo o “enxugamento” do texto, a concisão da expressão, considerada uma das qualidades básicas da produção escrita mais eficiente. Vejamos, como exemplo, um pequeno trecho, extraído de uma revista semanal:

(22) *Os crachás “high tech” de hoje em dia são uma maravilha: θ abrem portas e θ são o seu RG no trabalho.*

No exemplo (22), formado por três orações, apenas o sujeito simples da primeira oração é expresso na íntegra (*os crachás “high tech” de hoje em dia*); a partir daí, temos a elipse desse sujeito nas duas orações subsequentes (*abrem portas* e *são o seu RG no trabalho*). O símbolo θ indica a ausência formal do sujeito, o que não acarreta problema para a produção e a compreensão de (20). Assim, observamos que esse tipo de sujeito é oculto apenas no plano formal, não sendo expresso por uma palavra específica, por um termo a que possamos atribuir a função de sujeito. Na verdade, o sujeito oculto se manifesta e é pressuposto pelos falantes da língua, que sabem a respeito de quem ou do que se está fazendo alguma declaração.

Até aqui analisamos o sujeito simples, o composto e o oculto, que são todos determinados em uma oração. Depois da Atividade 3, veremos o sujeito indeterminado!

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1 e 3

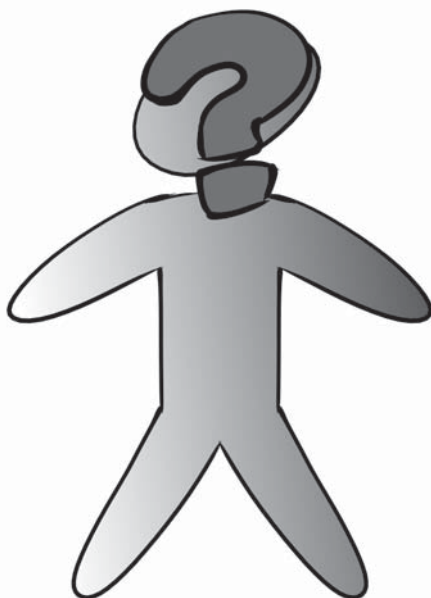
3. Leia um trecho do poema de Carlos Drummond de Andrade chamado “As sem-razões do amor” (disponível no site http://pensador.uol.com.br/as_100_razoes_do_amor/):

Eu te amo porque te amo,
Não precisas ser amante,
e nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
Amor é estado de graça
e com amor não se paga.
Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.
(...)

Identifique, no primeiro e segundo versos do poema, dois exemplos de sujeito oculto e informe a partir de qual estratégia esse sujeito foi recuperado.

RESPOSTA COMENTADA

No primeiro verso do poema, identificamos um sujeito oculto (eu), que faz referência à segunda ocorrência do verbo amo. Esse sujeito é recuperado a partir da oração anterior. Já no segundo verso, o sujeito oculto (tu) é identificado a partir da desinência verbal de precisas.



Dizemos que o sujeito é indeterminado quando desconhecemos, não temos interesse em saber ou não queremos dizer quem executa a ação. Embora não tenha visibilidade maior na estrutura da oração, esse tipo de sujeito “existe na ideia”, e a língua dispõe de recursos específicos para marcar essa existência não muito clara ou relevante.

Como podemos observar, ao contrário do sujeito simples e do composto, definidos em termos de padrões estruturais – a quantidade de núcleos –, o sujeito indeterminado é classificado pelo viés semântico e morfossintático. Segundo a tradição gramatical, há dois recursos para a expressão desse tipo de sujeito, ambos de natureza gramatical:

a) Verbo na 3ª pessoa do plural, sem referência a SN contido na oração:

(23) Fizeram uma passeata pela paz.

(24) Falaram mal do professor.

Em (23) e (24), o sujeito indeterminado é marcado somente pela desinência de plural *-m*, usada nas formas verbais *fizeram* e *falaram*. Na verdade, em termos estritamente formais, este seria um tipo de oração “sem sujeito” expresso. Ao usar tipos de oração como esses, estamos

privilegiando a ação verbal; nesses casos, ou o sujeito é pressuposto ou mesmo irrelevante, como ocorre em (23), ou não temos interesse, não queremos informá-lo, como parece ser o caso de (24).

Devemos ressaltar que, caso houvesse um SN plural com o qual os verbos *fizeram* e *falaram* pudessem concordar (como em *Os moradores fizeram uma passeata* e *Os alunos falaram mal do professor*), estaríamos diante de sujeito simples, e não de indeterminado.

b) Verbo na 3ª pessoa do singular, com o pronome *se*:

(25) *Precisa-se de professores.*

(26) *Vive-se bem aqui.*

(27) *Devagar se vai ao longe.*

Conforme a tradição gramatical, nas orações (25), (26) e (27), a indeterminação do sujeito é assinalada pela partícula *se*, que se classifica nesses casos como “marca de indeterminação do sujeito”, equivalente a *alguém*. Desta forma, as orações referidas poderiam ser parafraseadas, respectivamente, por:

(25') *Alguém precisa de professores.*

(26') *Alguém vive bem aqui.*

(27') *Devagar alguém vai ao longe.*

Ambos os recursos de expressão nos remetem à discussão, já referida neste capítulo, sobre a característica “essencial” do sujeito. Como observamos nos exemplos anteriores, o sujeito indeterminado tem visibilidade e nível de importância menores do que o predicado; este sim é o grande componente oracional.

Devemos enfatizar que as estruturas oracionais (25), (26) e (27), em que temos casos de sujeito indeterminado, não devem ser confundidas com outras parecidas, como *Vendem-se casas* ou *Aceitam-se encomendas de doces*. Nestas últimas orações, não há indeterminação do sujeito, já que *casas* e *encomendas de doces* estão nesta função. O que temos aí são orações na chamada *voz passiva pronominal*, em que o sujeito apresenta-se após o SV, com o qual deve concordar (sujeito plural > verbo plural); trata-se de formações equivalentes a *Casas são vendidas* ou *Encomendas de doces são aceitas*. Assim, de acordo com a norma padrão, estariam equivocados usos populares, muito encontrados, como “Vende-se casas” e “Aceita-se encomendas”, já que não haveria a con-

cordância verbal referida. Na verdade, a tendência que leva as pessoas a não realizarem a flexão verbal nesses casos é motivada, em grande parte, pelo tipo semântico de sujeito (serviços, materiais, objetos, entre outros) e sua disposição na oração (após o verbo), que são distintos do modelo geral para essa função sintática, como vimos na parte inicial desta aula. Desse modo, ao usar “Vende-se casas” e “Aceita-se encomendas”, os falantes do português estão considerado que alguém faz a ação, que tem “casas” e “encomendas” como complemento do verbo. Esse é um dos casos em que a orientação da tradição gramatical, que indica a flexão verbal, se afasta bastante dos usos populares, que não veem aí necessidade para essa flexão.

Vamos agora fazer a Atividade 4 e, após, examinar outro tipo de sujeito oracional. Vamos lá!

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1 e 3

4. Leia um trecho de um dos grandes sucessos da banda Legião Urbana, chamado “Quase sem querer”:

Tão correto e tão bonito;
O infinito é realmente
Um dos deuses mais lindos!
Sei que, às vezes, uso
Palavras repetidas,
Mas quais são as palavras
Que nunca são ditas?
Me disseram que você
Estava chorando
E foi então que eu percebi
Como lhe quero tanto.

Já não me preocupo se eu não sei por quê.
Às vezes, o que eu vejo, quase ninguém vê
E eu sei que você sabe, quase sem querer
Que eu quero o mesmo que você.

a) Identifique no trecho e comente um exemplo de sujeito indeterminado:

b) Observe o trecho a seguir, extraído da letra da música: “Às vezes, o que eu vejo, quase ninguém vê”. É correto afirmar que no trecho “ninguém vê” há um exemplo de sujeito indeterminado? Por quê?

RESPOSTA COMENTADA

a) O sujeito indeterminado está no segmento “Me disseram que você estava chorando”. O verbo disseram está sendo atribuído a um sujeito que não está expresso na oração nem pode ser recuperado pelo contexto.

b) No trecho “ninguém vê”, não há propriamente sujeito indeterminado. Trata-se de uma oração com sujeito simples. Como já havíamos comentado, as orações que possuem os pronomes ninguém, alguém, entre outros, sendo atribuídos aos verbos são consideradas núcleos do sujeito simples.

ORAÇÃO SEM SUJEITO



De acordo com a tradição gramatical, a oração sem sujeito caracteriza-se pela ênfase no processo verbal. Trata-se de um tipo de oração em que não se atribui a nenhum ser ou entidade a realização desse processo. Portanto, considera-se que o sujeito, nessas construções, é “inexistente” e o verbo se classifica como “impessoal”.

A oração sem sujeito, dessa forma, não se confunde com o sujeito indeterminado, uma vez que neste caso o sujeito existe, embora não se possa ou não se queira identificá-lo.

Conforme Cunha e Cintra (2001, p. 126), a oração sem sujeito manifesta-se, basicamente, por três modos de expressão:

a) Com verbos ou expressões referentes a fenômenos da natureza:

(28) *Chove lá fora!*

(29) *Faz frio aqui dentro.*

(30) *Anoitecia no meio da selva.*

Nos exemplos (28), (29) e (30), somente se declara sobre os acontecimentos naturais – *chover*, *fazer frio* e *anoitecer*; é neles que se centra a informação. Casos como esses são, geralmente, trazidos à discussão como argumentos contra a “essencialidade” do sujeito, uma vez que se trata aqui, efetivamente, da inexistência de uma função considerada fundamental na organização oracional do português. Essa situação é interpretada por muitos estudiosos da língua como um dos pontos críticos e contraditórios da descrição feita pela tradição gramatical.

b) Com verbo *haver* no sentido de “existir”:

(31) *Nessa escola, não havia professor de Matemática.*

(32) *Atualmente, há muitas passeatas pela paz.*

(33) *Houve noites em que não dormi.*

Como podemos observar, os exemplos do tipo *b* são característicos da língua escrita padrão; trata-se de orações de uso mais raro no trato cotidiano. Em geral, quando o verbo *haver* é usado com o sentido de *existir*, verificamos uma tendência a que ele concorde com o sintagma subsequente, o qual deixa, assim, de ser interpretado como complemento verbal e passa a funcionar como sujeito. Assim, as variantes de (32) e (33) a seguir constituem alternativas populares e “inadequadas” do ponto de vista do uso padrão:

(32') *Atualmente, hão muitas passeatas pela paz.*

(33') *Houveram noites em que não dormi.*

Em (32') e (33'), o verbo *haver* encontra-se no plural devido ao entendimento, considerado “falso” pela descrição da gramática tradicional, de que *muitas passeatas* e *noites*, respectivamente, são sujeitos de ambas as orações, quando, segundo a norma padrão, esses constituintes devem ser interpretados como complementos do verbo, ficando a função de sujeito vazia, inexistente.

Na verdade, no modo mais informal de expressão, o verbo *haver* costuma ser substituído por *ter*. Progressivamente, essa alternativa parece vir ganhando espaço na comunidade linguística e se consagrando como modo regular de expressão da oração sem sujeito. A música popular brasileira, por exemplo, muitas vezes concorre para a fixação de alternativas menos modelares, como os versos a seguir, que iniciam a letra da música “Roda viva”, de Chico Buarque:

(34) “*Tem dias que a gente se sente/como quem partiu ou morreu...*”

Se fôssemos usar um registro linguístico formal, o verbo que inicia (34) deveria ser modificado para *há* dias ou *existem* dias. Mas a mudança somente do termo verbal não seria suficiente, porque, além do uso de *tem*, o que confere ao verso do poeta a marca da informalidade não se encontra apenas no verbo inicial – está também na expressão *a gente se sente*, variante popular do uso padrão *nós nos sentimos*.

Em termos sintáticos, outro aspecto interessante desse verso é que, conforme a perspectiva gramatical adotada, se admitem duas análises: na primeira, mais convencional, consideraríamos *dias* o sujeito de *tem* (para tanto, deveríamos usar o acento circunflexo, na marcação do plural – *têm*); na segunda análise, mais correspondente ao uso popular, interpretaríamos *dias* como objeto de *tem*, classificando o verbo como impessoal e a oração como de sujeito inexistente.

Assim, caberia a pergunta: e como ficaria a classificação ou indicação do sujeito em orações como (34)? A resposta é que essa classificação não é rígida, ela varia de acordo com a perspectiva adotada: se partimos da mais convencional, relativa à tradição gramatical, vamos indicar *dias* como sujeito; se tomarmos o ponto de vista do uso popular, trata-se de uma oração de sujeito inexistente. Como podemos observar, a análise sintática não é, em muitos casos, tão rígida; pelo contrário,

há na ordenação oracional vários aspectos de dúvida e que permitem mais de um tratamento, o que acaba significando também mais de uma classificação possível.

De acordo com Cunha e Cintra (2001, p. 127), o uso do verbo *ter* como impessoal é corrente “na linguagem coloquial do Brasil”, além de estar consagrado na literatura moderna e em outras manifestações. Citam os autores ainda que tal uso “deve estender-se ao português das nações africanas”, devido ao registro de ocorrências desse tipo em fontes literárias do português de Angola.

c) Com os verbos *haver*, *fazer* e *ir* indicando tempo decorrido e com o verbo *ser* na referência a tempo geral:

(35) *Há tempos/não vemos uma passeata pela paz.*

(36) *Faz três anos/que ele é professor.*

(37) *Vai para dois meses/que não durmo bem.*

(38) *Era cedo/quando adormeci.*

Observamos que o tipo de oração impessoal ilustrado em *c* é usado como referência temporal dentro de outras orações. Trata-se de um sintagma que se centra exclusivamente na marcação do processo temporal, daí seu uso como “suporte” para as demais orações. Nos exemplos de (35) a (38), as orações iniciais fornecem informações subsidiárias para as subsequentes, que atuam como principais.

CONCLUSÃO

Nesta aula, como observamos, a função sintática *sujeito* tem distintos tipos de classificação. Por outro lado, esses tipos distintos não dão conta da variedade de modos em que o sujeito pode se manifestar na oração. Longe de constituir um problema ou limitação da descrição gramatical, essa situação nos mostra como são fluidos os limites entre cada tipo e como o português, como as demais línguas do mundo, é dinâmico em sua realização e configuração gramatical. Na descrição e análise das demais classes sintáticas da oração, também lidaremos com essa fluidez categorial, que é, portanto, traço constitutivo das línguas em geral.

ATIVIDADE FINAL

(Atende aos Objetivos 1 e 3)

Leia a primeira estrofe do poema “Morte do leiteiro” e responda:

Há pouco leite no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há muita sede no país,
é preciso entregá-la cedo.
Há no país uma legenda,
que ladrão se mata com tiro.
(ANDRADE, 1967, p. 169.)

a) Como se classificam os sujeitos do primeiro, terceiro e quinto versos?

b) Aponte uma justificativa para o uso desse tipo de sujeito, com base em sua definição gramatical e no efeito de sentido articulado pela estrofe:

c) Se no primeiro verso tivéssemos *O país tem pouco leite*, como seria classificado o sujeito? Justifique sua resposta.

d) Ainda retomando a sugestão do verso *O país tem pouco leite*, reelabore-o no sentido de termos um sujeito composto:

RESPOSTA COMENTADA

- a) Nos três versos, trata-se de orações sem sujeito, com o verbo impessoal *haver*.
b) Segundo a definição gramatical, nas orações sem sujeito, enfatiza-se o processo verbal em si mesmo; na estrofe apresentada, uma das motivações do poeta para esse uso pode ser apontada no destaque que ele dá à situação do país, não importando quem vive tal situação ou dela participa. Interessa ao poeta mostrar a quadro nacional, não se voltando para os personagens, no caso, os brasileiros.
c) Em *O país tem pouco leite*, haveria sujeito simples (o país), já que esse termo passaria a representar o ser sobre o qual se faz a referência, constituído de um só núcleo (país), com o qual concorda a forma verbal (tem), localizada na parte inicial da oração.

d) Na transformação do sujeito simples em composto, devemos adicionar um outro núcleo ao SN o país; assim, sugerem-se expressões como o país e o mundo inteiro, o país e os demais países, o país e todas as nações, entre outras. Destaca-se que, nesses casos, a forma verbal deverá ir para o plural, concordando com os dois núcleos, nesse caso, a forma têm.

RESUMO

Nós vimos na aula de hoje que o sujeito pode ser classificado, segundo a maioria dos gramáticos, em cinco grandes grupos, a saber: 1. sujeito simples, quando é composto por apenas um núcleo; 2. sujeito composto, quando é composto por dois ou mais núcleos; 3. sujeito oculto, quando o agente da ação verbal é facilmente identificável pelo contexto precedente ou pela desinência verbal; 4. sujeito indeterminado, quando desconhecemos, não temos interesse em saber ou não queremos dizer quem executa a ação; por fim, 5. oração sem sujeito ou sujeito inexistente, quando não se atribui a nenhum ser ou entidade a realização desse processo.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Chegamos ao final de mais uma trajetória. Por meio desta aula, concluímos o nosso estudo sobre o sujeito. Por outro lado, cabe acrescentar que há diversas outras minúcias com relação a esse assunto. Dessa forma, encorajamos você a buscar outras referências e outras obras sobre o assunto, que é bastante rico. Ademais, você deve ter percebido que o sujeito sempre vem acompanhado de outro termo, que chamamos comumente *predicado*. É sobre esse termo que discutiremos em nossa próxima aula. Até lá!

Termos essenciais II: predicado

Ivo da Costa do Rosário
Mariangela Rios de Oliveira

Metas da aula

Apresentar o conceito de predicado e distinguir os três tipos de predicado.

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. distinguir o sujeito e o predicado de uma oração;
2. identificar os predicados verbal, nominal e verbo-nominal.

INTRODUÇÃO

Em nossas duas últimas aulas, concluímos o estudo do sujeito. Tivemos a oportunidade de conceituar sujeito sob diferentes perspectivas, e também vimos os cinco tipos de sujeito, conforme classificação estabelecida pela gramática normativa: simples, composto, oculto, indeterminado e inexistente. Vimos que, apesar de ser considerado um termo essencial da oração, nem sempre ocorre nas frases da língua portuguesa, o que nos permite questionar a sua essencialidade.

Analisamos também os três critérios comumente utilizados para a identificação do sujeito, que chamamos de critério semântico, morfológico e sintático. A conjunção ou combinação desses critérios, como também vimos, nos instrumentaliza a localizarmos o sujeito com maior precisão.

Com esses conhecimentos, vamos agora avançar mais um pouco, dedicando-nos à função sintática *predicado*. Assim, nesta aula, vamos nos voltar para essa função, bem como sua relação com a função *sujeito*.

PREDICADO – FUNÇÃO E FORMA

Do ponto de vista da tradição gramatical, o predicado é definido em função do sujeito. Assim, entende-se a oração como uma estrutura formada por dois constituintes que se correspondem e complementam – o ser sobre o qual se faz uma declaração (sujeito) e a própria declaração, ou comentário, sobre tal ser (predicado). Dessa perspectiva, as duas funções têm a mesma importância e produtividade, interpretando-se o predicado como pensado e elaborado após o sujeito, como um adendo, já que, conforme Carone (1991, p. 60), “infere-se daí que o primeiro a surgir na mente do falante é o sujeito, pois só podemos falar de um tema se o tivermos presente em nosso espírito”.

Em consonância com a descrição tradicional, encontramos as duas definições de predicado exemplificadas a seguir:

a) Cunha e Cintra (1985, p. 119): “...o PREDICADO é tudo aquilo que se diz do SUJEITO.”

b) Kury (1986, p. 20-21): “PREDICADO é, na oração de um só termo, a enunciação pura de um fato qualquer (...) na oração de dois termos, é aquilo que se diz do sujeito.”

Na segunda definição, o autor contempla o predicado da oração sem sujeito, ou, de acordo com sua terminologia, da “oração de um só termo”; nesse caso, o predicado não se define em função do sujeito,

mas apenas como um comentário geral. Esquemáticamente, ambas as definições dão conta de estruturas oracionais como as que se seguem:

SUJEITO	PREDICADO
(1) Todos os moradores	→ temem as chuvas de verão.
(2) A chuva	→ foi a mais forte da estação.
(3) -----	→ Choveu torrencialmente ontem!

Os predicados ilustrados em (1) e (2) constituem efetivos “comentários” sobre o sujeito; já (3) exemplifica, segundo Kury (1986, p. 21), a “enunciação pura de um fato qualquer” – no caso, a chuva forte.

Orações estruturadas como no exemplo (3) representam um dos argumentos para estudiosos que, ao contrário da tradição gramatical, destacam o predicado como o efetivo termo “essencial”, imprescindível à constituição da oração. Vejamos algumas declarações que se orientam nessa perspectiva:

c) Luft (1987, p. 23): “O mais importante dos dois, núcleo da oração, é o predicado: há orações sem sujeito (com verbos impessoais), mas não as há sem predicado.”

d) Bechara (1999, p. 408): “...nem mesmo o sujeito é um constituinte imprescindível da oração...”

e) Azeredo (1995, p. 46): “O único constituinte indispensável à existência de uma oração é o predicado.”

Nos três autores, observa-se o destaque para a essencialidade do predicado. Embora levando em conta a ressalva de Bechara (1999, p. 408), de que a presença do sujeito ao lado do verbo pessoal “constitua o tipo mais frequente – diríamos até a estrutura favorita – de oração em português”, esses autores chamam a atenção para a importância do sintagma verbal (SV) como único efetivamente necessário à organização oracional.

Há três tipos de oração que põem em xeque a igualdade de relevância das funções de sujeito e predicado. Trata-se de construções como:

(4) *Comentaram sobre sua demissão.*

(5) *Estivemos aqui ontem.*

(6) *Amanheceu rapidamente.*

Nas orações anteriores falta o sujeito expreso. Em (4), temos a indefinição do sujeito, marcada pela flexão de plural em *comentaram*; em (5), o sujeito é identificado na desinência verbal da forma *estivemos*, que nos informa que o sujeito (oculto) é a primeira pessoa do plural *nós*; já em (6) não há sequer sujeito, constituindo este um tipo mais evidente de ausência ou “inexistência” desse termo.

ATIVIDADES



Atendem ao Objetivo 1

1. Leia a tira a seguir:



a. Identifique o sujeito do verbo “ser” na fala do pai no segundo quadrinho. Classifique-o.

b. Os verbos “conhecer” e “ir” apresentam o mesmo sujeito? Aponte-os.

2. Leia a frase a seguir:

Antônio Frederico de Castro Alves, poeta romântico, natural de Curralinho, cidade da Bahia que hoje tem seu nome.

a. O período acima é composto por duas orações. Aponte o sujeito e o predicado de ambas.

RESPOSTA COMENTADA

1.a. No segundo quadrinho, na fala que apresenta o verbo *ser*, o sujeito é representado por um termo independente, e seu sintagma

possui apenas um núcleo: “isso”. Trata-se, portanto, de um sujeito simples.

1.b. Não, a classificação dos sintagmas é igual, mas o referente é diferente. O período “Todo mundo que eu conheço também vai bem nos estudos”, apresenta duas orações. A primeira: Todo mundo vai bem nos estudos apresenta um sintagma nominal cujo núcleo é “mundo” e pode ser classificado como sujeito simples. A segunda – que eu conheço – apresenta um sintagma nominal cujo núcleo é “eu” e também pode ser classificado como “sujeito simples”.

2.a. Na primeira oração – Antônio Frederico de Castro Alves, poeta romântico, natural de Curralinho, cidade da Bahia –, embora o verbo ser esteja subentendido, sem figurar formalmente no fragmento (Antônio... é natural...), podemos apontar o sintagma sobre o qual se faz uma declaração: “Antônio Frederico de Castro Alves”, sujeito, e o sintagma que apresenta a declaração sobre o sujeito: poeta romântico, natural de Curralinho, cidade da Bahia, predicado.

Na segunda oração, que hoje tem seu nome, o pronome relativo “que” é responsável pela articulação entre as duas orações. Além dessa função, o pronome substitui o sujeito “cidade da Bahia” na segunda oração, logo, ele tem dois papéis fundamentais: estabelecer relação entre orações e retomar, na função de sujeito, o sintagma “cidade da Bahia”.

TIPOS DE PREDICADO

Na língua portuguesa, há três tipos de classificação de predicado, a partir de modelos distintos. Esses modelos têm produtividade variada, com frequência de uso diversa na comunidade linguística – um é muito usado, o outro é mais limitado e um terceiro tem uso raro em português. Apresentaremos os três tipos conforme essa gradação – do mais para o menos produtivo.

Predicado verbal

Trata-se do tipo mais comum de predicado. De acordo com Cunha e Cintra (1985, p. 132), “o predicado verbal tem como núcleo, isto é, como elemento principal da declaração que se faz do sujeito, um VERBO SIGNIFICATIVO”. Adiante, na mesma página, os autores definem esse verbo como aquele que porta uma “ideia nova ao sujeito”.

Conforme Lima (1987, p. 208), o predicado verbal “exprime um fato, um acontecimento, ou uma ação, tem por núcleo um *verbo*, acompanhado, ou não, de outros elementos”.

Em ambas as definições, destaca-se o preenchimento semântico do predicado verbal, em torno de um constituinte principal – o verbo, que expressa conteúdo pleno. Tal plenitude, que pode ou não ser complementada por outros termos, é articulada por verbos como os seguintes, extraídos da coletânea de crônicas *Comédias da vida privada* (CVP), de Luis Fernando Verissimo:

(7) A mulher tratou do divórcio sozinha. (CVP, p. 50)

(8) Ela responde a todos com monossílabos e vagos gestos com o copo de tulipa. (CVP, p. 51)

(9) E tinha um leve sorriso nos cantos da boca. (CVP, p. 51)

Nos predicados verbais de (7), (8) e (9), os núcleos (sublinhados) são complementados por outros informes, respectivamente *do divórcio*, *a todos / com monossílabos e vagos gestos* e *um leve sorriso*.

Embora mais raros, há casos em que a plenitude verbal é tal que dispensa complementos, como nas orações dos seguintes versos, extraídos da letra de “Carolina”, composição de Chico Buarque:

(10) Lá fora, amor, uma rosa nasceu, todo mundo sambou, uma estrela caiu...

(11) Lá fora, amor, uma rosa morreu, uma festa acabou, nosso barco partiu...

(Fonte: <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45122/>)

Nos dois fragmentos, o poeta descreve (ou tenta descrever) para a amada o ambiente externo. Para tanto, ele articula orações formadas por predicados verbais cujos núcleos são plenos, sem a presença de qualquer complemento. Trata-se de acontecimentos ocorridos no momento inicial (10) e final (11) da composição, que concorrem para demonstrar a mudança processada enquanto o poeta se dirige à amada.

Com relação ao predicado formado por verbo pleno (ou intransitivo), há certas estruturas oracionais que trazem alguma complexidade em sua análise:

(12) *Acabou a festa.*

(13) *Faltaram dois alunos.*

(14) *Sumiram minhas canetas.*

De acordo com a tradição gramatical, devemos interpretar as orações (12), (13) e (14) como formadas por verbo intransitivo com sujeito posposto, na construção de um tipo de estrutura (*predicado + sujeito*) que contraria a tendência geral de o sujeito anteceder o predicado. Porém, no uso cotidiano, a comunidade linguística tende a interpretar orações desse tipo como de sujeito indeterminado ou mesmo oração sem sujeito. Assim, sintagmas nominais como *a festa*, *dois alunos* e *minhas canetas*, ordenados após o verbo, interpretam-se como complementos verbais, e não sujeitos, como se a ordenação fosse constituída unicamente pelo sintagma verbal, este formado por *verbo + complemento*. Por tal razão, na linguagem coloquial, ou mais informal, muitas vezes não se usa o verbo no plural, como em:

(13') *Faltou dois alunos.*

(14') *Sumiu minhas canetas.*

ATIVIDADES



Atendem ao Objetivo 2

3. Leia o texto abaixo e responda às questões propostas:

O sujeito estava chegando na rodoviária e viu o ônibus partindo naquele instante. Não teve dúvidas, ajeitou as malas nas costas e saiu em desabalada carreira atrás do ônibus. Correu mais de cinquenta quilômetros até que conseguiu alcançar o ônibus. Estava totalmente esfrangalhado, o sujeito. Sentou numa poltrona e comentou com o companheiro do lado:

- Se eu perdesse este ônibus pra Bahia, só ia ter outra a semana que vem.
- Só que este aqui está indo para Porto Alegre. Tchê.

(Fonte: MURAMOTO, [20--?])

Releia o primeiro período do texto.

a. Quantas orações há nesse período?

b. O(s) predicado(s) pode(m) ser classificado(s) como verbal(is)? O que justifica esse fato?

c. Na oração: “Estava totalmente esfrangalhado, o sujeito”, identifique o sujeito e o predicado. Classifique-os.

4. Leia o fragmento a seguir, que constitui a parte inicial do poema de Quintana, e responda às questões propostas:

De gramática e de linguagem

“E havia uma gramática que dizia assim:

“Substantivo (concreto) é tudo quanto indica

Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta”.

Eu gosto das cousas. As cousas sim!...

As pessoas atrapalham. Estão em toda parte. Multiplicam-se em excesso.

As cousas são quietas. Bastam-se. Não se metem com ninguém.

Uma pedra. Um armário. Um ovo, nem sempre,

Ovo pode estar choco: é inquietante...)

As cousas vivem metidas com as suas cousas.

E não exigem nada.

(...)

(QUINTANA, 1980, p. 94.)

a. Classifique o sujeito da oração: “havia uma gramática”.

b. Determine e classifique o predicado da oração: “As cousas... não exigem nada”.

c. Em: “As cousas são quietas”, podemos afirmar que o predicado é verbal e tem como núcleo um verbo nocional, ou seja, um verbo de ação? Justifique sua resposta.

RESPOSTA COMENTADA

3.a. Há três orações no primeiro período do texto, com base na ideia de que cada verbo corresponde a uma oração.

3.b. Os predicados podem ser classificados como verbais, pois nas orações construídas em torno de verbos nocionais, que expressam ação, os predicados têm o verbo como núcleo e são denominados verbais.

3.c. O enunciado apresenta ordem inversa, a estrutura sujeito-predicado foi modificada por conta da trama discursiva. Reorganizando a estrutura da oração, ficaremos com o seguinte enunciado: o sujeito estava totalmente esfrangalhado. Há um sintagma nominal sobre o qual se faz uma declaração, o sujeito, e um sintagma verbal que apresenta uma declaração sobre o sujeito, estava totalmente esfrangalhado. O termo o sujeito apresenta apenas um núcleo, portanto, é simples e o predicado é formado por verbo relacional que associa ao sujeito uma característica, é nominal por conseguinte.

4.a. Alguns verbos, chamados *impessoais*, expressam ações que não preveem um realizador ou um experimentador. Empregados sempre na terceira pessoa do singular, não admitem sujeito. Por isso, as orações formadas com verbos *impessoais* são denominadas *sem sujeito* ou *com sujeito inexistente*.

4.b. Em: “As cousas... não exigem nada”, o termo que faz uma declaração sobre o sujeito é *não exigem nada* e, por apresentar como núcleo um verbo *nocional*, é classificado como *verbal*.

4.c. O predicado desse enunciado apresenta um termo *nominal* que expressa um atributo do sujeito (*isentos*) e um verbo *relacional* em *elipse* (*ser*), portanto, é *nominal* e seu núcleo é chamado de *predicativo do sujeito*.

Predicado nominal

Como o rótulo indica, esse tipo de predicado tem por núcleo, ou termo principal, um nome, que pode ser representado por substantivo, adjetivo ou pronome. O núcleo do predicado nominal classifica-se sintaticamente como *predicativo*. Por outro lado, o verbo, no predicado nominal, é chamado *de ligação*, uma vez que seu papel maior é o de conectar o sujeito e o predicativo, estabelecendo entre ambos a concordância número-pessoal devida, além de informar sobre o tempo e o modo da declaração.

Para exemplificarmos o predicado nominal, recorreremos novamente às crônicas de Veríssimo (1996):

(15) Mauro era um homem bonito. Alto, atlético, moreno. Mas era bobo. Era extremamente bobo. (p. 59)

Em (15), ilustramos o trecho inicial de crônica “Mauro”. Nesse primeiro momento, o autor descreve o personagem principal. Nesse trecho, ainda não há ação, os acontecimentos não são o foco; o importante é traçar o perfil de Mauro. Para tanto, Veríssimo usa orações formadas por predicado nominal, em que qualifica seu personagem, estabelecendo a seguinte gradação:

Mauro <u>era</u> um homem bonito	→ <u>era</u> bobo	→ <u>era</u> extremamente bobo
predic. nominal	predic. nominal	predic. nominal

Como podemos perceber, esse tipo de predicado, desprovido de um verbo pleno ou significativo, presta-se a comentários do tipo descritivo, com (15), já que não há fatos ou acontecimentos em jogo; o tempo está “parado” e a ênfase reside no predicativo. Com base em (15), poderíamos organizar outras orações de predicado nominal, como, por exemplo:

(16) Mauro parece um homem bonito.

(17) Mauro ficou um homem bonito.

(18) Mauro continua um homem bonito.

(19) Mauro está um homem bonito.

Conforme Cunha e Cintra (1985, p. 129-130), o verbo de ligação, também chamado “copulativo”, pode expressar, portanto, noções como: estado permanente (verbo “ser”, em 15); estado transitório (verbo “estar” em 19); mudança de estado (verbo “ficar” em 17); continuidade de estado (verbo “continuar” em 18) ou aparência de estado (verbo “parecer” em 16). Assim, podemos considerar que o conteúdo básico do verbo de ligação é a manifestação de “estado”, e não ação ou processo, como os sentidos mais comuns dos verbos. Tal constatação nos permite dizer que, no predicado nominal, o verbo afasta-se dos traços mais típicos da classe dos verbos, já que não é núcleo do predicado e veicula sentido mais abstrato.

É preciso destacar que alguns verbos em língua portuguesa podem atuar como de ligação (ou copulativos) ou significativos, dependendo do contexto em que são empregados. No primeiro caso (A), integrantes do predicado nominal, tais verbos funcionam principalmente na conexão entre o sujeito e seu atributo; para a formação do predicado verbal, no segundo caso (B), esses verbos têm seu sentido mais preenchido, expressando ação ou trazendo novas informações acerca do sujeito. Estamos tratando de distintas organizações sintáticas como as que se seguem:

PREDICADO NOMINAL (A)

- (20) *Andávamos* muito doentes.
 (22) *Fiquei* feliz com a notícia.
 (24) Quem *está* satisfeito?
 (26) *Continuas* otimista!

PREDICADO VERBAL (B)

- (21) *Andávamos* pelas ruas desertas.
 (23) *Fiquei* aqui sentado durante horas.
 (25) Quem *está* nos esperando?
 (27) *Continuas* na mesma cidade?



Nas orações listadas em (A), os verbos *andar*, *ficar*, *estar* e *continuar* atuam na expressão de estados, fazendo a ligação entre o sujeito e seu atributo, informando sobre o tempo e o modo da declaração e concordando em número e pessoa com o sujeito. Nessas orações, os nomes adjetivos doentes, feliz, satisfeito e otimista funcionam como núcleo do predicado nominal, ou predicativo. Nas orações da coluna (B), os mesmos verbos, porém em contextos sintático-semânticos distintos, compõem predicado verbal, atuando como núcleo desse predicado e trazendo novos informes ao comentário. Em tais contextos, esses verbos podem expressar ação ou movimento, como em (21), ou referência espacial mais concreta, como (23), (25) e (27).

O predicativo pode, esporadicamente, referir-se não ao sujeito, como é a ocorrência mais comum, mas ao complemento verbal, como veremos na seção seguinte.

ATIVIDADES



Atendem ao Objetivo 2

5. Leia dois parágrafos de um artigo de opinião sobre o futebol brasileiro.

República de Bananas F.C.

É impressionante a debandada de jogadores brasileiros para o exterior. A inaptidão gerencial que domina boa parte dos clubes e das federações deixou o futebol do país de joelhos, em posição subalterna na divisão internacional do esporte, vulnerável a toda investida estrangeira.

O longo histórico de campeonatos inflados e calendários mal organizados, de regras instáveis e sempre desrespeitadas, de irresponsabilidade financeira, corrupção e incapacidade de pensar a atividade de forma planejada consolidou uma clássica situação de subdesenvolvimento: incapaz de melhor utilizá-las em benefício próprio, o país apenas vende suas riquezas naturais. (...)

Fonte: Gonçalves (2003).

Releia a primeira oração do texto.

a. Identifique o sujeito e o predicado dessa oração.

b. Esse predicado pode ser classificado como nominal? O que justifica esse fato?

c. O autor dá ênfase à informação oferecida pelo sujeito ou pelo predicado? Explique.

6. Leia o texto a seguir para responder às questões:

(Exercício adaptado de: Abaurre, Maria Luiza M. *Português: contexto, interlocação e sentido*. Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre, Marcela Pontara – São Paulo: Moderna, 2008, p. 525.)

Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca

Esse texto é sobre ninguém. Meu avô não foi ninguém. No entanto, que grande homem ele foi para mim. Meu pai severo e triste, mal o via, chegava de aviões de guerra e nem me olhava. Meu avô, não. Me pegava pela mão e me levava para o Jockey, para ver os cavalinhos. Foi uma figura masculina carinhosa em minha vida. (...)

Meu avô adorava a vida e usava sempre o adjetivo “esplêndido”, tão lindo e estrelado. A laranja chupada na feira estava “esplêndida”, a jabuticaba, a manga carlotinha, tudo era “esplêndido” para ele, pobrezinho, que nunca viu nada; sua única viagem foi de trem a Curitiba, de onde trouxe mudas de pinheiros. “Esplêndidas...” (...)

Meu avô não era ninguém. Mas nunca houve ninguém como ele.

a. Na frase “Mas nunca houve ninguém como ele”, como são classificados o sujeito e o predicado nessa oração? Justifique sua resposta.

b. Em “Foi uma grande figura masculina e carinhosa em minha vida.”, qual é a função sintática do sintagma nominal grifado?

c. Explique por que a caracterização do avô é determinada pela função exercida pelo pronome indefinido nos enunciados “Meu avô não foi/era ninguém”.

RESPOSTA COMENTADA

1.a. A oração está em ordem inversa. O sujeito é “a debandada de jogadores brasileiros para o exterior”. O predicado “é impressionante” apresenta um verbo relacional e seu núcleo é um termo nominal que expressa um atributo do sujeito.

1.b. O predicado é nominal, uma vez que há o emprego de um verbo de ligação e a presença de um núcleo que atribui uma característica à debandada de jogadores.

1.c. À informação oferecida pelo sujeito, uma vez que a oração está na ordem indireta.

2.a. Temos nessa construção uma oração sem sujeito, pois o verbo haver, nesse caso, foi usado com sentido de existir, sendo, portanto, impessoal. O predicado “Mas nunca houve ninguém como ele” é verbal, já que o verbo é nocional e é o núcleo do sintagma verbal.

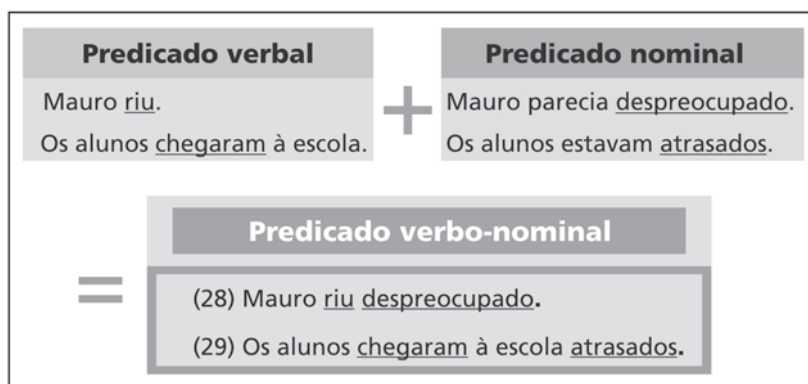
2.b. Analisando as relações estabelecidas entre os termos dessa oração, constatamos que o verbo não possui conteúdo referencial no sentido estrito do termo, servindo apenas como elo entre o sujeito da oração e a predicação (estado ou qualidade) feita pelo predicativo do sujeito que, no caso, é o sintagma nominal “uma grande figura masculina e carinhosa”.

2.c. Temos, nos enunciados destacados, uma frase com predicado nominal (não foi/era ninguém). Nesse caso, o pronome indefinido “ninguém” exerce a função de predicativo do sujeito (“meu avô”), atribuindo-lhe uma qualificação. É a função predicativa exercida pelo pronome, na estrutura sintática, que promove a caracterização do avô como alguém “sem importância”.

Predicado verbo-nominal

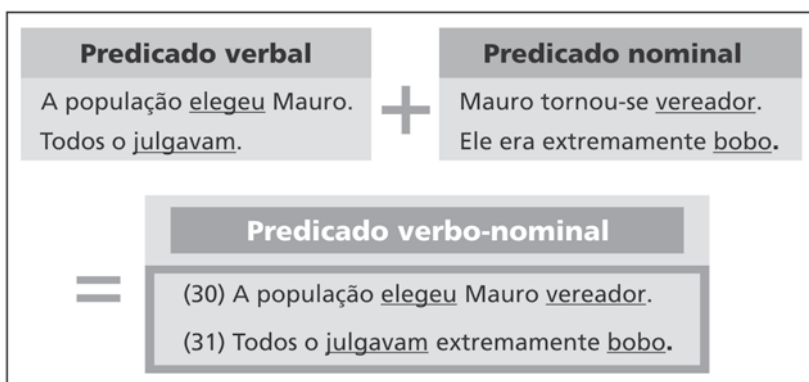
Este é o tipo complexo de articulação do predicado. Tal complexidade justifica-se pelo modo como é elaborado – trata-se, na verdade, da combinação do predicado verbal e do nominal, na formação de um terceiro modelo. Devido à combinação de que resulta o predicado verbo-nominal, também é chamado por alguns autores de “misto” (LIMA, 1987, p. 208; CUNHA; CINTRA, 1985, p. 134).

O predicado verbo-nominal tem dois núcleos, representativos da combinação de que é resultante – um verbo significativo, próprio do predicado verbal, e um nome na função de predicativo, característico do predicado nominal. No esquema a seguir, exemplificamos o processo pelo qual se forma o predicado verbo-nominal:



Em (28) e (29), encontram-se destacados os dois núcleos mencionados – o verbal e nominal. Os verbos são significativos, na articulação de sentido pleno (*riu* e *chegaram*), e o predicativo em ambas as orações (*despreocupado* e *atrasados*) relaciona-se ao sujeito respectivo (*Mauro* e *os alunos*).

Há uma outra possibilidade de organização do predicado verbo-nominal, ainda mais complexa e de pouco uso na língua, em que o predicativo qualifica o complemento do verbo significativo, e não o sujeito. Trata-se do resultado de uma estratégia como a seguinte:



Nas orações (30) e (31), os termos predicativos *vereador* e *bobo* não qualificam o sujeito, mas sim o complemento. Na oração (30), o verbo significativo *elegeu* refere-se ao sujeito *a população*, que praticou essa ação. Na oração (31), o sujeito *todos* concorda com o verbo *julgavam*, que é complementado pela partícula *o*; esta partícula, que se refere ao ser julgado, é que recebe o atributo *bobo*.

São variadas as possibilidades de formação do predicado verbo-nominal, devido à sua construção híbrida, na combinação de dois outros predicados. Vejamos alguns modelos:

(32) Mauro foi chamado de bobo.

(33) Carlos voltou ao Brasil como embaixador.

(34) A população lhe chamava corrupto.

Em (32), o predicativo encontra-se antecedido da preposição *de*; em (33), o conectivo *como* surge à frente do predicativo *embaixador*, e em (34) temos um tipo de construção em que o predicativo *corrupto* refere-se ao objeto indireto *lhe*.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 2

1. Leia os versos abaixo, extraídos de uma canção popular brasileira, e responda às questões propostas:

Século do progresso

A noite estava estrelada
Quando o samba se formou.
A lua veio atrasada
E o samba começou.
(...)
Chegou alguém apressado
Naquele samba animado
(ROSA, 1982, p. 46.)

a. Releia os dois primeiros versos do texto. Classifique o predicado das orações. Aponte o sujeito de cada oração.

b. Classifique o predicado do verso: “A lua veio atrasada”. Qual a função do termo grifado?

c. Classifique o sujeito e o predicado dos versos: “Chegou alguém apressado/Naquele samba animado”.

2. Leia o fragmento de Loyola Brandão e responda às questões propostas:

Um dia depois sentiu-se na mala do carteiro. Diante de uma casa percebeu que o funcionário tinha parado indeciso, consultara o envelope e prosseguira. Voltou ao DCT, foi colocado numa prateleira. Dias depois, devia ter saído algo errado. A carta voltou à prateleira, no meio de muitas outras, amareladas, empoeiradas (BRANDÃO, 1998).

a. Que tipo de predicado encontramos no enunciado: “O funcionário parou indeciso”.

b. Qual é a função sintática do termo “indeciso”?

c. Em “Entregou a carta empoeirada”, como podemos classificar o predicado?

RESPOSTA COMENTADA

1.a. Esse período é formado por duas orações. A primeira, “A noite estava estrelada”, é formada por um verbo copulativo que faz a ligação entre o sujeito e sua predicação “estrelada”, trata-se, por-

tanto, de um predicado nominal. A segunda oração apresenta um verbo significativo que funciona como núcleo do predicado que é, nesse caso, verbal. O sujeito da primeira oração é “A noite” e o da segunda, “o samba”.

1.b. A oração “A lua veio atrasada” apresenta dois núcleos no predicado. O primeiro deles – veio (verbo intransitivo) – expressa a ação do enunciado. O segundo núcleo – atrasada (adjetivo) – introduz uma predicação sobre o sujeito da oração. É, no caso, predicativo do sujeito. A presença desses dois núcleos caracteriza o predicado como verbo-nominal.

1.c. A oração “chegou alguém apressado/ naquele samba animado”, é constituída por um sintagma nominal, alguém, que por apresentar apenas um núcleo, classifica-se como sujeito simples e um sintagma verbal, chegou apressado naquele samba animado, que por apresentar dois núcleos, chegar (verbo intransitivo), e apressado (predicativo do sujeito), é classificado como predicado verbo-nominal.

2.a. Encontramos predicado verbo-nominal, pois apresenta dois núcleos significativos: um verbo (parou) e um nome (indeciso).

2.b. O sintagma nominal “indeciso” está relacionado ao sujeito, numa estrutura intransitiva, atribuindo-lhe uma qualidade. É, portanto, um predicativo do sujeito.

2.c. Na oração “Entregou a carta empoeirada”, o verbo entregar é significativo. Portanto, esse predicado é verbal.

CONCLUSÃO

Como pudemos ver nesta aula, o predicado, entendido como tudo aquilo que se comenta sobre o sujeito, é uma das funções essenciais dos termos da oração. Enquanto é possível admitirmos uma “oração sem sujeito”, não é possível falar de uma “oração sem predicado”. O predicado corresponde a um sintagma verbal, uma vez que necessita de presença do verbo para sua determinação, e divide-se em três tipos: a) o predicado verbal, que se refere àquele em torno de verbos basicamente de ação e atividade; b) o predicado nominal, em que o elemento verbal

corresponde a um verbo de ligação, que atua na ponte entre o sujeito e o predicativo; c) o predicado verbo-nominal, formato mais raro e complexo do predicado, em que se combinam verbo de ação ou atividade e predicativo do objeto. Dos três tipos de predicado, o verbal costuma ser mais frequente na língua, seguindo-se o nominal e, por fim, o verbo-nominal.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Leia os dois primeiros versos do poema “Nada além”:

O amor bate à porta
e tudo é festa.
(SANTOS, 1986, p. 23.)

Assinale a opção correta:

- a. Há duas orações com predicado verbal.
- b. O predicado da primeira oração é verbal e o da segunda, nominal.
- c. Há apenas um predicado que é verbal.
- d. Os predicados são nominais.

Leia o texto e responda às questões propostas:

Os cinco sentidos

Os sentidos são dispositivos para a interação com o mundo externo que têm por função receber informação necessária à sobrevivência. É necessário ver o que há em volta para poder evitar perigos. O tato ajuda a obter conhecimento sobre como são os objetos. O olfato e o paladar ajudam a catalogar elementos que podem servir ou não como alimento. (...)
(SANTELLA, 2001.)

2. Divida e classifique os termos essenciais da oração “Os sentidos são dispositivos para a interação com o mundo externo”.

3. Em: “Os sentidos são dispositivos para a interação com o mundo externo”, podemos afirmar quanto à forma verbal:

- a. É nocional e núcleo do predicado.
- b. É copulativo, uma vez que o predicado é nominal.
- c. Está presente numa estrutura verbal com dois núcleos significativos.
- d. É intransitivo e núcleo do predicado nominal.

RESPOSTA COMENTADA

1. b.

2. Na oração em destaque, temos o sujeito simples “os sentidos”, cujo núcleo é “sentidos”; o predicado é “são dispositivos para a interação com o mundo externo”, trata-se de predicado nominal, em torno do verbo copulativo “ser”, tendo como núcleo do predicado o atributo “dispositivos”.

3. b.

RESUMO

A oração apresenta dois constituintes básicos: o sujeito e o predicado, aquele um sintagma nominal, este um sintagma verbal. Entretanto, ao detalharmos esses sintagmas maiores, podemos perceber dentro deles a existência de sintagmas menores em funções sintáticas distintas.

Predicado é a declaração que se refere ao tema (sujeito), ou seja, tudo o que se atribui ao sujeito. Nos casos em que só temos o predicado, o que importa é a informação contida no processo verbal em si.

Há três tipos de predicado: aquele que tem como núcleo significativo um verbo; aquele que tem como núcleo significativo um nome, que constitui um predicativo do sujeito e o verbo funciona como elemento de ligação entre o sujeito e o predicativo; aquele que apresenta dois núcleos significativos: um verbo e um nome. Esse nome pode estar relacionado ao sujeito (predicativos do sujeito) ou ao complemento verbal (predicativo do objeto).

Predicativo do sujeito e predicativo do objeto

Ivo da Costa do Rosário
Mariangela Rios de Oliveira

AULA

6

Metas da aula

Apresentar o conceito de predicativo e destacar sua função na frase.

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer o predicativo na oração;
2. estabelecer a distinção entre predicativo do sujeito e predicativo do objeto;
3. distinguir o predicado nominal e verbo-nominal com base no tipo e função do predicativo.

INTRODUÇÃO

Na aula anterior, vimos os três tipos de predicado que compõem a oração, e tivemos a oportunidade de analisar a classificação dessa categoria pela gramática normativa: verbal, nominal e verbo-nominal.

Vimos que o predicado verbal é o tipo mais comum de predicado e que seu núcleo é sempre o verbo, enquanto no predicado nominal o núcleo é o predicativo do sujeito, representado por um sintagma nominal, e que a combinação desses dois predicados resulta num terceiro tipo, verbo-nominal. Nesta aula, vamos continuar estudando esse tema, agora de modo mais específico. Vamos nos dedicar à análise da função sintática “predicativo”, com atenção para sua definição, seus tipos e funções. É o que faremos a seguir!

PREDICATIVOS: FUNÇÃO

O predicado nominal ocorre quando o que se informa sobre o sujeito está essencialmente contido em um nome, que se denomina predicativo, e o verbo serve apenas para estabelecer a união entre duas palavras de caráter nominal. Esse tipo de verbo é chamado de verbo de ligação.

É preciso destacar que alguns verbos em língua portuguesa podem atuar como de ligação (ou copulativos) ou significativos. Dependendo do contexto em que são empregados, exprimem atributos: qualidades, estados, talentos, propriedades etc., diferindo, portanto, dos verbos que exprimem ação:

Eu ando doente: estado → predicado nominal

Eu andei muito: ação → predicado verbal

Os verbos de ligação podem indicar:

- um estado permanente: *A jovem é inteligente.*
- um estado transitório: *A jovem está triste.*
- uma mudança de estado: *A jovem ficou alegre.*
- uma continuidade de estado: *A jovem permanece contente.*
- uma aparência de estado: *A jovem parece infeliz.*

Nas orações listadas, os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer* e *parecer* atuam na expressão de estados, fazendo a ligação entre o sujeito e seu atributo, informando sobre o tempo e o modo da declaração e concordando em número e pessoa com o sujeito. Nessas orações, os nomes adjetivos *inteligente*, *triste*, *alegre*, *contente* e *infeliz* funcionam como núcleo do predicado nominal, ou predicativo.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Leia o fragmento de texto a seguir e responda às questões propostas:

Texto: O monge e o escorpião

Um mestre do Oriente viu quando um escorpião estava se afogando e decidiu tirá-lo da água, mas quando o fez, o escorpião o picou. Pela reação de dor, o mestre o soltou e o animal caiu de novo na água e estava se afogando. O mestre tentou tirá-lo novamente e outra vez o animal o picou. Alguém que estava observando se aproximou do mestre e lhe disse:

– Desculpe-me mas você é teimoso! Não entende que todas as vezes que tentar tirá-lo da água ele irá picá-lo? O mestre respondeu:

– A natureza do escorpião é picar, e isto não vai mudar a minha, que é ajudar.

(...)

Fonte: <http://www.portaldafamilia.org/artigos/texto059.shtml>

a) Na oração: “você é teimoso”, temos que tipo de predicado?

b) Qual é a função sintática exercida pelo sintagma nominal “teimoso”?

c) Retire do fragmento outro enunciado que tenha a mesma estrutura sintática que o analisado na questão anterior.

2. Leia o período a seguir:

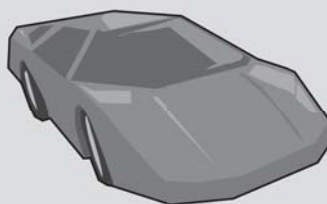
“Tudo isso é fácil quando está terminado e embira-se em duas linhas, mas para o sujeito que vai começar, olha para os quatro cantos e não tem em que se pegue, as dificuldades são horríveis.”

a) Transcreva deste período duas orações formadas por predicados nominais.

b) Indique, respectivamente, os predicativos do sujeito desses predicados nominais.

3. Observe os termos destacados de uma propaganda de automóvel:

Você não pode deixar de ter um assim



**Um carro forte, resistente,
confiável e de alto desempenho!**

Que relação é possível estabelecer entre os termos destacados e as características do público-alvo da propaganda?

4. Leia o fragmento do poema de Manuel Bandeira "Os sapos":

(...)
O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: "Meu cancioneiro
É bem martelado.

Como podemos classificar o predicado da segunda oração?

RESPOSTA COMENTADA

1. a) No enunciado: "você é teimoso", observamos a presença de um verbo copulativo e de um sintagma nominal "teimoso", que caracterizam o predicado nominal.
- b) O vocábulo "teimoso" está caracterizando o sujeito da oração e é núcleo do sintagma verbal, portanto, classifica-se como predicativo do sujeito.
- c) sugestão de resposta: A natureza do escorpião é picar.
2. a) "Tudo é fácil", "as dificuldades são horríveis".
- b) "Fácil" e "horríveis".
3. Os termos refletem as características do público-alvo: pessoas dinâmicas, cheias de vida, com perfil moderno.
4. Trata-se de predicado nominal, em que o predicativo "martelado" se refere ao sujeito "meu cancioneiro".

Predicativo do sujeito

É conceituado como o termo que, no predicado nominal, atribui ao sujeito uma qualidade ou característica, funcionando como núcleo desse predicado. Pode ser representado por:

a. substantivo ou expressão substantivada:

O boato é um vício detestável.

b. adjetivo ou locução adjetiva:

A praia estava deserta.

c. pronome:

O espião é aquele.

d. numeral:

Nós somos quatro em casa.

e. oração substantiva predicativa:

Seu sonho era morar no Rio.

O predicativo do sujeito, normalmente, não costuma apresentar problemas quando constante no predicado nominal; no entanto, no predicado verbo-nominal, é passível de discussão, uma vez que pode ser confundido com o adjunto adverbial. Exemplo:

O menino dorme tranquilo.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1 e 2

5. Na frase “São eles os líderes dos pais.”, qual é a função sintática de “os líderes dos pais”?

6. Leia parte de uma reportagem que saiu no *Jornal do Brasil* e responda o que se pede:

Guarulhos - A ponteira Jaqueline, que teve uma fratura cervical na estreia da Seleção feminina de vôlei nos Jogos Pan-Americanos, está de volta ao Brasil. (...)

Nesta quarta-feira, Jaqueline foi recebida pela mãe, Josiane, que chegou a ficar bastante nervosa enquanto a filha não aparecia no saguão do aeroporto.

Embora o voo procedente do México tenha desembarcado em Guarulhos sem atrasos, às 9h50 (de Brasília), ela só pôde abraçar Jaqueline cerca de uma hora depois.

No reencontro, entregou à jogadora um presente – uma carta de apoio escrita por uma fã do Recife – e contou ter conversado com a filha nos últimos dias desde a contusão, ocorrida no último sábado. “Ontem (terça) disse assim: ‘Jaque, tenha força, você é guerreira’. Aí ela caiu no pranto, eu também chorei. (...)”

Jaqueline, que defende a equipe do Sollys Nestlé Osasco, mora na capital paulista, mas é pernambucana – como seu sotaque não esconde. Depois de chocar a cabeça com a da líbero Fabi no último sábado, em partida diante da República Dominicana, a ponteira ficou desacordada e precisou ser retirada de quadra em uma maca.

Fonte: <http://www.jb.com.br/esportes/noticias/2011/10/19/jaqueline-chega-ao-brasil-apos-fratura-no-pan/>

Classifique sintaticamente os sintagmas nominais grifados no texto.

7. Na língua portuguesa há muitas expressões formadas por verbo de ligação e predicativo do sujeito. Nas frases seguintes, de acordo com o contexto, substitua o predicativo do sujeito por outro de sentido equivalente:

a) O garotinho do vizinho é da pá virada, dá nó até em rabo de gato.

b) Gente, a prova de Português foi de amargar; não consegui responder nem metade das questões!

c) O diretor suspendeu a classe toda. Essa turma é do barulho!

d) Professor, mais cinco minutos, por favor! Este problema é fogo!

e) O que aconteceu com o seu cabelo? Ele está gozado.

8. Leia com bastante atenção a segunda estrofe da canção “Cebola cortada”:

(...)

Teu amor é cebola cortada, meu bem

Que logo me faz chorar

Teu amor é espinho de mandacaru

Que gosta de me arranhar

Teu olhar é cacimba barrenta, meu bem

Que eu gosto de espiar

(Petrúcio Maia; Clodô. Cd Orós. Sony Music, 1993.)

Nessa estrofe, os efeitos do amor são expressos por alguns elementos naturais que formam metáforas. Aponte essas metáforas e diga que função sintática elas desempenham.

RESPOSTA COMENTADA

5. A frase São eles os líderes dos pais está com os constituintes em ordem inversa. Considerando a frase na ordem direta (Eles são os líderes dos pais), verifica-se que o sintagma nominal os líderes dos pais desempenha a função sintática de predicativo do sujeito, uma vez que caracteriza o sujeito eles. O verbo ser enquadra-se num grupo de verbos copulativos (ou de ligação), que inclui outros verbos como andar, continuar, estar, ficar, parecer ou permanecer. Estes verbos selecionam obrigatoriamente (pelo menos em alguma acepção) um predicativo do sujeito, que concorda geralmente em gênero e número com o sujeito (ex.: ele é o líder; eles são os líderes; ela parece preocupada; eles parecem preocupados).

6. Os sintagmas grifados no texto são núcleos de predicados nominais, caracterizam o sujeito a que se referem, portanto, são predicativos do sujeito.

7. Sugestão de resposta:

- a) bagunceiro
- b) difícil
- c) barulhenta
- d) complicado
- e) engraçado

8. As metáforas são: “é cebola cortada”, “é espinho de mandacaru”, “é cacimba barrenta”. Elas estão inseridas em um predicado nominal e exercem a função de predicativo.

Predicativo do objeto

É o termo ou expressão que complementa o objeto direto ou o objeto indireto, conferindo-lhe um atributo.

O predicativo do objeto apresenta duas características básicas:

- acompanha o *verbo de ligação* implícito;
- pertence ao predicado verbo-nominal.

A formação do predicativo do objeto é feita através de um substantivo ou um adjetivo.

Exemplos:

1. O vilarejo finalmente elegeu Otaviano prefeito.

objeto: Otaviano

predicativo: substantivo

2. Todos julgavam-no culpado.

objeto: *no*

predicativo: adjetivo

Alguns gramáticos admitem o predicativo do objeto em orações com *verbos transitivos indiretos* tais como *crer, estimar, julgar, nomear, eleger*. Em geral, porém, a ocorrência do predicativo do objeto em objetos indiretos se dá somente com o verbo *chamar*, com sentido de “atribuir um nome a”.

Exemplo:

Chamavam-lhe falsário, sem notar-lhe suas verdades.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

9. Na frase: “Ele observou-a e achou aquele gesto feio, grosseiro, masculinizado”, como podemos classificar sintaticamente os termos destacados?

10. Observe o anúncio abaixo e responda à questão proposta:

Vó, símbolo de carinho, de amor e de dedicação.



Qual é o verbo que está subentendido? A ausência desse verbo prejudicou o sentido da mensagem? Justifique.

11. Leia as frases abaixo:

Escolheram-nos para cristos.
 Todos nos julgam culpados.
 As paixões tornam os homens cegos.
 Considero uma verdade isso.

Os sintagmas nominais grifados desempenham a mesma função sintática. Qual? Justifique.

RESPOSTA COMENTADA

9. O enunciado “Ele observou-a e achou aquele gesto feio, grosseiro, masculinizado.” apresenta predicado verbo-nominal com dois núcleos: o primeiro, o verbo “achou”, e o segundo, “feio, grosseiro e masculinizado”, que é, portanto, predicativo do objeto.

10. O verbo “ser”. Não, o verbo fica evidenciado pelo contexto do anúncio.

11. Os sintagmas exercem a função sintática de predicativo do objeto. Nesses predicados, temos quatro verbos que, por não serem verbos de ligação, serão núcleos significativos (escolheram, julgam, tornam, considero). Esses verbos, por não apresentarem sentido completo, são seguidos de complementos verbais (no caso, temos objetos diretos), aos quais se atribuem qualidades por meio das palavras que são predicativos.

CONCLUSÃO

Como vimos nesta aula, a função sintática “predicativo” tem correspondência com a classe morfológica “adjetivo”, uma vez que cumpre função de atribuição ou qualificação. Quando o predicativo está inserido no predicado nominal, referindo-se ao sujeito da oração, intitula-se “predicativo do sujeito”. Quando participa de um predicado verbo-nominal, numa formação mais complexa, o predicativo faz referência ao objeto do verbo pleno, chamando-se, por isso, de “predicativo do objeto”.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

Observe as 10 orações a seguir e faça o que se pede:

1. O menino abriu a porta ansioso.
2. Ele é tido por sábio.
3. A bandeira é o símbolo da pátria.
4. Raros são os verdadeiros líderes.
5. O trem chegou atrasado.
6. E até embriagado o vi muitas vezes.
7. Eles devem ser irmãos.
8. Meu tio anda sempre doente.
9. Aquele homem é um guarda-noturno.
10. O cosmonauta foi aclamado herói.

- a) Identifique e classifique o predicativo de cada oração.
- b) Qual a distinção, em termos de predicação, entre a oração 5 “O trem chegou atrasado” e “O trem chegou”?
- c) Qual a distinção, em termos de predicação, entre a oração 10 “O cosmonauta foi aclamado herói” e “O cosmonauta foi herói”?

RESPOSTA COMENTADA

a)

1. O menino abriu a porta ansioso. (Predicativo do Sujeito)
2. Ele é tido por sábio. (Predicativo do Sujeito)
3. A bandeira é o símbolo da pátria. (Predicativo do Sujeito)
4. Os verdadeiros líderes são raros. (Predicativo do Sujeito)
5. O trem chegou atrasado. (Predicativo do Sujeito)
6. E até embriagado o vi muitas vezes. (= Eu o vi embriagado) (Predicativo do Objeto)
7. Eles devem ser irmãos. (Predicativo do Sujeito)
8. Meu tio anda (está) sempre doente. (Predicativo do Sujeito)
9. Aquele homem é um guarda-noturno. (Predicativo do Sujeito)
10. O cosmonauta foi aclamado herói. (Predicativo do Sujeito)

b) Em “O trem chegou atrasado”, temos um predicado verbo-nominal, com a informação verbal de que o trem chegou, e a nominal, de que estava atrasado; já em “O trem chegou”, temos apenas o predicado verbal, mais simples, sem a informação sobre o estado de como chegou o trem.

c) Em “O cosmonauta foi aclamado herói”, temos um predicado verbo-nominal, com

a informação verbal de que o herói foi aclamado e a nominal, de que era herói; já em "O cosmonauta foi herói." temos apenas o predicado nominal, com a qualificação do cosmonauta pelo predicativo do sujeito "herói".

RESUMO

Predicativo é o termo da oração que funciona como núcleo do predicado nominal, é seu elemento mais importante e atua como elemento para qualificação. O predicativo do sujeito é o termo que se refere ao sujeito mediante um verbo de ligação expresso ou subentendido, atribuindo-lhe uma qualidade ou estado. Quando temos o predicado verbo-nominal, ocorre a presença de um verbo pleno e seu objeto, seguidos pelo predicativo deste objeto. O predicativo do objeto atribui uma qualidade ou estado ao objeto, e se configura ainda como um tipo especial e mais raro do que o predicativo do sujeito.

Termos integrantes I: complementos verbais

Ivo da Costa do Rosário
Mariangela Rios de Oliveira

AULA 7

Metas da aula

Apresentar o conceito de complemento verbal e destacar sua função na frase.

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer os complementos verbais na oração;
2. estabelecer a distinção entre objeto direto e objeto indireto.

INTRODUÇÃO

Certamente todos nós, fora de qualquer aula de Língua Portuguesa, já ouvimos falar de “complemento”, seja em termos de culinária, de vestuário, de finanças, entre outras áreas. Como o nome indica, a palavra “complemento” é derivada de “completar”, no sentido de que é algo que integra, que é parte de um todo mais amplo. Assim, vamos agora nos deter nos termos que desempenham essa função em nível oracional, nos sintagmas que atuam junto a outros constituintes para o preenchimento do sentido desses termos. Iniciamos este capítulo pela definição de “termo integrante” e destacamos sua função e importância na organização sintática da oração em Língua Portuguesa. Na sequência, apresentamos as formas de manifestação de um dos tipos de termo integrante: o complemento verbal, sua classificação e produtividade no uso linguístico.

O CONCEITO DE “TERMO INTEGRANTE”

É o termo que, sem ser essencial na oração, tampouco é mero acessório: “completa” a significação de outros termos (nomes ou verbos). Integra a oração, isto é, inteira o seu sentido: chama-se, por isso, termo integrante.

Assim, o termo integrante, na hierarquia oracional, corresponderia ao segundo grau ou nível de importância, situando-se abaixo dos termos essenciais – sujeito e predicado. A função do termo integrante é concorrer para a necessária precisão ou delimitação dos constituintes essenciais.

Segundo Rocha Lima (1987, p. 209), os termos integrantes são “subordinados respectivamente ao núcleo substantivo e ao núcleo verbal”. Para esclarecer sobre a hierarquia de que estamos falando, tomemos as orações a seguir:

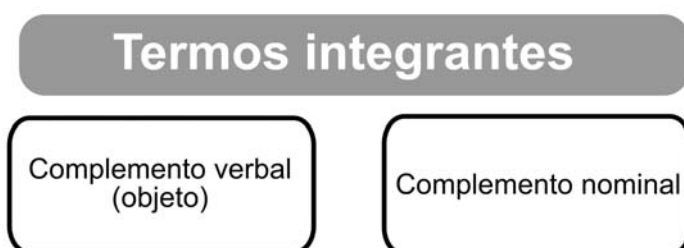
SUJEITO	PREDICADO
(1) <i>O homem</i>	<i>fala.</i>
(2) <i>Este homem</i>	<i>fala a verdade.</i>
(3) <i>O ser humano</i>	<i>pensa.</i>
(4) <i>Ele</i>	<i>pensa na proposta de trabalho.</i>
(5) <i>Aquela garota</i>	<i>parecia alheia ao tumulto do trânsito.</i>

Em (1) e (3), temos predicados formados por verbos plenamente significativos ou intransitivos; nesses casos, as ações de *falar* e *pensar* são tomadas em sentido amplo, como referentes a capacidades ou habilidades essencialmente humanas. Esses predicados relacionam-se a sujeitos que partilham também a marca da generalidade, uma vez que *o homem*, em (1), e *o ser humano*, em (3), dizem respeito às pessoas em geral.

Já nas orações (2) e (4), embora com a utilização dos mesmos verbos *falar* e *pensar*, observamos outro contexto de sentido e de organização sintática. Nessas orações, temos sujeitos mais definidos – *este homem* e *ele*, que requerem comentários também mais precisos. Assim, o predicado nessas orações tende a fazer menção a ações, processos ou estados específicos do sujeito. Para tanto, além do verbo, há necessidade da articulação de complementos, de sintagmas nominais (SN), como *a verdade*, em (2), ou de sintagmas preposicionais (SPrep), como *na proposta de trabalho*, em (4), que vão delimitar e precisar o que se declara sobre o sujeito. Portanto, *falar a verdade* é uma ação mais pontual e individual do que somente *falar*; do mesmo modo, *pensar na proposta de trabalho* é uma atitude específica, em oposição a *pensar*.

Na oração (5), em um outro tipo de complementação, o SPrep *ao tumulto do trânsito* integra o sentido do nome *alheia*, que, sem o referido SPrep, ficaria com sua referência imprecisa ou pouco clara. O complemento não constitui, portanto, um mero adendo, um acréscimo informacional, mas um dado fundamental para que a oração tenha sentido completo.

A esses termos que complementam e delimitam o sentido de verbos e nomes chamamos “integrantes”. Os complementos verbais são nomeados “objetos”; os que completam nomes são chamados “nominais”. Assim, teríamos a seguinte classificação dos termos integrantes na sintaxe oracional do Português:



Segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), ainda haveria um terceiro tipo de termo integrante, o “agente da passiva”. Porém, conforme Luft (1987), optamos por tratar a função “agente da passiva” não como um termo de natureza complementar ou necessária, mas como um elemento acessório ou adjunto. Entre as razões para a consideração de que o agente da passiva não deve ser interpretado como complemento, poderíamos citar a pouca frequência com que é usado na comunidade linguística e o fato de poder ser “descartado” ou omitido sem maiores prejuízos à interação. Portanto, essa função será analisada em próximo capítulo, quando nos dedicarmos aos termos acessórios.

Neste capítulo, estudaremos especificamente o mais frequente dos termos integrantes – o complemento verbal.

TIPOS DE COMPLEMENTO VERBAL

Apresentamos nesta seção as distintas formas com que se pode fazer a complementação verbal em Língua Portuguesa. Segundo a NGB, são dois os tipos de complemento verbal: objeto direto e objeto indireto. Em nossa apresentação, além desses dois tipos clássicos e consensuais, incluímos mais alguns, também considerados casos de integração verbal e apontados por prestigiados autores como modos distintos dessa função.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Observe os quadrinhos a seguir:



Quais são os complementos das formas verbais: *ver* e *chamar*? Quanto à transitividade, como podemos classificar esses verbos?

2. Leia um trecho do poema de Francisco Alvim:

Inventário

Povoam o escritório
vários utensílios
uns bastante sóbrios
outros indiscretos
Por exemplo: a mesa
é sóbria. Rumina
todos os papéis
no oco das gavetas
(...)

(ALVIM, Francisco. Amostra grátis. In: *Poesias reunidas* (1968-1988). São Paulo: Duas Cidades, 1988.)

a) Classifique sintaticamente o termo (escritório) grifado no texto.

b) No trecho, temos uma oração em que o sintagma nominal “vários utensílios” está relacionado ao complemento verbal (objeto direto) “o escritório”. Está correta essa análise? Comente.

3. Leia um trecho da crônica de Lygia Fagundes Telles, uma das mais importantes escritoras brasileiras, autora de romances e contos.

A Língua Portuguesa

Estou *me* vendo debaixo de uma árvore, lendo *a pequena história da literatura brasileira*. (...)

Olavo Bilac! – eu disse em voz alta e de repente parei quase num susto depois que li os primeiros versos do soneto à língua portuguesa: *Última flor do Lácio, inculta e bela/És, a um tempo, esplendor e sepultura*.

Fiquei pensando: “Mas o poeta disse sepultura?! O tal de Lácio eu não sabia onde ficava, mas de sepultura eu entendia bem, disse eu entendia!”, repensei baixando o olhar para a terra. (...)

(*Durante aquele estranho chá: perdidos e achados*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 109-111.)

Analisando os dois primeiros termos grifados no texto (“*me*” e “*a pequena história da literatura brasileira*”), responda: a que conclusão chegamos quanto à função sintática de ambos?

RESPOSTA COMENTADA

1. Os complementos verbais são: “um filme bem legal” e “você”. Os complementos estão ligados diretamente aos verbos que são classificados como transitivos diretos.

2.

a) O termo “o escritório” está completando o sentido de um verbo sem preposição, portanto, é um objeto direto.

b) Os termos “me” e “a pequena história da literatura brasileira” funcionam como objetos diretos.

3. Concluímos que os dois termos complementam o sentido de um verbo transitivo direto. São, por isso, objetos diretos.

Objeto direto

Nomeia-se “objeto direto” ao complemento de um verbo transitivo direto, ou seja, de um verbo que necessita dessa complementação para ter seu sentido integralizado. Assim, verbos portugueses, como *fazer, dizer, amar, consertar, pintar*, entre muitos outros, são comumente classificados como “transitivos diretos”, requerendo, portanto, objeto direto na oração em que são articulados, para formações do tipo:

(6) Não faço *nada comprometedor*.

(7) Ninguém disse *a verdade*.

(8) A mãe ama *os seis*.

(9) Já consertei *a porta da minha casa*.

(10) Nesse quadro, pintei *o azul mais bonito*.

O objeto direto é um sintagma de núcleo nominal, que, subordinado ao verbo transitivo direto, liga-se a este sem a presença de preposição, daí dizermos que a relação entre o verbo e seu complemento é “direta”. O núcleo nominal do objeto direto, conforme podemos observar nas orações de (6) a (10), pode ser um pronome substantivo, como em (6), um substantivo abstrato, como em (7), um numeral, como em (8), um substantivo, como em (9), ou mesmo uma palavra substantivada, como *azul*, em (10).

O objeto direto é o tipo mais comum de complemento verbal, uma vez que o número de verbos transitivos diretos é bem mais expressivo do que o de verbos intransitivos, de ligação, entre outros. Devido a essa grande variedade de possibilidades de ocorrência, são muitos os efeitos de sentido que podem ser expressos pelo objeto direto. Entre esses efeitos, podemos citar:

a) A modificação pela ação do sujeito: na oração (9), exemplificamos o objeto como paciente afetado, uma vez que *a porta da minha casa* foi modificada pela ação de *consertar*.

b) O resultado da ação do sujeito: o objeto passa a ter existência por conta da ação do sujeito; na oração (10), ilustramos esse efeito, em que o *azul mais bonito* é produzido a partir do ato de *pintar*.

c) O conteúdo da ação do sujeito, como em (7), em que *a verdade* é o foco do *dizer*.

Outra marca do objeto direto é a possibilidade de ser substituído por pronome oblíquo, dada sua natureza nominal. Assim, retomemos três orações para ilustrarmos o processo de substituição referido:

(7) *Ninguém disse a verdade.*

(7') *Ninguém a disse.*

(8) *A mãe ama os seis.*

(8') *A mãe ama-os.*

(10) *Nesse quadro, pintei o azul mais bonito.*

(10') *Nesse quadro, pintei-o.*

Nos pares anteriores, o pronome *a* substitui o SN *a verdade*. A partícula *os* está no lugar do SN *os seis*. O pronome *o*, por sua vez, substitui o SN *o azul mais bonito*.

Por vezes, o objeto direto pode ser constituído por mais de um núcleo, classificando-se como “composto”. Trata-se de um processo de expansão, tanto do sentido veiculado quanto da forma linguística, como em:

(7) *Ninguém disse a verdade.*

(7'') *Ninguém disse a verdade nem a mentira.*

(10) *Nesse quadro, pintei o azul mais bonito.*

(10'') *Nesse quadro, pintei o azul mais bonito, o verde mais tenro e o amarelo mais intenso.*

Como podemos observar, em (7”) e (10”), temos formações oracionais organizadas em torno da expansão do objeto direto. Na segunda oração, essa expansão é maior ainda, por conta da articulação de três núcleos no complemento verbal. O objeto direto composto é ainda uma oportuna estratégia de coesão textual e de economia linguística – um só elemento verbal e mais de um complemento, evitando-se a retomada do verbo, que causaria, por exemplo, a inadequada e “pesada” ordenação:

(10”) *Nesse quadro, pintei o azul mais bonito, (pintei) o verde mais tenro e (pintei) o amarelo mais intenso.*

Nos manuais de Língua Portuguesa, alguns autores (CUNHA e CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 1987; KURY, 1986) costumam fazer referência a dois tipos específicos de objeto direto, que passamos agora a examinar.

Objeto direto preposicionado

Um dos tipos de objeto direto é motivo de controvérsia, uma vez que seu próprio rótulo vai de encontro à definição de objeto direto – é o “objeto direto preposicionado”. Como o nome indica, trata-se de um complemento verbal que, apesar de ser objeto direto, pode ser regido da preposição *a*, geralmente, ou de outras, esporadicamente. Conforme Cunha e Cintra (1985, p.138), são três os contextos que motivam o uso facultativo da preposição no objeto direto:

a) Articulação de verbos de sentimento:

(11) *Amar ao próximo.*

(12) *Sempre temeu a todos.*

b) Tentativa de clareza:

(13) *Aos seis filhos a mãe ama.*

(14) *A Pedro João matou.*

c) Construções fixas, já de uso consagrado:

(15) *Sacou da espada.*

(16) *Cumpra com seu dever como cidadão!*

Como podemos observar, nos três grupos de oração apresentados, a preposição não é obrigatória, mas seu uso cria interessantes efeitos de sentido, como nos grupos *a* e *c*, ou então concorre para que não se confunda o sujeito e o predicado, como no grupo *b*.

Ainda conforme Cunha e Cintra (1985, p. 138), há apenas um contexto em que é realmente necessário o uso do objeto direto preposicionado – quando seu núcleo for um pronome pessoal oblíquo tônico, como em:

(17) *Ofendeste a mim com essas palavras.*

(18) *Estava tão feliz que esqueceu a si mesmo.*

Na verdade, a lista de casos de objeto direto preposicionado varia bastante de autor para autor. Alguns estudiosos apresentam inúmeros exemplos, com detalhe e especificidade, enquanto outros são mais econômicos, atendo-se aos casos mais básicos, como os aqui apresentados. O importante é destacar que esse tipo de objeto direto é de uso restrito na língua portuguesa, ocorrendo apenas em determinados contextos, como os vistos anteriormente.

Objeto direto pleonástico

O segundo tipo de objeto direto também referido é o “pleonástico”. Para compreendermos esse complemento verbal, devemos lembrar que chamamos *pleonasm* a uma figura de sintaxe caracterizada pelo exagero de ideias, pela ênfase que se cria ao falar ou escrever, como em *subir para cima, descer para baixo, sair para fora* e assim por diante. Portanto, o objeto direto pleonástico é aquele que retoma a si mesmo, como se fosse um espelho, na mesma oração, com o propósito de destacar, de chamar a atenção para seu conteúdo. Trata-se de casos como os seguintes, em que se considera que há dois complementos verbais em cada oração:

(19) *A mim, ninguém me engana.*

(20) *Palavras, o vento as leva.*

Nas orações anteriores, a ênfase recai justamente no núcleo dos objetos: a primeira pessoa gramatical (*mim, me*), em (19), e uma referência nominal (*palavras, as*), em (20). Ambas as orações são expressões populares, a serem evitadas na língua padrão, que tende a considerar essa redundância de sentido e de forma algo inadequado ou inconveniente, principalmente em registro culto.

Pela análise linguística atual, em vez do que preconiza a tradição gramatical, não teríamos nas orações (19) e (20) dois objetos diretos, mas apenas um só, que figuraria na segunda ocorrência. De acordo com a abordagem linguística, os sintagmas situados antes da vírgula não participam efetivamente da estrutura oracional, do nível gramatical sintático, mas sim são constituintes do plano discursivo-textual, elementos que tematizam, que evocam ou chamam a atenção sobre o que se está tratando. Conforme tal entendimento, *a mim* (19) e *palavras* (20) seriam interpretados como tópicos (PONTE, 1987), constituintes fora da oração, destituídos de função sintática específica. Esta nos parece a mais adequada interpretação para construções desse tipo, que seriam assim estruturadas:

TÓPICO	ORAÇÃO
(19) <i>A mim,</i>	<i>ninguém me engana.</i>
(20) <i>Palavras,</i>	<i>o vento as leva.</i>

Estamos diante, portanto, de dois pontos de vista sobre um mesmo fenômeno linguístico. A questão, neste como em outros casos da sintaxe oracional do português, é de que perspectiva de análise vamos partir, uma vez que a tomada de determinada posição teórica acarreta também análise distinta. A discussão, mais uma vez, não reside no binômio certo x errado, mas na consciente decisão sobre de que lugar teórico ou de que abordagem parte a interpretação. Também não se trata de fazer crítica infundada ou injustificada à tradição gramatical, uma vez que esta não se propõe a tratar de questões textuais ou discursivas; quando muito, a tradição descreve o chamado “período composto”, e para aí, sem enveredar para outras extensões do texto. Assim, o tratamento que vai além desses limites e que incorpora as mais recentes pesquisas das novas teorias linguísticas é que deve tentar dar conta desse desafio.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1 e 2

4. Leia o seguinte verso, extraído do poema “A busca da razão”:

Depois, todos os dias subia numa cadeira, agarrava **uma argola presa ao teto** e, pendurado, deixava-se ficar.

(COLASANTI, Marina. *Contos de amor rasgados*. Rio de Janeiro, Rocco, 1986, p. 65.)

a) Como se classifica sintaticamente o sintagma nominal grifado no texto?

b) Classifique o verbo a que esse sintagma faz referência quanto a predicação.

5. Releia atentamente o primeiro verso do texto e responda: qual é a transitividade do verbo “dizer”? Tem complementos? Quais? Como se classificam morfossintaticamente esses complementos?

Dizer uai! Uai! Agora, e nunca

Dizer senão uai! Aos que fugiram,

(CÉSAR, Guilhermino. *Sistema do imperfeito & outros poemas*. Porto Alegre, Globo, 1977, p. 17.)

RESPOSTA COMENTADA

4.

a) O termo grifado integra o sentido de um verbo transitivo sem preposição. É, portanto, um objeto direto.

b) O verbo “agarrava” é transitivo direto.

5. O verbo “dizer” é transitivo direto, pois o processo verbal não está integralmente contido nele, mas se transmite a outros elementos. No caso, a interjeição “uai” é classificada sintaticamente como objeto direto.

Objeto indireto

Assim é nomeado o complemento de um verbo transitivo indireto, isto é, de um verbo que é regido por preposição, estabelecendo-se a ordenação V + SPrep. Tal como o objeto direto, o núcleo do objeto indireto é de base nominal, podendo ser ocupado por palavras de distinta classe gramatical, como:

- (21) *Precisamos de amor.*
- (22) *Precisamos de você.*
- (23) *Precisamos dos quatro.*
- (24) *Precisamos do saber.*

Nas orações de (21) a (24), temos como núcleo do SPrep objeto indireto, respectivamente, o substantivo *amor*, o pronome *você*, o numeral *quatro* e o verbo substantivado *saber*.

Outra correspondência em relação ao objeto direto é a possibilidade de mais de um núcleo na formação do objeto indireto composto:

- (21) *Precisamos de amor.*
- (21') *Precisamos de amor e de paz.*
- (24) *Precisamos do saber.*
- (24') *Precisamos do saber, do fazer e do dizer.*

Também como mencionado para o objeto direto, o complemento verbal objeto indireto pode receber o rótulo de “pleonástico”. Assim, de acordo com a tradição gramatical, temos um caso de reduplicação do objeto indireto, na formação de estruturas oracionais do tipo:

- (25) *A mim, dedicou-me seu novo livro de poemas.*
- (26) *Da morte, o criminoso zombou dela.*

Valem aqui os mesmos comentários feitos em relação ao objeto direto pleonástico, acerca das duas interpretações possíveis para construções como (25) e (26). De acordo com tais interpretações, ou consideramos que ambas as orações têm dois complementos verbais, pelo viés da tradição gramatical, ou entendemos que seus termos iniciais – *a mim* e *da morte* – não participam da estruturação sintática oracional, cumprindo tão somente função textual de tópico ou tema (PONTES, 1987).

Do ponto de vista semântico, o objeto indireto define-se genericamente como “o complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza” (ROCHA LIMA, 1987, p. 219), tal como:

(27) *Gosto muito de meus ex-alunos.*

(28) *Esta noite pensei em nossa próxima viagem.*

Quando o verbo é transitivo direto e indireto, ou bitransitivo, ocorrem dois complementos verbais na estrutura oracional – o objeto direto e o indireto, geralmente nesta sequência. São contextos mais esporádicos, tais como os seguintes:

OBJETO DIRETO

(29) *Dei o melhor de mim*

(30) *Dissemos toda a verdade .*

OBJETO INDIRETO

a esse empreendimento.

aos verdadeiros interessados.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1 e 2

6. Leia os versos iniciais da canção “**Cio da terra**”, que foi inspirada no canto de mulheres que exercem trabalho agrário em Minas Gerais:

Cio da Terra

Debulhar o trigo

Recolher cada bago do trigo

Forjar no trigo o milagre do pão

E se faltar de pão

Decepar a cana

Recolher a garapa da cana

(NASCIMENTO, Milton: BUARQUE, Chico. Cio da terra. In: *Chico Buarque letra e música, vol. 1*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 149.)

Há, no texto, verbos que se assemelham pela transitividade. Aponte esses casos e seus respectivos complementos.

7. Com base no texto de Mário Quintana, faça a questão que se segue:

Mentira?

A mentira é uma verdade que se esqueceu **de acontecer**.

(QUINTANA, Mário. In: *Prosa e verso* vol. 2. ed. Porto Alegre, Globo, 1980, p. 29.)

Qual é a função sintática desempenhada pelo sintagma destacado?

8. Leia um trecho da música de Gilberto Gil:

Procissão

Olha lá vai passando a procissão
Se arrastando que nem cobra pelo chão
As pessoas que nela vão passando
Acreditam nas coisas lá do céu
As mulheres cantando tiram versos
Os homens escutando tiram o chapéu
Eles vivem penando aqui na terra
Esperando o que Jesus prometeu
(...)

Diga como se classificam sintaticamente os termos destacados no texto.

9. Leia o seguinte parágrafo, retirado de texto argumentativo do sociólogo italiano Domenico de Masi:

Trabalhador não é máquina

A vida de um desempregado é horrível, porque na nossa sociedade tudo depende *do trabalho*: salário, contatos profissionais, prestígio e (quando se é católico) até o resgate do pecado original e o bilhete de ingresso para o paraíso. Portanto, se falta trabalho, falta *tudo*.

(DE MAIS, Domenico. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000, p. 237.)

Observe os termos grifados no texto. Eles desempenham a mesma função sintática? Comente.

RESPOSTA COMENTADA

6. Verbos transitivos diretos: *debulhar*, *recolher*, *forjar*, *decepar* e *recolher*.

Os complementos são, respectivamente, o trigo, cada bago do trigo, o milagre do pão, a cana, a garapa da cana.

7. O sintagma destacado completa o sentido do verbo esquecer com preposição. É, por conseguinte, um objeto indireto. Por ser uma forma verbal, é considerada uma oração subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo.

8. O verbo acreditar tem seu sentido integrado com o auxílio de preposição, por isso é transitivo indireto. O sintagma nominal nas coisas lá do céu completa o sentido do verbo; portanto, classifica-se como objeto indireto.

9. Não. O sintagma “do trabalho” completa o sentido do verbo por intermédio da preposição “de”. Trata-se, portanto, de um objeto indireto. O termo “tudo”, que completa o sentido do verbo sem o auxílio de preposição, é objeto direto.

CONCLUSÃO

Nesta aula, estudamos basicamente duas funções sintáticas que têm papel fundamental na complementação do sentido dos verbos transitivos da Língua Portuguesa. Essas funções, classificadas como termos integrantes, dividem-se em dois tipos: objeto direto e objeto indireto. A distinção entre os dois grupos está na ausência ou na presença da preposição para que se faça a vinculação do complemento ao verbo. No caso do objeto direto, mais recorrente no português do que o objeto indireto, destacamos também dois tipos particulares – o preposicionado e o pleonástico.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Leia os versos destacados do classificado poético de Roseana Murray e depois responda às questões propostas:

**Perdi maleta cheia de nuvens
e de flores,
maleta onde eu carregava
todos os meus amores embrulhados
em neblina.**

(...)

Se andando pelas ruas
você encontrar a tal maleta,
por favor, me avise em pensamento

(...)

(Classificados poéticos. Belo Horizonte: Miguilim, 1984.)

a) Os sintagmas grifados no texto desempenham a mesma função sintática. Que função é essa?

b) Trata-se da mesma função desempenhada pelo pronome “me”, no último verso? Comente.

RESPOSTA COMENTADA

1.

a) Os termos destacados têm a mesma função: são objetos diretos, complementando, respectivamente, as formas verbais **perdi** e **carregava**.

b) O pronome **me** atua na complementação da forma verbal **avise**, que é um verbo transitivo indireto; portanto, **me** funciona como objeto indireto, equivalente a “a mim”.

RESUMO

Complementos verbais são termos de natureza substantiva que, como o nome já indica, completam ou integram o sentido de verbos. Os complementos verbais são chamados de “objetos” e dividem-se conforme a ausência ou a presença da preposição para fazer sua ligação com o verbo. Como a maioria dos verbos do português são transitivos, do tipo direto, a grande maioria dos complementos verbais são, portanto, objetos diretos. Há casos particulares e mais raros de complementação verbal, como o objeto direto preposicionado e o pleonástico.

Termos integrantes II

*Ivo da Costa do Rosário
Mariangela Rios de Oliveira*

AULA

8

Metas da aula

Apresentar o conceito de complemento relativo e complemento circunstancial – também termos integrantes da oração – e destacar sua função na frase.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer os complementos relativos e complementos circunstanciais;
2. estabelecer a distinção entre complemento relativo e objeto indireto;
3. estabelecer a distinção entre complemento circunstancial e adjunto adverbial.

INTRODUÇÃO

Carlos Henrique da **ROCHA LIMA** é um dos gramáticos mais conhecidos em termos da descrição da Língua Portuguesa. Sua obra mais famosa, a *Gramática normativa da Língua Portuguesa*, tem dezenas de edições e continua sendo uma referência para todos aqueles que se dedicam ao estudo da nossa língua.

Na aula anterior, vimos que os termos integrantes são aqueles que integram, ou melhor, completam o sentido de outros termos da oração.

São termos integrantes os complementos verbais (objeto direto e objeto indireto). Objeto direto é aquele que completa o sentido de um verbo transitivo direto, isto é, sem preposição, e o objeto indireto é aquele que completa o sentido de um verbo transitivo indireto, isto é, por meio de uma preposição.

Com relação aos tipos de complementos verbais, há divergências entre os estudiosos. **ROCHA LIMA** (1987), por exemplo, acrescenta mais dois tipos: complemento relativo e complemento circunstancial. Esse autor apresenta a classificação dos verbos quanto a seus complementos de uma forma um tanto diferente daquela que costumamos encontrar nos livros didáticos e gramáticas de modelo tradicional.

Para este autor, o verbo é a palavra regente por excelência e, por esse motivo, deve-se verificar a natureza dos complementos por ele exigidos. Sua visão é de que o verbo e o complemento formam uma expressão semântica e, portanto, não pode haver a supressão do complemento, sob pena de tornar o predicado incompreensível. É desse assunto que trataremos nesta aula.

VERBOS TRANSITIVOS RELATIVOS E VERBOS TRANSITIVOS ADVERBIAIS

Tradicionalmente, os complementos de verbos do tipo transitivo direto são chamados de *objetos diretos*. Por sua vez, os complementos de verbos transitivos indiretos são chamados de *objetos indiretos*.

Autores como Rocha Lima, contudo, perceberam que há um grupo de verbos que apresenta comportamento morfossintático um pouco distinto dos chamados verbos transitivos diretos e indiretos. A esses verbos, Rocha Lima (1987) chamou-os *transitivos relativos*. E ao complemento de tais verbos, o autor chamou-os *complemento relativo*.

Bechara (2003) oferece um caminho seguro para distinguirmos esses verbos.

a) Possibilidade de acompanhamento por qualquer preposição exigida pela significação do verbo.

b) Impossibilidade de se substituir o complemento preposicionado pelo pronome pessoal átono *lhe*: a construção só é possível mediante pronome pessoal tônico *ele, ela, eles, elas* (com marca de gênero e número do substantivo substituído) precedido da preposição pedida pelo verbo.

(1) *Maria gosta de automóveis.*

(2) *Maria escreveu ao marido.*

No exemplo (1), o verbo (*gosta*) é acompanhado da preposição *de*. Além disso, o complemento destacado não poderia ser substituído por *lhe*, mas apenas por *ele*: *Maria gosta dele*. O verbo *gosta*, portanto, pode ser classificado como *transitivo relativo*.

Em (2), o verbo (*escreveu*) também é acompanhado de preposição; no caso, a preposição *a* (em combinação com o artigo *o*). Por outro lado, o complemento pode ser substituído por um pronome pessoal átono: *Maria escreveu-lhe*. O verbo *escreveu*, portanto, não pode ser classificado como *transitivo relativo*, mas como *transitivo indireto*.

Vejamos mais alguns exemplos:

(3) Assistir *a um baile* – assistir *a ele*.

(4) Depender *de despacho* – depender *dele*.

(5) Precisar *de conselhos* – precisar *deles*.

(6) Reparar *nos outros* – reparar *neles*.

A substituição do complemento por um pronome tônico (*ele*) é possível nos quatro exemplos analisados. Logo, *assistir*, *depende*, *precisar* e *reparar* são exemplos de verbos transitivos relativos.

Agora, vamos conhecer outro tipo de verbo, classificado por Rocha Lima (1978) como *verbo transitivo adverbial* (ou *circunstancial*).

Certos verbos de movimento ou de situação (como *chegar*, *ir*, *partir*, *seguir*, *vir*, *voltar*, *estar*, *ficar*, *morar* etc.), quando pedem um complemento com valor de lugar, embora tradicionalmente classificados como intransitivos, devem ser considerados transitivos. Vejamos dois exemplos:

(7) *Maria fez compras em Recife.*

(8) *Maria está em Recife.*

Tanto o exemplo (7) quanto o exemplo (8) possuem o termo *em Recife* como complemento. À primeira vista, estamos diante de um exemplo de adjunto adverbial de lugar, tal como é ensinado pela gramática de base tradicional.

Por outro lado, se observarmos bem, verificaremos que esse complemento apresenta características distintas, quando comparamos (7) e (8).

No exemplo (7), podemos, de fato, notar que *em Recife* é um adjunto adverbial de lugar. Na qualidade de adjunto, comporta-se como um termo realmente acessório. Isso significa que poderíamos desprezá-lo na frase, sem comprometimento para a sintaxe ou para a semântica. Assim, teríamos *Maria fez compras*.

Por outro lado, em (8), *em Recife* passa a ser mais necessário para o entendimento da frase. De fato, se desprezarmos esse termo, a frase ficaria incompleta: *Maria está*. Naturalmente perguntaríamos: *Maria está onde?* Com base nessa observação, Rocha Lima (1978), entre outros autores, chama esses verbos de *transitivos circunstanciais* (ou *adverbiais*).

Vejamos mais alguns exemplos de verbos transitivos circunstanciais:

(9) *Ela ia ao clube*.

(10) *Moro em São Paulo*.

(11) *O governador voltou do Canadá*.

Você deve estar se questionando: será que, no Ensino Médio, já estudei isso antes: verbo transitivo relativo e verbo transitivo circunstancial? A resposta é: provavelmente não. Essas duas classificações seguem uma proposta desenvolvida por alguns gramáticos, como Rocha Lima (1978) e Bechara (2003). A grande maioria dos autores, por outro lado, prefere seguir irrestritamente o que a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) propõe, ou seja, só haveria dois tipos de complemento verbal: o objeto direto e o objeto indireto.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Leia atentamente as duas frases:

a) "Iracema, depois que ofereceu aos chefes o licor de Tupã, saiu do bosque" (*Iracema*, José de Alencar).

b) "Gosto muito de você, leãozinho" ("O leãozinho", de Caetano Veloso). Classifique os verbos *oferecer* e *gostar* quanto à transitividade. Qual deles apresenta complemento relativo? Por quê?

2. Leia um trecho da canção dos Titãs “Nome aos bois” e responda à questão proposta”.

Nome aos bois

(Titãs)

Garrastazu

Stalin

Erasmus Dias

Franco

Lindomar Castilho

Nixon

Delfim

Ronaldo Bôscoli

Baby Doc

Papa Doc

(...)

O título da música faz referência a uma expressão conhecida. O verbo está subentendido nessa expressão. Como poderíamos classificá-lo, quanto à predicação? Trata-se de um complemento relativo ou objeto indireto?

RESPOSTA COMENTADA

1. Quanto à transitividade, o verbo **oferecer** é bitransitivo (direto e indireto) e o verbo **gostar** é transitivo relativo. O verbo **gostar** apresenta complemento relativo, pois não corresponde às formas nominais átonas **lhe/lhes**, e sim às formas tônicas **ele/eles**: **gosto muito de você = gosto dele**.

2. O verbo **dar** classifica-se como bitransitivo e seus complementos são, respectivamente: **nome** = objeto direto; **aos bois** = objeto indireto.

Complemento relativo

Para a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), o complemento relativo é apenas um tipo de objeto indireto. Porém, alguns autores (ROCHA LIMA, 1987; BECHARA, 1999) distinguem esse tipo de complemento do objeto indireto clássico. Já tivemos a oportunidade de conhecer as características principais dos verbos transitivos relativos. O *complemento relativo*, portanto, compartilha essas características básicas. Vejamos:

a) o complemento relativo não se refere à pessoa ou coisa a que se destina a ação verbal, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza;

b) o complemento relativo não é passível de substituição, na terceira pessoa, pelas formas átonas *lhe* e *lhes*. Só pode ser substituído pelas formas *ele*, *ela*, *eles*, *elas*, precedidas de preposição.

Assim, constituiriam casos de complementação relativa orações como as seguintes:

(12) Muitos assistiram ao final do campeonato.

(13) Esse trabalho depende do aval do chefe.

(14) Ninguém reparou na minha roupa nova.

(15) Maria gosta de uvas.

Nas quatro orações anteriores, os verbos *assistir*, *depende*, *reparar* e *gostar* possuem SPrep que não podem ser substituídos pelas formas *lhe* e *lhes*, mas sim por *a ele*, *dele*, *nela* e *delas*, respectivamente.

Como já dissemos anteriormente, ainda que levando em conta esses traços específicos, muitos autores consideram tal distinção sem maior relevância e eficácia para a descrição da sintaxe do Português. O fato de o complemento verbal ser introduzido por preposição, para muitos estudiosos, torna-o passível de inclusão na categoria de objeto indireto. Tal procedimento “enxuga” o rol de categorias, constituindo procedimento econômico de descrição gramatical.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1 e 2

3. Os versos que se seguem fazem parte de poema de Manuel Bandeira, poeta representante da literatura brasileira. Leia-os e responda à questão proposta:

(...)

Bebi o café que eu mesmo preparei,

Depois me deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei pensando...

– Humildemente pensando *na vida* e *nas mulheres* que amei.

(Manuel Bandeira)

Os sintagmas nominais destacados no texto são complementos verbais. Classifique-os. Justifique a sua resposta.

4. Leia a primeira estrofe do poema de Cecília Meireles, “Felicidade”, caracterizado pelos adjetivos que indicam transitoriedade:

Epigrama nº 6

És precária e veloz, Felicidade.
Custas a vir e quando vens não te demoras.
Foste tu que ensinaste *aos homens* que havia tempo
E para te medir inventaram as horas.
(...)

Segundo Rocha Lima, o complemento relativo apresenta as seguintes características:

- (a) Não representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza. Antes, denota, como o objeto direto, o ser sobre o qual recai a ação.
- (b) Não corresponde, na 3ª pessoa, às formas pronominais átonas *lhe*, *lhes*, mas às formas tônicas *ele*, *ela*, *eles*, *elas*.

O termo grifado no texto acima corrobora com essa assertiva? Explique.

RESPOSTA COMENTADA

3. O verbo *pensar* é um verbo transitivo relativo. Os complementos “na vida” e “nas mulheres”, ligados ao verbo por uma preposição determinada (contração, no caso, *em+a* e *em+as*) integram, com o valor de objeto direto, a predicação do verbo com significação relativa; são, portanto, complementos relativos.

4. Não. O verbo “ensinar” é transitivo indireto e seu complemento é um objeto indireto que corresponde na 3ª pessoa à forma pronominal átona *lhe*: ensinaste-lhes.

Complemento adverbial

Complemento adverbial é o termo de valor circunstancial que completa a predicação de um verbo transitivo adverbial. É expresso por um advérbio, locução ou expressão adverbial, como os termos destacados em:

- (16) *Onde* estavas?
- (17) Venho *de casa*.
- (18) Fique *aí*.
- (19) Vou *lá* agora.

De acordo com Rocha Lima (1987, p. 222), há certos verbos que requerem como complemento sintagmas circunstanciais, notadamente de lugar ou de tempo, para integralizarem sua significação. Esses sintagmas, também nomeados de *complemento circunstancial*, não funcionam como informação subsidiária; ao contrário, tornam-se imprescindíveis para o sentido da oração.

A fim de avaliarmos a função integrante do complemento circunstancial e sua distinção em relação ao caráter facultativo de outras ocorrências, vamos examinar os pares de oração a seguir:

(20) Moro *naquela distante cidade*.

(20') Dormi *naquela distante cidade*.

(21) O curso durou *um ano*.

(21') Pensei em você *um ano*.

Em (20) e (21), os sintagmas destacados completam efetivamente o sentido dos verbos *morar* e *durar*, que exigem, respectivamente, informações de natureza locativa e temporal para sua efetiva compreensão. Em Língua Portuguesa, algo como *Moro* ou *O curso durou* não são orações plenas, visto que lhes falta justamente o complemento verbal.

Já em (20') e (21'), a situação é outra – os verbos *dormir* e *pensar* não necessitam de complemento circunstancial. Assim, os mesmos sintagmas *naquela distante cidade* e *um ano* não funcionam aí como integrantes. Seu papel, ao contrário, é de natureza acessória.

Portanto, o que está em jogo na identificação do complemento circunstancial não é exatamente a expressão que cumpre esse papel, mas sim a predicação, o tipo de verbo, que poderá ou não exigir sua complementação por intermédio de um sintagma circunstancial. Em Português, há uma série de verbos que se incluem no grupo dos que exigem complemento circunstancial, como: *chegar, residir, ir, vir, habitar, distar, estar* (num local), entre outros.

Esses verbos são classificados inadequadamente como “intransitivos” e os sintagmas que os seguem são considerados indistintamente como “adjuntos”. Julgamos esse um tipo de descrição imprecisa, pois não condiz com o que ocorre de fato. Por tal tipo de interpretação equivocada, as orações (20) e (20'), bem como (21) e (21') teriam classificações correspondentes. Consideramos, pois, que cabe ao professor de Língua Portuguesa chamar a atenção para a impropriedade referida, levando seus alunos a refletir acerca do papel integrante desses sintagmas circunstanciais nos contextos de uso dos referidos verbos, como em (20) e (21), em contraste com sua efetiva função acessória, como em (20') e (21').

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1 e 3

5. Leia o texto abaixo, que é um trecho da música “Trem das onze”, de Adoniran Barbosa:

Não posso ficar nem mais um minuto com você
Sinto muito amor, mas não pode ser
Moro em Jaçanã
Se eu perder esse trem
Que sai agora às onze horas
Só amanhã de manhã
(...)

Fonte: <http://www.vagalume.com.br/adoniran-barbosa/trem-das-onze.html#ixzz1mxTZfU6A>

Há, no texto, um complemento circunstancial com valor de lugar, que é imprescindível a para interlocução desse gênero textual. Aponte-o.

6. Leia o texto a seguir:

Prazer e pesar

Leitor desta coluna, que prefere o sossego do anonimato, literalmente exumou este inesquecível anúncio fúnebre publicado no Estadão, em 10.10.81: “É com prazer que a diretoria e funcionários da Terrafoto S/A comunicam o falecimento de seu colega Eng. Sérgio...” (omito o sobrenome por respeito ao falecido).

(JAPIASSU, Moacir. *Jornal da Imprensa – a notícia levada acério.*)

Como se classifica, do ponto de vista sintático, a expressão que causa inadequação do texto?

RESPOSTA COMENTADA

5. O fragmento apresentado na questão traz o “onde”: Moro em Jaçanã. Essa informação é característica do complemento circunstancial. 6. A expressão que causa inadequação do texto é “com prazer”, e pode ser classificada como adjunto adverbial de modo. Não poderia ser classificada como complemento circunstancial pelo fato de **com prazer** ter caráter acessório.

CONCLUSÃO

Nesta aula, tratamos de dois termos integrantes, de duas funções sintáticas oracionais que concorrem para a complementação do sentido de verbos do português – o complemento relativo e o complemento circunstancial. Destacamos também que esses termos não foram devidamente contemplados pela tradição gramatical, de modo que não figuram como funções oracionais na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Assim, de modo geral, são classificados e estudados, respectivamente, como objeto indireto e adjunto adverbial.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

1. Em: “A notícia não agradou ao povo”, temos um verbo transitivo. O complemento desse verbo é um objeto indireto ou um complemento relativo?

2. Observe atentamente as duas orações abaixo:

a) Joana escreveu uma carta ao avô.

b) Maria assiste ao programa de televisão.

Especifique se há ocorrência de objeto indireto ou complemento relativo nas orações.

3. Eu levei as crianças ao *colégio*. Segundo Rocha Lima, o sintagma destacado classifica-se como complemento circunstancial. Justifique.

RESPOSTA COMENTADA

1. O complemento do verbo é um objeto indireto, visto que é possível substituir o complemento **ao povo** por **lhe**.

2. Em “a”, observamos que há designação do destinatário da ação; logo, **ao avô** é objeto indireto. Em “b” não há destinatário da ação; portanto, **ao programa de televisão** é um complemento relativo.

3. *Trata-se de um complemento de natureza adverbial por ser tão indispensável à construção do verbo quanto, em outros casos, os demais complementos verbais.*

RESUMO

Complemento relativo e complemento circunstancial são dois termos classificados como integrantes, no contexto da organização sintática da oração. Trata-se de funções que concorrem para integração do sentido de verbos, sendo, portanto, necessárias para a estruturação oracional. Esses termos distinguem-se de outros com que, com frequência, são “confundidos”. No caso do complemento relativo, distingue-se do objeto indireto já que não pode ser substituído por *lhe*, tal como ocorre com esta função; no caso do complemento circunstancial, não se confunde com adjunto adverbial, uma vez que preenche o sentido verbal, não se constituindo como mero adendo.

Termos integrantes III: complemento nominal

Ivo da Costa do Rosário
Mariangela Rios de Oliveira

Metas da aula

Apresentar o conceito de complemento nominal e destacar sua função na frase.

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer o complemento nominal na frase;
2. reconhecer a classe gramatical a que pertence o núcleo do complemento nominal;
3. distinguir adjunto adnominal e complemento nominal.

INTRODUÇÃO

Na aula anterior, vimos os complementos relativos e circunstanciais. Vimos que complemento relativo é aquele que, ligado ao verbo por uma preposição determinada (*a, com, de, em* etc.) integra, *com o valor de objeto direto*, a predicação de um verbo de significação relativa, e que o complemento circunstancial, sendo de natureza adverbial, é tão indispensável à construção do verbo quanto, em outros casos, os demais complementos verbais.

O segundo tipo de função complementar da sintaxe oracional do português é o complemento nominal, termo da oração que integra o sentido de certos nomes (substantivos e adjetivos), especificando-os. Sua relação com o termo cujo sentido complementa é feita por meio de uma preposição. Esse é o tema que iremos estudar nesta aula.

O CONCEITO DE “COMPLEMENTO NOMINAL”

Classificamos como “complemento nominal” um tipo de termo que integra, precisa ou limita o sentido de um outro termo, no caso, um substantivo, um adjetivo ou um advérbio. O complemento nominal é um sintagma preposicionado (SPrep) que estabelece relação estreita e coesa com seu antecedente, tanto do ponto de vista semântico quanto sintático.

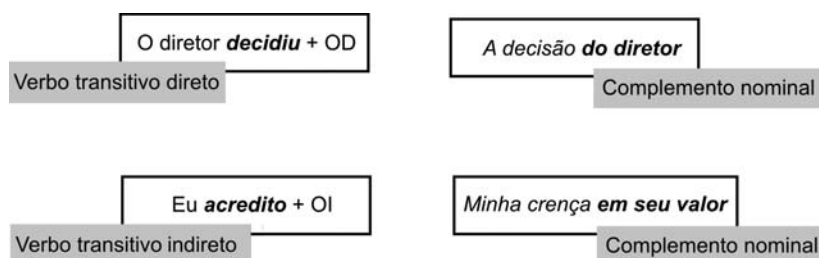
Tal como os complementos verbais, o complemento nominal tem papel integrante, atuando como elemento necessário à completude de sentido de um constituinte de base nominal, como nos seguintes exemplos:

- (1) A decisão **do diretor** surpreendeu o grupo de professores.
- (2) Não esmoreceu minha crença **em seu valor**.

Em (1) e (2), os SPrep destacados atuam como complementos nominais, integrando, respectivamente, os SN a decisão e minha crença. Trata-se de um tipo de relação considerada necessária e fundamental, uma vez que os sintagmas nominais (SN) referidos não teriam condições de, por si só, darem conta do processamento do conteúdo de uma forma mais “plena”. *Decisão* e *crença* são nomes que requerem, tal como os verbos transitivos, complementação de sentido.

Esses dois SN ilustram uma outra característica semântica do complemento nominal – a integralização de nomes abstratos derivados de verbos. Como esses verbos originalmente necessitam de complemento verbal, os nomes derivados, por sua vez, também exigem complemento – neste caso, classificado como “nominal”.

Assim, poderíamos estabelecer a seguinte relação a partir das orações (1) e (2):



Quando o complemento nominal integraliza um adjetivo ou advérbio, esses termos passam a funcionar como efetivos nomes que requerem o SPrep para a precisão do sentido, como em:

- (3) *Suas palavras são ofensivas a todos os presentes.*
- (4) *O hábito de fumar é prejudicial à saúde.*
- (5) *Indiferentemente à nossa vontade, ele não foi à festa.*
- (6) *Não tenho opinião formada relativamente a essa questão.*

Nas orações (3) e (4), os complementos destacados recortam o sentido dos adjetivos *ofensivas* e *prejudicial*, que funcionam como núcleos do predicado nominal; trata-se, à semelhança dos substantivos de (1) e (2), de nomes abstratos de base verbal. Em relação aos exemplos (5) e (6), o complemento nominal precisa o sentido dos advérbios de modo *indiferentemente* e *relativamente*, também circunstanciais formados a partir de nomes adjetivos (*indiferente* e *relativa*), confirmando sua equiparação a substantivos.

Desse modo, podemos declarar, como Kury (1986, p. 53), que o complemento verbal está para o verbo assim como o complemento nominal está para o nome. Ambos os termos integrantes concorrem para a necessária e esperada precisão do antecedente, seja este verbo ou nome. Segundo Rocha Lima (1987, p. 210) e Kury (1986, p. 51), trata-se, nos dois casos, de um tipo de “significação transitiva”, de um processo pelo qual acontece a integralização de palavras transitivas de base verbal ou nominal.

Ainda conforme Lima (1987, p. 210), o complemento nominal, assim nomeado pela NGB, recebe outras designações por parte de estudiosos: *objeto nominal* (Maximino Maciel), *adjunto restritivo* (Alfredo Gomes), *complemento restritivo* (Carlos Góis) e *complemento terminativo* (Eduardo Carlos Pereira, Sousa Lima).

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. No enunciado: “O amor a Deus é maior que tudo”, o termo destacado desempenha que função sintática? Comente.

2. Observe a gravura a seguir e crie um slogan, frase curta e apelativa, muito usada em publicidade ou propaganda política, no qual apareça um complemento nominal.



Observe a cena abaixo:



3. O enunciado “Não é permitida a entrada **de menores de idade**”, seria compreensível se suprimíssemos os termos em destaque? Comente.

RESPOSTA COMENTADA

1. 1. O termo “a Deus” desempenha a função de complemento nominal, pois integra o sentido de um nome com o auxílio de uma preposição.
2. Resposta pessoal. Observe as seguintes sugestões: “A atenção do motorista é fundamental”, “Não seja responsável por tragédias”, “Desatenção com segurança dá nisso!”, “Desobediência às leis de trânsito é um perigo!”.
3. Não, pois os termos complementam a significação dos nomes a que se referem e são os responsáveis pela tristeza das meninas, que não podem entrar.

REPRESENTAÇÕES

De acordo com Cunha e Cintra (1985, p. 135-136), na articulação do complemento nominal, o núcleo do SPrep que cumpre essa função pode ser representado por termo de classe morfológica variada, como:

a) Substantivo: é o tipo mais comum e frequente de núcleo de complemento nominal; nesse caso, o substantivo pode ser acompanhado ou não de outros determinantes; as orações anteriores (1) e (2) exemplificam essa representação:

(1) A decisão **do diretor** surpreendeu o grupo de professores.

(2) Não esmoreceu minha crença **em seu valor**.

Em ambos os complementos nominais, os substantivos *diretor* e *valor* (determinados) encontram-se anteceditos pelas preposições *de* e *em*, combinadas com o artigo definido *o* e o possessivo *seu* (determinantes), respectivamente.

b) Pronome: por constituir forma equivalente a nome, o pronome pode, eventualmente, funcionar como núcleo do complemento nominal:

(7) A decisão **dele** surpreendeu o grupo de professores.

(8) Minha crença **em você** não esmoreceu.

(9) Estou acostumado **a tudo isso**.

Em (7), o pronome reto *ele* atua como núcleo do complemento nominal; em (8), é o pronome de tratamento *você* que tem essa função; em (9), os pronomes *tudo* (indefinido) e *isso* (demonstrativo) integram o complemento nominal. Nas três orações, esses termos atuam como substitutos de nomes. Assim, para o sentido desses pronomes estar mais completo, necessita-se do contexto anterior, de informações outras, a fim de precisar quais os referentes para *ele*, *você* e *tudo isso*.

c) Numeral: por vezes, um numeral em função substantiva constitui o núcleo do complemento nominal, como em:

(10) A decisão **dos dois** surpreendeu o grupo de professores.

(11) Minha crença **em ambos** não esmoreceu.

Nas orações (10) e (11), os numerais *dois* e *ambos* encontram-se no lugar de nomes, substituindo-os. Tal como observamos em relação ao núcleo pronominal, no caso dos numerais, também há necessidade de se

recorrer a contexto linguístico mais amplo para determinar a referência do numeral, no caso das orações em análise, o conteúdo referente a *dois* e a *ambos*.

d) Termo substantivado: aqui se reúnem todas as demais classes de palavra, como verbos e advérbios, que, ao funcionarem como núcleo do complemento nominal, passam a corresponder a substantivos:

(12) *O domínio do saber é fundamental para o sucesso.*

(13) *A incerteza de um “talvez” prejudica nossos projetos profissionais.*

Na oração (12), temos a substantivação do verbo *saber*, enquanto em (13) substantiva-se o advérbio *talvez*. Em ambas as orações, o processo de substantivação realiza-se na sua forma categórica, ou seja, por intermédio de uma estratégia sintática – a anteposição do artigo.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1 e 2

4. Leia o fragmento abaixo:

O planeta sarado

Com a aproximação do verão, a obsessão do povo desta cidade pelo corpo está beirando a loucura. Nas ruas, nas praias, nos escritórios, só se fala em calorias, corpo definido (tem também indefinido?), bíceps, tríceps. Sarados andam com sarados, barrigudinhos com barrigudinhos. As castas não se misturam. E aí de um não malhado que quiser se enturmar. Leva bola preta. Pedir sobremesa na frente de todo mundo no restaurante, nem pensar. É pior que tirar a roupa em público. (...)

(CARNEIRO, João Emanuel. O planeta sarado. In: *Veja Rio*, n. 27, dez. 2000.)

Observe atentamente os termos grifados no texto. Como são classificados sintaticamente? Qual é o núcleo desses sintagmas? Como são classificados morfológicamente?

5. No fragmento a seguir, Daniel Munduruku fala sobre os significados dos nomes indígenas de lugares de São Paulo, refletindo sobre os povos que participaram e participam da construção dessa cidade. Observe esta passagem:

Tatuapé – O caminho do tatu

Uma das mais intrigantes invenções humanas é o metrô. Não digo que seja intrigante para o homem comum, acostumado com os avanços tecnológicos. Penso no homem da floresta, acostumado com o silêncio da mata, com o canto dos pássaros ou com a paciência constante do rio que segue seu fluxo rumo ao mar. (...)

Andando no metrô que seguia rumo ao Tatuapé, fiquei mirando os prédios que ele cortava como se fossem árvores gigantes de concreto. Naquele itinerário eu ia buscando algum resquício das antigas civilizações que habitaram aquele vale. Encontrei apenas urubus que sobrevoavam o trem que, por sua vez, cortava o coração da Mãe Terra como uma lâmina afiada. (...)

Não vi nenhum tatu e isso me fez sentir saudades de um tempo em que a natureza imperava nesse pedaço de São Paulo habitado por índios Puris. Senti saudade de um ontem impossível de se tornar hoje novamente. (...)

(MUNDUKURU, Daniel. *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena*. São Paulo: Callis, 2004, p.14-16.)

a) Há, no primeiro parágrafo, sintagmas nominais que constroem a oposição entre aquilo com que estão acostumados o “homem comum” e o “homem da floresta”. Esses termos são complementos nominais. Comprove a afirmativa com exemplos.

b) Que complemento nominal caracteriza o sentimento do indígena em relação à irrefreável ação transformadora do ser humano sobre a natureza no último parágrafo? Como se classifica morfologicamente o núcleo desse termo?

RESPOSTA COMENTADA

4. Os termos grifados são complementos nominais. Os núcleos são, respectivamente, “verão” e “povo”. São substantivos.

5. a) São os complementos nominais de “acostumado”, que mostram aquilo com que o homem comum está acostumado, ou seja, com os avanços tecnológicos, e as coisas com que o homem da floresta está acostumado – com o silêncio da mata, com o canto dos pássaros, com a paciência constante do rio.

b) “De um ontem impossível de se tornar hoje novamente” é o complemento nominal de “saudade”, indicando ao mesmo tempo a tristeza do narrador indígena em relação à mudança da paisagem de São Paulo e a sua percepção sobre a impossibilidade de que as coisas voltem a ser como antes. O núcleo desse termo é “ontem”, que, nesse contexto, assume a classificação de substantivo.

FUNÇÕES SINTÁTICAS INTEGRADAS

Por conta de sua função maior, que é a de complementar ou de precisar o sentido de um termo de base nominal ou nominalizado, são variadas as funções sintáticas que podem ser integralizadas por complemento nominal. Vamos, pois, apresentar algumas das mais representativas dessas funções:

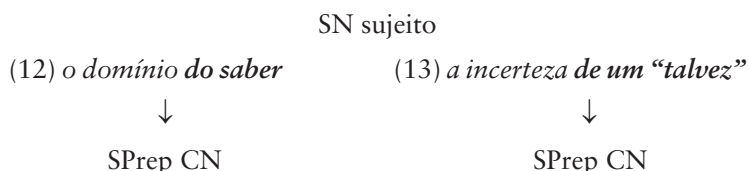
a) Sujeito:

Como esta função sintática tem base nominal e é bastante produtiva na língua portuguesa, o complemento nominal integrante do SN sujeito tem grande índice de ocorrência. As duas orações anteriores, (12) e (13), entre outras aqui já apresentadas, são exemplos desse tipo:

(12) *O domínio do saber é fundamental para o sucesso.*

(13) *A incerteza de um “talvez” prejudica nossos projetos profissionais.*

Os complementos destacados em (12) e (13) são parte integrante dos SNs sujeitos *o domínio do saber* e *a incerteza de um “talvez”*. Esses complementos situam-se hierarquicamente abaixo dos núcleos nominais *domínio* e *incerteza*, subordinados a estes, como ilustramos a seguir:



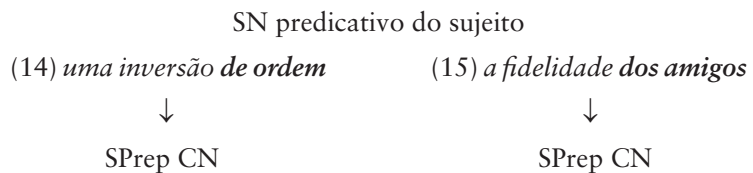
b) Predicativo:

No predicado nominal, por vezes seu núcleo, o predicativo, é formado com apoio em complemento nominal, com vistas à precisão e à definição do sentido veiculado:

(14) *Essa situação parece uma inversão de ordem.*

(15) *A maior virtude é a fidelidade aos amigos.*

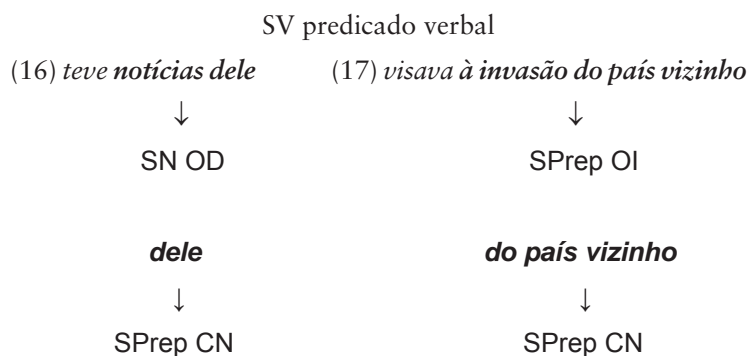
Nas orações anteriores, *inversão* e *fidelidade* funcionam como núcleos do predicativo, como os termos mais importantes do predicado nominal. Ambos requerem complementação, sem a qual sua referência fica prejudicada ou incompleta. Assim, os SPreps destacados concorrem para a completude do sentido desses predicativos, atuando como complemento nominal e a eles subordinados:



c) Objeto direto/indireto: no predicado verbal, a função mais frequente do complemento nominal é a integralização do complemento verbal, numa estratégia que articula três níveis hierárquicos: predicado verbal > objeto direto/indireto > complemento nominal. Vejamos como funciona essa escala, com base nas duas orações a seguir:

(16) *Ninguém teve notícias dele.*

(17) *A guerra visava à invasão do país vizinho.*



Há ainda outras funções sintáticas, de caráter mais acessório, como agente da passiva e adjunto adverbial, que podem se integrar por complemento nominal, mas, por constituírem exemplos mais raros na língua, serão tratados quando as referidas funções forem estudadas.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1 e 2

6. Leia o anúncio a seguir para responder às questões propostas:



Você tem só vida? Ou
qualidade de vida?



Venha para **Nosso
Condomínio** se você
respondeu "sim" somente
à primeira pergunta.

a) O termo "vida" aparece em dois momentos distintos, desempenhando funções sintáticas diferentes. Que funções são essas?

b) O complemento nominal da questão anterior complementa o sentido de um termo que exerce que função sintática?

7. Observe as frases abaixo:

A leitura do jornal é uma atividade obrigatória.

Seu comportamento foi favorável ao candidato da oposição.

Nos dois enunciados há termos que completam o sentido de um nome com preposição. Identifique-os. Em seguida, diga que função sintática exercem os sintagmas que estão sendo complementados.

8. Em: "Agi favoravelmente aos alunos.", como podemos classificar sintaticamente o termo grifado? Esse termo complementa o sentido de que palavra? Qual é a classe gramatical desse vocábulo?

RESPOSTA COMENTADA

6. a) Em “qualidade de vida”, o termo vida desempenha função de complemento nominal; em “só vida”, o termo vida exerce a função de objeto direto.

b) No enunciado “Você tem qualidade de vida”, o complemento nominal integra o sentido do termo que exerce a função sintática de objeto direto.

7. No primeiro enunciado “A leitura do jornal é uma atividade obrigatória”, “do jornal” é o complemento nominal que está inserido no sujeito; já no segundo, “Seu comportamento foi favorável ao candidato da oposição.”, “ao candidato da oposição” é o termo que complementa o sentido do nome. Esse termo está inserido no predicativo do sujeito.

8. O termo é classificado como complemento nominal e complementa o sentido da palavra “favoravelmente”, que é um advérbio de modo.

COMPLEMENTO OU ADJUNTO?

Até aqui, apresentamos o complemento nominal como uma função clara e bem delimitada, em torno da qual não há maiores problemas ou dúvidas. Mas não é tão simples, em muitos casos, determinar os limites entre a função complementar do SPrep, de caráter essencial, e a sua função adjuntiva ou acessória, de natureza eventual e fortuita. Frequentemente, torna-se bastante tênue a distinção entre o papel complementar ou acessório do SPrep.

Em relação a adjetivos e advérbios, de acordo com Lima (1987, p. 210), não há dúvidas – “o termo que a eles se liga por preposição é, SEMPRE, complemento nominal” (destaque do autor). Portanto, o questionamento se dá diante de substantivo, que é um dos contextos mais comuns de uso do SPrep.

Ainda conforme Lima (1987), a dúvida reside em dois aspectos complexos para a descrição gramatical, seja essa descrição de viés tradicional ou linguístico: o conceito de transitividade e o grau de abstração

dos nomes. Tal complexidade tem a ver com o fato de que tanto transitividade quanto abstração são parâmetros escalares, e não propriamente marcas absolutas. Portanto, muitas vezes, para tratar desses parâmetros, é preciso relativizar, usar rótulos como “mais” ou “menos” transitivo ou abstrato; e nem sempre essa é uma questão consensual e unânime.

Em relação à transitividade, importa saber, para identificar a função complementar do SPrep, se o nome que o antecede é “transitivo”, ou seja, se necessita do SPrep fundamentalmente para precisar-lhe o sentido. Ora, em muitos casos, não é clara a delimitação entre nomes transitivos e intransitivos. Vejamos os exemplos seguintes, alguns aqui retomados:

(10) A *decisão dos dois* surpreendeu o grupo de professores.

(14) Essa situação parece uma inversão *de ordem*.

(18) A *prova dos dois* surpreendeu o grupo de professores.

(19) Essa situação parece um caso *de ordem*.

Nas orações (10) e (14), os SPrep *dos dois* e *de ordem* são classificados como complemento nominal por conta da transitividade dos nomes *decisão* e *inversão*, que necessitam dos referidos SPreps para a precisão da referência articulada na oração. Já os mesmos SPreps em contextos distintos, nas orações (18) e (19), atuam em função acessória, como adjuntos, por conta da “intransitividade” dos nomes *prova* e *caso*, considerados de sentido pleno. Na verdade, aplicando a perspectiva escalar referida nesta seção, poderíamos dizer que o substantivo *prova* é mais intransitivo do que *caso*; assim, em termos de classificação, a função acessória de *dos dois*, em (18), é mais evidente e inquestionável do que a função acessória de *de ordem*, em (19).

O sentido pleno dos nomes intransitivos observados em (18) e (19) corresponde também a seu nível de maior “concretude”. Assim, quanto mais intransitivos são os substantivos, mais concreta é sua referência, mais ocorre significação plena; ao contrário, a transitividade é acompanhada por maior nível de abstração. De acordo com o grau de abstração, nas quatro orações aqui tratadas, diríamos que *decisão* e *inversão*, em (10) e (14), termos mais abstratos, motivam a função complementar dos SPrep *dos dois* e *de ordem*; por outro lado, os substantivos *prova* e *caso*, em (18) e (19), mais concretos e semanticamente definidos, justificam a função acessória dos mesmos SPreps nestas orações. Em termos de grau de abstração, como *prova* é mais concreto (mais palpável, visível,

autônomo) do que caso, novamente aqui podemos dizer que dos dois é mais acessório do que de ordem.

De acordo com Lima (1987, p. 211), os substantivos abstratos que requerem complemento nominal são de dois tipos:

a) De ação: correspondentes a verbos transitivos ou a verbos que requerem complemento circunstancial:

(17) *A guerra visava à invasão do país vizinho.*

(20) *Minha ida a Salvador foi uma decisão acertada.*

Em (17), aqui retomada, o objeto indireto à invasão do país vizinho corresponderia a um predicado verbal como *invadir o país vizinho*; em (20), ida a Salvador estabeleceria relação com o SV *ir a Salvador*.

b) De qualidade: correspondentes a adjetivos usados transitivamente:

(15) *A maior virtude é a fidelidade aos amigos.*

(21) *Tenho certeza da vitória.*

O predicativo a fidelidade aos amigos, em (15), guarda relação com a construção adjetiva *fiel aos amigos*. O objeto direto certeza da vitória corresponde ao sintagma *certo da vitória*.

Porém, mesmo diante do esforço em descrever e classificar os antecedentes nominais e os SPreps que lhe seguem com base na distinção entre a função complementar e a adjuntiva, em muitos casos, essa identificação não é tarefa das mais simples. Um dos grandes desafios ou entraves é justamente o aspecto escalar da transitividade e da abstração. Há nomes que não se encontram nos eixos básicos desses dois parâmetros e, assim, o contexto oracional maior é que pode, de algum modo, apontar o tipo de relação que o SPrep estabelece com o nome antecedente.

Lima (1987, p. 211-212) apresenta a seguinte situação ilustrativa desse tipo de relação sintática e semântica, em torno do nome *plantação*:

(22) *A plantação de cana enriqueceu, outrora, a economia do país.* (exemplo do autor)

(23) *Em poucas semanas, os insetos destruíram a plantação de cana.* (nosso exemplo)

Segundo o autor, na oração (22), o substantivo plantação tem sentido abstrato, referindo-se à ação de plantar, portanto, representa um nome que requer como objeto o SPrep de cana, que funciona como

complemento nominal. Já na oração (23), o mesmo nome *plantação* assume referência mais concreta, ao significar um local, um espaço físico onde foi feito plantio específico, portanto, o SPrep *de cana* tem aí função acessória, atuando como adjunto. De fato, o que é decisivo na interpretação de Rocha Lima para o SN *plantação de cana* é a análise da relação entre o sujeito e o predicado. Em (22), o sujeito é o próprio SN *plantação de cana*, que metaforicamente “enriqueceu” um objeto também usado de modo abstrato, *a economia do país*, portanto, o sentido da oração (22) é, todo ele, de referência abstrata. Em (23), ao contrário, o sujeito concreto *os insetos* e o predicado *destruíram a plantação de cana* compõem uma oração em que se articula referência concreta.

Conforme Rocha Lima (1987), os muitos casos de dúvida em relação à função complementar ou adjuntiva do SPrep ocorre em torno de formações com a preposição *de*, pois esta é uma das preposições mais “vazias”. Esse esvaziamento de sentido, de referência mais concreta, faz com que *de* seja articulada em contextos ambíguos e complexos, como as orações (22) e (23), aqui referidas.

O que o autor também nos mostra com esse par de orações é que a análise sintática das funções oracionais deve ser feita levando-se em conta a totalidade da oração, e não termos isolados. Antes de se ater a casos particulares e específicos da relação sintática, é preciso examinar essa relação no nível maior. Em outras palavras, para compreender as partes, é preciso compreender antes o todo.

CONCLUSÃO

Nesta aula nos dedicamos à descrição e à análise de uma das funções sintáticas que os termos da oração podem cumprir – a função de complemento nominal. Vimos que se trata de um papel exercido por sintagma preposicional (Sprep), que atua, como indica o nome, na complementação do sentido de um substantivo, adjetivo ou advérbio. O complemento nominal é classificado como uma função integrante, por conta do seu papel fundamental na precisão do sentido do termo que complementa. Vimos também que nem sempre é tarefa simples distinguir entre o papel de complemento ou de adjunto de um SPrep.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

1. Sutil, muitas vezes, é a diferença entre um complemento nominal e um adjunto adnominal. Observe as frases a seguir e distinga os termos.

a) Foi feito um pedido de socorro.

b) Atenderam ao pedido da firma.

2. Os versos abaixo pertencem ao poema “Mãos dadas”, de Carlos Drummond de Andrade, importante representante do modernismo brasileiro. Leia os versos referidos para responder à questão proposta:

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.

Também não cantarei o mundo futuro.

Estou preso à vida e olho meus companheiros.

Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.

Entre eles, considero a enorme realidade.

O presente é tão grande, não nos afastemos.

Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,

(...)

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião* – 10 livros de poesia. 10. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980. p. 55.)

Dê a função sintática do termo destacado no verso seguinte: “Estou preso à vida e olho meus companheiros.”

3. No enunciado a seguir, que função os termos em destaque desempenham?

“Você, que é íntimo dele, não nos podia dizer o que há, o que houve, que motivo...”
(Machado de Assis)

RESPOSTA COMENTADA

1. Em (a), o termo complementado é um substantivo abstrato de valor transitivo, visto que equivale a "pedir socorro". Assim, trata-se de um complemento nominal; em (b), o termo complementado é um substantivo concreto, portanto, "da firma" é um adjunto adnominal, pois a preposição "de" tem sentido ativo e o termo corresponde a "a firma pediu" e não "a firma foi pedida".
2. O termo destacado é complemento nominal.
3. No primeiro enunciado, o termo em destaque é um complemento nominal; no segundo, adjunto adnominal.

RESUMO

O complemento nominal preenche o sentido de um substantivo, de um adjetivo ou de um advérbio, precisando estes termos. Trata-se de uma função integrante que é exercida por um sintagma preposicionado (SPrep). O complemento nominal geralmente integra funções sintáticas maiores de base substantiva, como sujeito, predicativo, objetos direto e indireto, entre outras. Por vezes, é sutil a distinção entre a função complementar (integrante) e adjuntiva (acessória) de um SPrep, uma vez que nem sempre é tarefa simples verificar se o papel deste SPrep complementa ou somente acrescenta sentido ao termo que o antecede.

Português II

Referências

Aula 1

AZEREDO, José Carlos. *Iniciação à sintaxe do português*, 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1986.

Aula 2

ALFABETIZAÇÃO. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 19 jul. 2011.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

AZEREDO, José Carlos. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1991.

CASTRO, Ruy. *Carmem: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 2003.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. São Paulo: Globo, 2002.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2001.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

QUINTANA, Mário. *Porta giratória*. São Paulo: Globo, 1988.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 31. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

LIMA, Carlos Henrique Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. São Paulo: Contexto, 2006.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Seleção de crônicas do livro Comédias da vida privada*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

AZEREDO, José Carlos. *Iniciação à sintaxe do português*, 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 2003.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. São Paulo: Globo, 2002.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1999.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967. p 169.

ASSIS, Machado. *Varias histórias*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ABAURRE, Maria Luiza M. *Português: contexto, interlocução e sentido*. São Paulo: Moderna, 2008. p. 525.

AZEREDO, José Carlos. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

BECHARA, Evanildo. Duas afirmações muito complexas In: ELIA, Silvio et al. (Org.). *Na ponta da língua*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1998, p. 78-79.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *O homem do furo na mão e outras histórias*. São Paulo: Ática, 1998.

BUARQUE, Chico. *Carolina*. Letras.mus.br. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45122/>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1986.

LIMA, Carlos Henrique Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*. São Paulo: Ática, 1977.

LITERATURA comentada: Noel Rosa. São Paulo: Abril Educação, 1982. p. 86.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 8. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

MURAMOTO, Dilza M. *As melhores piadas e anedotas da praça*. [S.l]: Creen, [20--].

QUINTANA, Mário. *Prosa & verso*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1980. p. 94.

SANTELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTOS, Cineas. *Miudezas em geral*. Teresina: Edições Corisco, 1986. p. 23.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias da vida privada*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

Aula 6

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002. p. 427-431.

Aula 7

BANDEIRA, Manuel. *Manuel Bandeira – poesia completa e prosa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

KURY, Adriano da Gama. *Inovações na regência verbal*. In: ELIA, Silvio et alii (org). Na ponta da língua. Rio de Janeiro: Lucerna, 1998, p. 34-36.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1986.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 8ª. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

MORAES, Vinícius de. *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1968.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

Aula 8

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Lucerna: Rio de Janeiro.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 28. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

Aula 9

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesia*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. p. 55.)

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CARNEIRO, João Emanuel. *O planeta sarado*. Veja Rio, n. 27, dez. 2000.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1986.

LIMA, Carlos Henrique Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987.

MUNDUKURU, Daniel. *Crônicas de São Paulo: um olhar indígena*. São Paulo: Callis, 2004, p.14-16.

